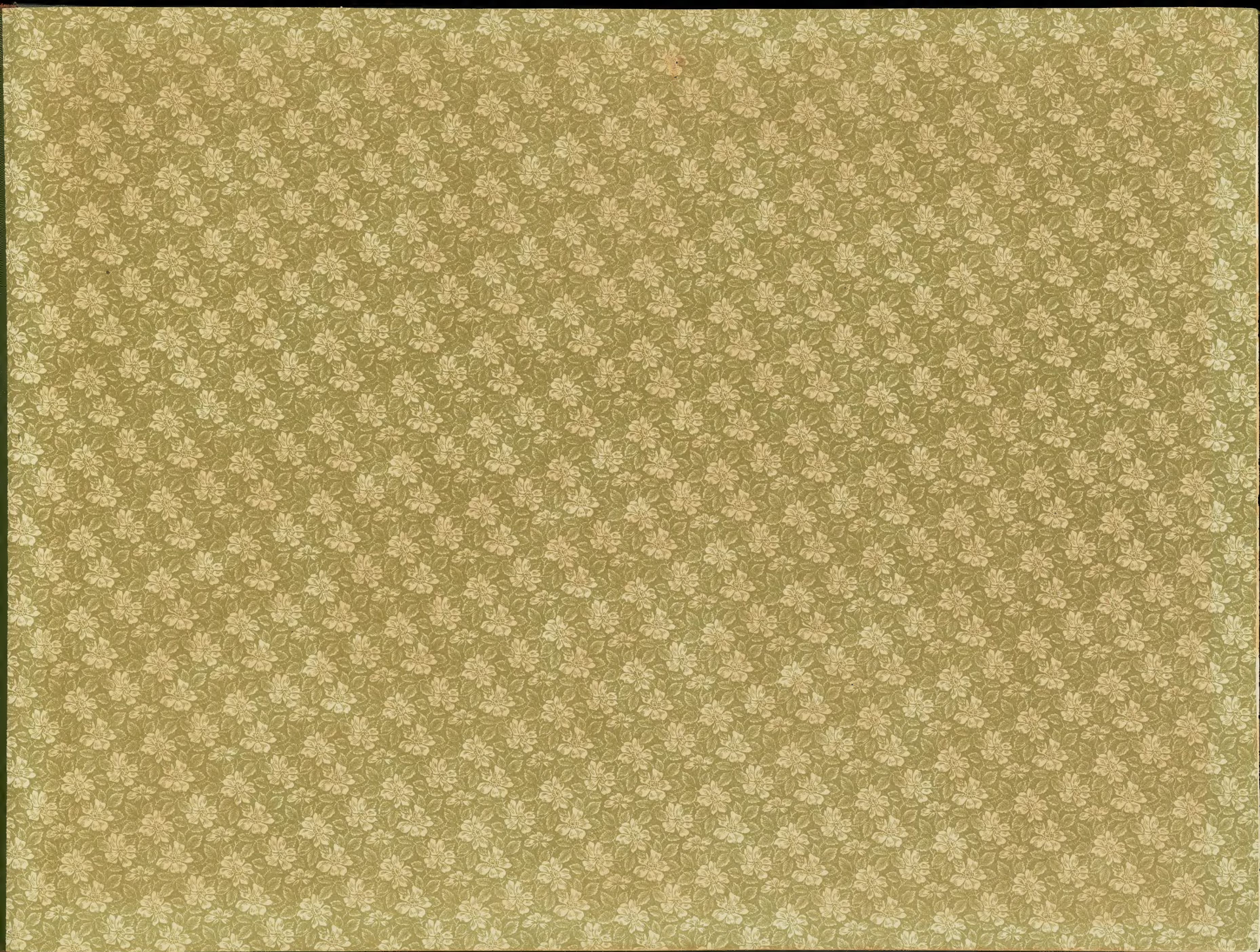


A Arte e a Natureza em Portugal


LIVRARIA E PAPELARIA
· DE ·
FRANCISCO ROMERO
LISBOA
192, R. DE S. PAULO, 194



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Typ. de Antonio José da Silva Teixeira
Rua da Cancella Velha, 70 — Porto

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

VOLUME SEGUNDO

EMILIO BIEL & C.ª — Editores

PORTO

MDCCCCIII

Lisboa

Na Ribeira Nova

ÚTILA manhã de maio. A abobada do céo, de intenso azul, só a espaços rasgada por algumas nuvens alvinitentes que a brisa fraquissima vagarosamente espalha no alto, deslumbra quem para o alto ergue os olhos; o globo do sol, jorrando luz e fogo, esse nem consente que o fitem. Em baixo, pelo sul, a linha da Outra-Banda recorta-se, nitida nos montes abruptos desde o Alfeite até ao Lazareto, levemente esfumada nas terras alagadas que do Barreiro fogem para Alcochete e que ao longe o altivo castello de Palmella domina, e mais indecisa para o poente pela tremulina da barra; pelo norte ergue-se a casaria da nobre cidade, orlada junto ao rio por cem chaminés que vomitam fumo, e trepando as collinas, até ao zimborio da Estrella e até ás torres das Chagas e de Santa Catharina, marcas tão queridas dos marinheiros. E entre as duas margens o Tejo, que é um braço de mar, reflecte a claridade do céo e o fogo do sol nas suas aguas cortadas a miude por tantas embarcações que deixam apoz si fulgurantes esteiras.

Pois em espaço relativamente estreito do rio e da margem direita se concentra em dado momento actividade febril. Eil-as que vão chegando, as embarcações de pesca: *cahiques* do Algarve conduzindo atum e cavalla, *canoas da picada* carregadas de pescaria fresca trazida de Caparica e de Cezimbra, *botes* do Seixal e do Barreiro, de velame complicado, que arrastaram no mar da Barra, *lanchas* e *barcos do alto* que foram mais longe, *meias-luas* e *ilhavos* que pescaram entre Cabos, *botes* e *bate-bates* que exploraram as aguas do rio. Tudo alli vem, nas primeiras horas da manhã, trazer a variada e riquissima colheita arrancada ao mar, e que dentro em pouco vae ser distribuida pela cidade ou expedida pelas linhas ferreas. A breve trecho a flotilha numerosa mistura os seus cascos tão variados e a floresta dos seus mastros e antennas aos não menos numerosos barcos dos serviços de carga e transporte, *fragatas, catraios, faluas* e *vapores,* que a cada momento chegam ou largam.

Lisboa é um *porto de pesca,* maritima e fluvial, de primeira importancia, não tanto pelas embarcações matriculadas propriamente na cidade, como pelas que lhe são tributarias dos portos de pesca da bacia do Tejo — Paço d'Arcos, Trafaria, Belem, Seixal, Barreiro e Villa Franca — ás quaes se deve accrescentar, fóra da barra, as de Cascaes, Caparica e ainda Cezimbra, a *piscosa,* como lhe chamou Camões. Segundo a estatistica de 1899, Lisboa, com os outros portos fluviaes, tinha 194 barcos de pesca com 1:300 tripulantes, ao passo que Cezimbra apresentava 460 embarcações com 4:042 individuos empregados na pesca.

Singular contraste. O pescador é em geral taciturno, concentrado; as suas vozes são graves, os movimentos pesados, lentos. Chegaram, apresentaram a pescaria, e quedam-se a descançar, os velhos, saboreando o cachimbo, ao passo que os mais novos revistam as rêdes e vão baldeando os barcos á proporção que se esvasiam. Mas outra população garrula, irrequieta, agil, continúa e completa a obra dos trabalhadores do mar: é o mundo das varinas. Depressa se arremataram os *lanços,* vivamente disputados; e logo as buliçosas se apossam da pescaria, e dispõem nas *canastras* as variadas especies, dando-lhes o relevo que a cada uma pertence segundo regras tradicionaes, e quantas vezes levando a arte ao ponto de disfarçarem por completo defeitos que o peixe trouxe. Depois, aos ranchos, sahem da Ribeira, espalham-se pelo Aterro, cantando alto os conhecidos *pregões;* a pouco e pouco os bandos dispersam, cada varina tem a sua rua ou o seu bairro afreguezado, e assim até aos confins da cidade é levado o appetitoso regalo dos ricos e a necessaria mantença dos pobres. Mil e quinhentos contos foi, segundo a estatistica, o valor total da pesca no departamento maritimo do centro em 1899; talvez não seja arriscado dizer que mais de metade d'essa importancia foi consumida na capital.

Do quadro que procuramos esboçar, dá ideia a bella phototypia que se publíca, e que representa um trecho da Ribeira Nova, ou melhor dos caes do Aterro, antes das obras do porto. Estas obras vieram modificar um tanto a disposição do desembarque do peixe, mas a animação é ainda a mesma, porque a exploração das aguas maritimas do nosso paiz augmenta em intensidade de anno para anno,

Lisbonne

La Ribeira Nova

AR cette glorieuse matinée, mai étale toutes ses splendeurs. La voûte céleste, d'un bleu intense tâché de loin en loin par de rares nuages blanchâtres qu'un souffle léger parvient à peine à déplacer, éblouit les yeux qui tentent le fixer: quant au soleil d'où jaillissent des torrents de feu et de lumière, il serait oiseux de le tenter. En regardant vers le sud, la ligne de la rive gauche se dessine très nettement dans les collines abruptes qui séparent Alfeite du Lazaret, légèrement estompée dans les terrains inondés entre Barreiro et Alcochete que domine au loin le hautain château de Palmella, de moins en moins nette à mesure qu'en se rapprochant de l'embouchure du fleuve elle se perd dans la brume de la mer. Au nord l'énorme tas de maisons de la ville, ourlé le long du fleuve par des centaines de cheminées vomissant des nuages de fumée, couvre les collines et grimpe jusqu'au dôme da Estrella et jusqu'aux tours des Chagas et de Santa Catharina, si chères aux matelots. Entre les deux rives, le Tage, vrai bras de mer, reflète la clarté du ciel et le feu du soleil dans ses eaux coupées à tout moment par des bâtiments sans nombre qui laissent derrière eux d'éblouissants sillages.

Une activité fébrile règne à un certain moment du jour et dans un espace relativement étroit de la rive droite. Voici les bâteaux de pêche qui arrivent: *cahiques* d'Algarve avec le thon et le maquereau, *canoas da picada* chargées de poisson frais de Caparica et de Cezimbra, *botes* de Seixal et de Barreiro, aux voiles compliquées, qui ne dépassent pas l'embouchure, *lanchas* et *barcos do alto* qui vont loin, *meias luas* et *ilhavos* qui font leurs pêches entre Cabos, *botes* et *bate-botes* qui explorent les eaux du fleuve. C'est là que vient s'étaler dès les premières heures du jour la récolte abondante et variée arrachée à la mer, que l'on va bientôt distribuer par la ville ou expédier par les voies ferrées. Bientôt la forêt de mâts et d'antennes de la nombreuse flottille s'entremêle aux non moins nombreux bâteaux de charge et de transport: frégates, canots, felouques, vapeurs qui arrivent et s'en vont à chaque instant.

Lisbonne est un port de pêche de premier ordre, non seulement à cause des bâteaux inscrits dans les régistres de la ville, mais encore de ceux qui lui sont tributaires et qui proviennent des différents ports de pêche du bassin du Tage — Paço d'Arcos, Trafaria, Belem, Seixal, Barreiro et Villa Franca — auxquels il faut encore ajouter, au delà de l'embouchure, ceux de Cascaes, Caparica et Cezimbra, la *piscosa,* selon l'expression de Camoes. D'après la statistique de 1899, Lisbonne, avec les autres ports fluviaux, ne possédait que 194 bâteaux de pêche avec 1:300 pêcheurs, tandis que Cezimbra ne présentait pas moins de 460 bâtiments avec 4:042 hommes.

Singulier contraste! Le pêcheur est d'ordinaire taciturne et concentré; il parle à voix basse, ses mouvements sont lents et lourds. Dès qu'ils arrivent, ils étalent le produit de leur pêche et se livrent ensuite au repos, les vieux allument leurs pipes tandis que les jeunes s'occupent des filets ou bien se mettent à laver les bâteaux vidés. Mais une autre population affairée et agile, continue et complète le besogne des travailleurs de la mer: c'est la foule des *varinas.* Une fois les lots adjugés après des enchères vivement disputées, elles s'en emparent et entassent les différents poissons dans leurs *canastras,* disposant chaque espèce selon des règles traditionnelles et souvent même de façon à en cacher complètement les défauts, après quoi elles dispersent peu à peu, et s'en vont par bandes, en criant bien haut leur marchandise. Chacune a sa rue ou son quartier; et de cette façon l'appétissant régal est porté aux limites les plus éloignées de la ville. En 1899 la valeur totale de la pêche dans le département maritime du centre monta, selon la statistique de cette année, à mille cinq cents contos (de sept à huit millions de francs), et il n'est pas téméraire d'affirmer que plus de la moitié de cette somme fut dépensé dans la capitale.

La belle phototypie qui accompagne le texte donne une idée assez parfaite du tableau que nous avons essayé d'esquisser, et qui représente une partie de la Ribeira Nova, ou plutôt du quai de l'Aterro, avant les travaux du port.

e o consumo cresce na mesma proporção. O elegante barco de pesca dá a nota local do movimento do Tejo; o perfil caracteristico da varina é o typo popular mais interessante das ruas de Lisboa.

Camara Municipal

Foi a instituição municipal uma das que mais cedo se avigorou no nosso paiz, podendo affirmar-se que a sua historia está ligada intimamente com a da terra portugueza no que respeita ao viver interno do povo. D'esta maneira cada municipio procurava ter o seu palacio, o seu paço, *paços do concelho,* onde vereadores e homens bons tratavam os diversos negocios da administração, com bem maior independencia, diga-se, no antigo regimen do que hoje em dia.

Mas observe-se que, em geral, os paços do concelho em Portugal não eram edificações de luxo e grandeza, talvez porque as maiores dedicações e as mais rotas liberalidades se applicavam a essas magnificas construcções religiosas e de caridade, mosteiros, egrejas e misericordias, que tão bem correspondiam ao espirito dos tempos. E assim não deve admirar que Lisboa, que foi, principalmente antes do terramoto, um museu de bellissimas edificações dos successivos estylos, não tivesse tido, que se saiba, o seu *Senado* estabelecido em paço correspondente á preexcellencia de cabeça do reino.

Depois do terramoto foi destinada para esse fim uma parte das reconstrucções da Baixa, justamente no local onde hoje se ergue a Camara Municipal; mas d'ahi teve de ser mudada a séde do municipio para a parte da edificação pombalina que fazia esquina da rua Aurea para a praça do Commercio. Em 1863 um incendio destruiu todo esse quarteirão, e desde logo se pensou em estabelecer de novo a Camara no local onde primeiramente estivera, e que ao tempo era occupado pelo Banco de Portugal, passando o Ministerio do Reino a installar-se na parte que se reconstruiu na esquina da rua Aurea, e abrindo-se entre os dois grupos de edificações uma travessa, que anteriormente não existia, e que, é curioso, ainda hoje não tem nome.

Sem fallar n'um primeiro esboço do engenheiro Pezerat, apenas lembraremos que em sessão camararia de 26 de novembro de 1866 foi encarregado do projecto dos novos paços do concelho de Lisboa o architecto Domingos Parente da Silva, ha dias fallecido, o qual em poucos mezes elaborou os planos e respectiva memoria. Deve notar-se que, de principio, o novo edificio era destinado a alojar conjuntamente a Camara Municipal e o Banco de Portugal, e n'esse sentido foi delineado o primitivo projecto. Mais tarde o Banco resolveu estabelecer-se em casa propria, e d'ahi resultou que os serviços municipaes ficassem dispondo de maiores espaços, mas com distribuição e adaptação bem diversas das que certamente teriam sido determinadas, se desde o começo se podesse ter contado com ellas.

No seu conjunto o edificio da Camara Municipal apresenta aspecto assaz nobre e em ajustadas proporções com as dimensões da praça para onde deita a sua principal fachada, *Praça do Municipio* officialmente, mas *Largo do Pelourinho* ou só *Pelourinho* na denominação corrente, derivada da formosa columna torcida e vasada que a adorna, e que bem se destaca no primeiro plano da nossa photogravura. Aquella fachada não é excessivamente rica de ornatos, e talvez haja razão para se observar que o seu pavimento principal, com as oito columnas de capiteis compositos, aliás bellissimas, pesa um pouco sobre a architectura do rez-do-chão. No primitivo projecto havia um entablamento corrido dominando a fachada; mais tarde entendeu-se estabelecer sobre a parte central um frontão triangular, assumpto de demoradas controversias, que por vezes attingiram o azedume. As esculpturas do frontão foram feitas por Calmels.

A grande peça architectonica d'este edificio é sem duvida a sua magestosa escada, que do atrio sóbe em um lanço até meio, bifurcando-se a seguir em dois que vão dar a uma espaçosa galeria rodeando todo o vão. Alli triumpha em plena pujança o perfeito trabalho do canteiro portuguez, no rendilhado do calcareo, que bem póde dizer-se marmore, e na elegancia das columnas, porticos e balaustradas. Fecha o vão da escadaria uma cupula metallica, dominada exteriormente pelo lanternim que se observa na nossa estampa. Os ornatos da cupula são todos pintados a *grisaille,* sendo os baixos relevos obra de Columbano Bordallo, os pannejamentos de José Maria Pereira, e os *renversés* de Bordes.

Ha ainda a citar n'este edificio a sala das sessões, muito elegante, com formosos ornatos de estuque, sendo o painel do centro do tecto pintado por José Rodrigues. É tambem obra d'este artista o retrato de Herculano; os de Mousinho da Silveira, Ferreira Borges e José Estevão foram pintados por

Hôtel de Ville

L'institution municipale a chez nous une longue et respectable tradition; on peut même dire que son histoire est intimement liée, dès l'origine, à celle du pays. Chacune des communes tâchait de se bâtir un édifice spécial, *paços do concelho* (palais communal), où les échevins et les hommes considérables s'assemblaient pour discuter les affaires de la commune, avec un esprit de franchise et d'indépendance qu'on ne trouve guère de nos jours.

Ces édifices n'étaient pas toutefois des palais, au sens vulgaire du mot; car dans ces temps de foi religieuse la munificence royale et des particuliers se portait plutôt sur les églises, les couvents et les fondations pieuses et de bienfaisance, nommées *Misericordias.* Cette circonstance peut expliquer comment Lisbonne qui, surtout avant le grand tremblement de terre, était pleine de splendides constructions dans tous les styles, n'a jamais eu d'édifice municipal digne de l'importance d'une capitale.

Après le tremblement de terre de 1755, le plan de reconstruction de la ville, ordonné par le marquis de Pombal, destina à ce but le local où se lève l'hôtel actuel; mais quelques années après on y installa la Banque du Portugal et la municipalité fut transférée dans la maison qui fait le coin de la rue de l'Or et de la place du Commerce. En 1863, un incendie ayant détruit tout ce quartier, cette maison fut destinée après la reconstruction aux bureaux du ministère de l'intérieur, et on procéda dès lors à l'érection de l'hôtel de ville moderne. Les deux maisons sont séparées par une petite rue transversale qui n'existait pas auparavant, et qui n'a pas encore de nom.

Sans citer que pour mémoire la première esquisse de l'ingénieur Pézerat, nous rappelerons que c'est à l'architecte Domingos Parente da Silva, récemment décédé, que nous sommes redevables des plans du nouveau hôtel. D'après la décision du conseil municipal du 26 novembre 1866, l'édifice devrait loger à la fois la municipalité et la Banque du Portugal; mais celui-ci choisit plus tard une installation séparée. L'espace s'accrût d'autant pour les bureaux municipaux, mais leur adaptation et commodité souffrent de ce vice d'origine.

L'ensemble de l'hôtel est assez noble; il s'ajuste, pour les dimensions, à la *place municipale* dont il prend tout un côté. Ce nom officiel est couramment remplacé par celui, plus ancien, de *place du pilori* ou simplement *pilori;* cette designation provient de la belle colonne torse évasée qui se détache au premier plan de notre photogravure.

La façade principale, pas trop décorée, semble un peu disproportionnée; le premier étage et ses huit belles colonnes à chapiteaux composites pèsent lourdement sur le rez de chaussée. Dans le tracé primitif, la façade était couronnée par un entablement uni, mais on trouva bon d'y ajouter un fronton triangulaire, ce qui provoqua d'interminables discussions, poussées jusqu'à l'extrême limite de l'aigreur. Les sculptures du fronton sont de Calmels.

La plus belle pièce de l'édifice est sans contredit le majestueux escalier qui relie le vestibule au premier étage. Il monte en volée simple jusqu'à un palier mitoyen, et de là se dédouble, en donnant sur une large galerie qui fait le tour de la cage. L'élégance des colonnes, des balustrades et de tous les motifs de la décoration, ainsi que l'extrême finesse d'éxécution des détails, font l'honneur des marbriers portugais chargés de ce travail.

L'escalier est surmonté en haut par une coupole métallique, dont le lanterneau extérieur est visible dans l'estampe. La coupole est peinte en grisaille; les bas-reliefs sont de Columbano Bordallo, les draperies de Joseph Marie Pereira, les renversés de Bordes. Citons encore la jolie salle des sessions; il y a, au centre du plafond, très bien décoré en stuc, une peinture de Joseph Rodrigues. Le portrait de Herculano est dû au pinceau du même artiste; ceux de Mousinho da Silveira, Ferreira Borges, et Joseph Étienne proviennent de Ferreira Chaves. Le grand tableau de la salle est de Lupi et figure *Le marquis de Pombal ordonnant la reconstruction de Lisbonne.*

Place du Palais

«Six rues parallèles, dont plusieurs très commerçantes et bien éclairées, la rue de l'Or et la rue de l'Argent, partent de là et conduisent au bord du Tage. L'arrivée au fleuve, menagée avec un art savant, est tout-à-fait imposante. On suit le trottoir en flânant, la vue est barrée au fond par un arc

Ferreira Chaves. Mas a grande composição que abrilhanta a sala das sessões, é o quadro de Lupi — *O Marquez de Pombal promovendo a reconstrucção da cidade de Lisboa.*

Terreiro do Paço

«..... Ruas cheias de animação commercial e bem illuminadas, como a do Ouro, da Prata e rua Augusta, conduzem á margem do Tejo. Com superior artificio se prepara a chegada até proximo do rio, tornando-a de todo em todo imponente. Vamos andando descuidados pelo passeio, vendo ao fundo a perspectiva interceptada por um arco de triumpho. Mas passamos sob o portico; e de repente recebemos a sensação da noite azul, immensa, em torno de nós; os bicos do gaz afastaram-se á direita e á esquerda, reduzindo-se a pequeninos pontos brilhantes; illuminam fachadas monumentaes, a Bolsa, a Alfandega, o Ministerio da Guerra, e outras repartições publicas, ligadas entre si por series de arcarias, por outras fachadas que nos vão ficando para traz, ao passo que em frente, no largo espaço aberto, sem limites visiveis entre o céo e a agua, o Tejo, em maré cheia, reflecte o clarão das estrellas e vem beijar com as suas aguas os caes de marmore branco. Nem um transeunte; estou eu só e um guarda fiscal. Afigura-se-me que fui transportado ao primeiro plano d'um d'esses quadros de Claude Lorrain, onde architecturas de regias moradias chegam com suas columnatas e renques de estatuas até junto do mar luminoso.»

É d'esta maneira que um moderno viajante, Réné Bazin, manifesta a impressão sentida ao chegar ao Terreiro do Paço. Tantas vezes tem sido descripta a magnifica praça, mas sempre considerando-a á luz do dia e vista do mar para terra; por isso mais suggestiva, mais pessoal, é a descripção de Bazin, o qual do conjunto só viu, n'essa noite, o que n'ella ha de mais grandioso, scenario de pedraria aberto sobre a immensidade do Tejo.

Digno atrio da nossa capital, a *Praça do Commercio,* segundo a denominação pombalina, mas *Terreiro do Paço* conforme a tradição que não se esvae, é a um tempo nucleo do movimento commercial de Lisboa, centro de attracção da vida politica do paiz, e theatro d'essas glorias passadas que a imaginação facilmente reproduz. Pois se foi alli que o rei venturoso, descendo da Alcaçova, veio fundar o seu *Paço da Ribeira,* junto da Casa da Mina, que não tardaria a ser a *Casa da India,* junto dos Armazens e da Ribeira das Naus, proximo de quanto realisava o seu sonho de gloria e de poderio! Pois se foi alli que em 1640 reboou o grito de independencia depois de sessenta annos de oppressão!

O terramoto de 1755 tudo derruiu. Tudo? Quantas vezes, percorrendo o labyrintho dos corredores, escadarias, salões e cubiculos d'essa mole enorme de edificações que vão desde a arcada occidental até ao Arsenal, não me tem parecido que lobrigo um cunhal, um postigo, uma pedra que ficaram ainda do Paço da Ribeira ou das construcções adjacentes. Illusão talvez...

Hoje o Terreiro do Paço é um vasto recinto, de fórma quasi quadrada, pois que de nascente a poente mede 192 metros, e 185 de norte a sul, comportando assim a superficie de 35:520 metros quadrados, o que o torna uma das maiores praças das cidades da Europa. No plano da reconstrucção da parte baixa da capital entrou desde logo a ideia da monumental praça, delineada por Eugenio dos Santos de Carvalho, e depressa se começaram a levantar as fachadas, orladas no rez-do-chão por galerias, as *Arcadas,* que supportam dois pavimentos, o primeiro de amplas sacadas, o outro de janellas mais pequenas, e tudo dominado pela elegante balaustrada da platibanda. Dos dois torreões que terminam as fachadas perpendiculares ao rio, só o do nascente se concluiu depressa; o outro, o torreão do Ministerio da Guerra, levou muito tempo a construir, pois de principio se encontraram grandes difficuldades no assentar dos fundamentos.

Tambem o arco triumphal da rua Augusta, que na nossa photogravura se destaca tão nitidamente no ultimo plano, só ha poucas dezenas de annos foi concluido, e ainda assim muito differente da primitiva traça. Se á architectura das fachadas não póde negar-se magestosa imponencia, embora não mostrem toda a belleza d'uma obra perfeitamente artistica, tambem não será para esconder que a parte superior do arco poderia ter ficado mais leve; entretanto o conjunto apresenta linhas de muita nobreza, e são de todo o primor as tres figuras colossaes que o sobrepujam, bem como as duas que mais abaixo representam o Tejo e o Douro, e ainda as quatro estatuas que a um e outro lado da volta do arco sobresaem, Viriato, o Gama, Pombal e o Condestavel, todas devidas ao cinzel de Calmels.

de triomphe; on passe sous le portique et, soudainement, on éprouve la sensation de la nuit bleue immense autour de soi. Les becs de gaz se sont écartés, à droite et à gauche, jusqu'à n'être plus que de petits points brillants. Ils éclairent des façades monumentales: la Bourse, la Douane, l'hôtel des Indes, l'Intendance de la marine, des ministères, que d'autres arcades, d'autres façades ornées réunissent en arrière, tandis qu'en avant, dans la grande trouée libre, sans limites visibles entre le ciel et la terre, le Tage, enflé par la marée, réfléchit les étoiles et jette son écume sur des quais de marbre blanc. Aucune promeneur: je suis seul avec un douanier. Je me figure que j'ai été transporté au premier plan d'un de ces tableaux de Claude Lorrain, où l'on voit des architectures royales avancer leurs files de colonnes et de statues jusqu'au bord de la mer luisante.»

Les paroles que nous venons de transcrire appartiennent à un moderne voyageur français, Réné Bazin; l'impression y est donnée d'une manière nouvelle, extrêmement suggestive. Nous connaissons, en effet, plusieurs descriptions de cette belle place; mais la vue en est prise du fleuve, et toujours en plein soleil. La nuit, l'effet de cet ensemble monumental, donnant sur l'immensité du Tage, est bien plus saisissant.

Digne entrée de notre capitale, la *place du Commerce,* d'après la désignation pombaline, ou *place du Palais,* d'après la tradition ineffaçable, est à la fois un noyau du mouvement commercial de Lisbonne, le centre d'attraction politique du pays, et le théâtre des gloires d'antan que notre fantaisie se complaît à évoquer.

C'est là que le roi fortuné, descendant de l'*Alcaçova* (citadelle), a bâti son *Palais de Ribeira,* à côté de l'*Hôtel de Mina,* bientôt transformé en l'*Hôtel des Indes;* près des Entrepôts et de l'Arsenal, de tout enfin ce qui réalisait son rêve de gloire et de domination! C'est de là qu'en 1640 partit le cri de l'indépendance, après soixante années d'oppression!

Le tremblement de terre de 1755 détruisit tout cela de fond en comble. Que de fois cependant, en parcourant le labyrinthe de corridors, d'escaliers, de salles et de salons qui vont de l'extrême galerie occidentale jusqu'à l'Arsenal, que de fois n'ai-je pas cru entrevoir une porte, un linteau, une pierre des anciens palais! Pure illusion, sans doute...

La place du Palais forme un vaste rectangle, mesurant 185 mètres du nord au sud, et 192 mètres dans la direction perpendiculaire; il a une surface de 35:520 mètres carrés, ce qui la rend une des plus grandes places des villes de l'Europe. Le plan de reconstruction de la partie basse de Lisbonne comprenait déjà le projet d'une place monumentale, tracé par Eugène dos Santos Carvalho.

Bientôt on procéda à l'érection des façades, à deux étages appuyés sur une large galerie, les *Arcadas,* et couronnés par une élégante balustrade. Les deux tourelles qui terminent les façades perpendiculaires au fleuve n'ont pas été conclus à la même époque; celui du Ministère de la Guerre, au couchant, a demandé plus de temps, à cause des fondations.

L'arc triomphal de la rue Augusta, qui se détache nettement au dernier plan de notre photogravure, a été terminé il y a seulement quelques dixaines d'années; encore a-t'on changé le projet primitif. Quoique les façades en soient imposantes, elles n'ont pas le cachet des œuvres vraiment artistiques; la partie supérieure de l'arc est d'une indéniable lourdeur.

L'ensemble n'est pas toutefois exempt de noblesse et de majesté; les trois figures colossales qui le surmontent sont excellentes, ainsi que celles du Tage et du Douro, et les quatre statues de Viriathe, de Gama, de Pombal et du Connétable. Elles sont toutes du sculpteur Calmels.

Il nous manque encore de parler de la statue de D. Joseph; nous en ferons plus tard l'objet d'un article plus étendu, en face d'une phototypie spéciale. Rappellons, pour terminer, que la place du Palais est encore, pour le peuple portugais, l'impression plus profonde qu'il rapporte de la capitale. Que de fois, dans les provinces et sur la mer, avons-nous entendu chanter:

Adeus, Terreiro do Paço;
Adeus, memoria real!

Lisbonne — Novembre 1901.

Vicente Almeida d'Eça.

Restaria fallar da estatua de D. José. Reservamo-nos para quando se publicar uma vista especial do monumento, e por agora concluiremos lembrando que o Terreiro do Paço constitue ainda hoje a impressão mais profunda que o homem do povo leva de Lisboa. Quantas vezes, nas provincias e sobre o oceano, temos ouvido cantar:

Adeus, Terreiro do Paço;
Adeus, memoria real!

Lisboa — Novembro de 1901.

Vicente Almeida d'Eça.

A egreja da Conceição Velha

A egreja chamada da Conceição Velha, está na rua da Alfandega, em Lisboa. A estampa representa a fachada, um grande portal entre duas janellas. O portal é moldurado por duas altas e fortes pilastras ou botaréos, um friso horisontal corre superiormente ligando as extremidades das pilastras, duas portas cujos aros se entrecortam dão entrada para o templo; sobre as curvas superiores d'esses aros assentam em relevo dois semi-circulos oppostos, cortados por uma ligeira cornija horisontal, e sobre esta o quadro da Senhora, no tympano, o largo manto suspenso por anjos, e sob o manto ajoelhadas muitas figuras, em alto relevo, de boa execução. Isto fórma o plano ou fundo do portal. Largas fachas lavradas, alargando-se em plano divergente, ligam o fundo ás grandes pilastras. Fundo, portal, pilastras e janellas são opulentamente ornamentadas de baixos e altos relevos; nichos com estatuas abrigadas de baldaquinos; encimando tudo, no pinaculo do portal, a cruz de Christo; aos lados d'esta, ultimo ornato das pilastras, as espheras armillares. Domina o estylo do renascimento, o ogival apenas se faz sentir em pequenos ornatos sem importancia dos baldaquinos. Está longe do grande portico monumental, do lado sul dos Jeronymos (Belem).

As duas grandes estatuas das pilastras ou gigantes do portal figuram a Annunciação; a Virgem e S. Gabriel; este sustenta nas mãos uma larga fita com as palavras *Ave-Maria Grasia* (sic) *ple*... São bons exemplares da estatuaria do seculo XVI no seu começo; o rosto da Virgem é cuidado, gentil e de innocencia santa, cercado pela sua touca lavrada. Nas janellas as largas hombreiras são cortadas por quatro nichos com as estatuas de S. Paulo, S. Pedro, Santo André e S. Thiago.

Entre as portas, no cruzamento dos aros, abre-se um nicho, com uma pequenina estatua da Justiça.

Mas o que chama principalmente a attenção é a grande esculptura do tympano, a belleza dos grandes grupos que se abrigam sob o manto da Senhora. Á esquerda as estatuas do rei e da sua côrte, á direita o papa e os prelados todos ajoelhados.

As joias e vestuarios de todos os personagens estão esculpidos com amor e verdade. Nos lados do arco do portal, anjos em adoração, em relevo, os rostos de alguns de boa esculptura.

Ha porém entre a ornamentação outras figuras infantis tratadas com maior mimo. Nas bases em geral o artista preferiu figuras de cães e griphos em estorcimentos vigorosos; por vezes uma graciosidade profana; uma base por exemplo é formada por um caçador correndo, um cão e um coelho.

As estatuas dos apostolos não foram todas feitas para os nichos que occupam, nem trabalhadas pelo mesmo esculptor, a de S. Thiago por exemplo é muito menor que as outras tres.

No trabalho e estylo a frontaria da Conceição Velha harmonisa com a entrada da Torre de Belem, com muitos pontos do mosteiro dos Jeronymos, especialmente do claustro, e ainda com muitas outras obras da mesma época e estylo, que se encontram no paiz, por exemplo com os vastos portaes tambem de volta redonda, da capella do Esporão na Sé de Evora, e o da entrada do cemiterio publico da mesma cidade, que pertenceu á desapparecida egreja de S. Domingos.

Tal como está, constitue uma das preciosidades artisticas de Lisboa, aprumada e intacta ainda apesar dos terramotos.

É um grande triptico em pedra, aberto á devoção dos fieis, dos artistas e dos enthusiastas dos monumentos patrios.

G. Pereira.

L'église de Conceição Velha

L'église connue sous ce nom est située rue d'Alfandega, à Lisbonne; l'estampe en montre la façade, un large portail flanqué de deux fenêtres. Le portail est encadré par deux forts et hauts pilastres ou arcs-boutants, dont les extrémités supérieures sont reliées par une frise horizontale. Deux portes dont les arcs se coupent donnent accès au temple; sur les courbes supérieures de ces arcs se dressent en relief deux demi-cercles opposés, coupés par une légère corniche horizontale, au dessus de laquelle, sur le tympan, apparaît l'image de la Vierge, dont le large manteau, soutenu par des anges, abrite plusieurs personnages assez finis. Ce tableau forme le dernier plan ou fond du portail, qui se rattache aux pilastres latéraux par de larges bandes ouvragées.

Le tout — portail, pilastres et fenêtres — est richement ornementé de hauts et bas-reliefs et de statuettes dans leurs niches, sous des baldaquins; au sommet de la façade, dominant l'ensemble, la croix de l'Ordre du Christ, entre les sphères armillaires qui couronnent les deux pilastres. A part quelques détails insignifiants des baldaquins qui rappellent l'ogival, tout cela est conçu dans le style de la Renaissance; mais il y a loin de là au portique monumental du couvent des Jeronymos (Belem), côté sud.

Les deux grandes statues des pilastres représentent la Vierge et St. Gabriel au moment de l'Annonciation; l'ange tient dans ses mains un large ruban où se lisent les mots: *Ave Maria grasia* (sic) *plena*. Ce sont de bons exemplaires de la statuaire du XVIe siècle, à ses débuts; le visage de la Vierge, encadré dans une coiffe délicatement travaillée, gracieux et respirant la candeur, est fini avec soin. Aux jambages des deux fenêtres, dans quatre niches, les statues de St. Pierre, St. Paul, St. André et St. Jacques qui n'étaient pas toutes les quatre destinées aux niches qu'elles occupent actuellement; celle de St. Jacques, par exemple, est beaucoup plus petite que les autres.

La partie de la façade qui attire le plus l'attention est sans contredit la grande sculpture du tympan, dont les deux groupes agenouillés sous le manteau de la Vierge sont d'une grande beauté: à gauche, le roi et la cour, à droite, le pape et les prélats. Les vêtements et les bijoux de ces personnages sont sculptés avec soin et vérité.

On voit, des deux côtés du portail, des anges, dans l'attitude de l'adoration, dont quelques uns sont assez bien exécutés; mais ailleurs on retrouve, perdues dans la décoration, des figures enfantines bien plus remarquables. Dans les socles l'artiste a donné la préférence aux motifs d'animaux, chiens et griffons dans des enlacements vigoureux; çà et là, uns hors d'œuvre profane, tel un chasseur et son chien courant un lapin.

Dans la facture comme dans le style, la façade de la Conceição Velha s'accorde parfaitement avec l'entrée de la Tour de Belem, avec quelques morceaux du couvent des Jeronymos (du cloître surtout) et plusieurs autres constructions du même genre et de la même époque. Je ne signalerai, parmi ces dernières, que les vastes portails en plein cintre de la chapelle de l'Esporão, dans la cathédrale d'Evora, et celui de l'entrée du cimitière public de cette ville, provenant de l'église disparue de St. Dominique.

Telle qu'elle est, la façade qui nous occupe est un des joyaux de la capitale, solide encore et intacte en dépit des tremblements de terre. C'est un grand triptyque de pierre, ouvert à la dévotion des fidèles, des artistes et des admirateurs de nos monuments.

G. Pereira.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Ribeira Nova

LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Camara Municipal

LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Terreiro do Paço

LISBOA



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Egreja da Conceição Velha

LISBOA

Torre de Belem



Chegar a Lisboa, entrando a barra do Tejo em manhã clara de primavera, é gozar espectaculo surprehendente e grandioso, que raro competidor encontrará em todo o mundo. E logo no adito do vastissimo porto, limitando-o bem da bacia anterior ou antes largo braço de mar que de *Entre Torres* vae até Pedrouços, surge uma joia de pedra, enlevo de estrangeiros, orgulho de nacionaes: é a fortaleza de S. Vicente de Belem, ou mais correntemente a *Torre de Belem,* primor de architectura, ordenada por D. João II, debuxada por Garcia de Rezende, e construida por D. Manoel. Como estes tres nomes symbolisam uma época, e como elles, só por si, nos dão ideia do que deveria ser a obra, projecto d'um politico prudente, invenção d'um artista da Renascença, realidade d'um monarcha faustoso!

Edificada sobre rochas quasi a um terço no rio, destinaram-n'a a cruzar os seus fogos com a *Torre Velha,* obra de D. João I na terra da Outra Banda. Com o andar dos tempos o espaço que medeava entre ella e a margem direita, foi-se assoreando, para o que mais concorreu a construcção do forte do Bom Successo, annexo á Torre, e tornado necessario pelos progressos da artilheria que a fortaleza manuelina não comportava. Ha quarenta annos ainda se passava, em barcos pequenos e com maré cheia, pelo norte da Torre. Os recentes trabalhos do porto de Lisboa completaram a acção natural, e hoje a joia de pedra, que não é já praça forte, mas que é sempre preciosissima obra de arte, ostenta toda a sua belleza em terra firme, na esplendida entrada maritima da nossa capital.

Observemos a photographia. A situação em que foi tirada, mais facilita vêr que a formosa construcção comprehende dois corpos distinctos. O principal, banhado pelo rio, é especialmente a fortaleza, e apresenta duas baterias: uma acasamatada, á flôr d'agua, com quinze canhoneiras; a outra, superior a esta, em espaçosa plataforma, onde se montavam sete peças, toda cercada de ameias em fórma de escudos com a cruz de Christo, e ostentando nos cantos elegantes guaritas de cupula em gomos. Ao meio da plataforma está a abertura da escada que dá serventia á bateria inferior. Como em outras construcções manuelinas, ha alli não sei que vagas reminiscencias de navio: as ameias recordam o empavezamento d'uma galé, e aquella abertura, rodeada por grade de pedra, tendo nos cantos quatro columnas coroadas por espheras armillares e nos intervallos pyramides de lavores variados, dá ideia da escotilha d'uma nau, communicando da largueza da alcaçova dos bombardeiros para o negrume do porão.

Pelo lado do norte da plataforma ergue-se a torre propriamente dita, na qual se contam quatro pavimentos. No primeiro está a *sala regia,* quadrada, abrangendo todo o vão da torre, e cujo tecto é em abobada elliptica, dando origem a um phenomeno acustico analogo ao que se observa na famosa *galeria do segredo* da Cathedral de S. Paulo, em Londres; a sala tem portas para a varanda que deita ao sul, resaltando da parede, firmada em cachorros, coberta por sete arcos apoiados em oito columnas rendilhadas, e que é um dos mais primorosos trechos de toda a fabrica. Na sala do segundo andar notam-se duas janellas, para o sul, entre as quaes está o escudo real, e a cada um dos lados extremos d'ellas as divisas de D. Manoel. O terceiro pavimento é o adarve, ameiado com as cruzes de Christo, e todo em roda sustentado por cachorros; a sala é de abobada abatida, toda em artezões. Finalmente dominando o edificio está o eirado superior, com ameias singelas e guaritas do mesmo desenho da plataforma.

D'alli se goza panorama extenso; e na tranquillidade do ar e transparencia do céo, quantas recordações historicas nos acodem á memoria! A joia de pedra foi prisão do estado; alli morreu, victima do Filippe, D. Pedro da Cunha, leal partidario do Prior do Crato; alli estiveram encarcerados o duque de Caminha, o marquez de Villa Real e outros conspiradores de 1641. Mais recentemente a Torre foi honrada aposentadoria d'um heroe da liberdade, o duque da Terceira, que a limpou de construcções adventicias, restituindo-a á sua belleza primitiva.

Hoje em dia a obra prima affronta-se com a visinhança do gazometro; ao menos a photographia não deixa vêr essa monstruosidade...

Tour de Belem



L'entrée du port de Lisbonne, par une claire et fraîche matinée de printemps, en remontant le Tage, est un spectacle saisissant et inoubliable, peut-être sans pareil au monde.

Au bout du large bras de mer qui s'étend d'Entre Torres à Pedrouços et précède le vaste bassin du port, se lève une merveille d'architecture qui charme le regard des étrangers et fait l'orgueil des portugais. C'est la forteresse de Saint Vincent de Belem ou plus vulgairement la Tour de Belem; véritable joyau de pierre, commandé par D. Jean II, tracé par Garcia de Rezende, et bâti sous D. Manuel; trois noms qui à eux seuls symbolisent une époque et nous donnent bien l'idée de ce chef d'œuvre, projeté par un politique consommé, conçu par un artiste éminent de la Renaissance, et realisé par un monarque fastueux.

Édifiée sur des rochers à un tiers à peu près de la largeur du fleuve, elle fut primitivement destinée à un fort dont les feux se seraient croisés à ceux de la *Torre Velha,* construite sous D. Jean I sur la rive gauche du Tage. Il y a quarante ans, et en haute mer, on passait encore en bateau au nord de la Tour; mais la construction des batteries de Bom-Successo et les travaux plus récents du port de Lisbonne ont fini de combler l'intervalle qui la séparait de la rive droite. Aujourd'hui la Tour, qui n'est plus une place forte, est assise sur terre ferme, décorant comme œuvre d'art du plus grand mérite la splendide entrée maritime de notre capitale.

Un coup d'œil jeté sur la photographie nous montre deux corps parfaitement distincts, dont le principal, baigné par les eaux du fleuve, est la forteresse. Il se compose de deux batteries dont une, casematée, à fleur d'eau, est munie de quinze cannonières; l'autre est formée par une spacieuse plateforme, comptant à peine sept canons, entourée de créneaux écussonnés de la croix du Christ et flanquée aux quatre coins d'élégantes tourelles à dôme cannelé. Au centre de cette plateforme se trouve l'escalier donnant accès à la batterie inférieure, dont l'ouverture, entourée d'une balustrade en pierre ornée de colonnes couronnées par des sphères armillaires et de pyramides aux dessins variés, rappelle vaguement l'écoutille d'un vaisseau, et le brusque passage de la pleine lumière du pont aux noires profondeurs de la cale.

C'est au nord de cette plateforme que se dresse la Tour proprement dite, à quatre étages. Au premier, la salle royale carrée (sala regia) occupe toute la largeur et la longueur de la tour; le plafond en voûte ellipsoïdale produit un phénomène d'acoustique semblable à celui que l'on observe dans la galerie du secret de l'Église St. Paul à Londres. Cette salle donne sur un balcon tourné au midi, appuyé sur des consoles et recouvert de sept arceaux que soutiennent huit colonnes ouvragées; c'est là, sans aucun doute, un des meilleurs morceaux de l'ensemble. Le vaste salon du deuxième étage est percé de deux fenêtres, separées par l'écusson royal et flanquées des devises du roi D. Manuel. Au troisième se trouve un passage extérieur, entouré de créneaux à la croix du Christ; le plafond de la salle est en voûte d'arêtes surbaissée. Enfin, couronnant l'édifice, une jolie terrasse crenelée et flanquée aux quatre coins de tourelles du même style que celles de la plateforme.

De là on aperçoit un panorama étendu et admirable; combien de souvenirs cet air tranquille et ce ciel transparent ne font-ils pas revivre dans notre mémoire! Cette merveille artistique fut autrefois prison d'état; là s'est éteint, victime de Philippe, D. Pedro da Cunha, loyal partisan du Prieur du Crato; le duc de Caminha, le marquis de Villa Real et d'autres conspirateurs de 1641 y ont été emprisonnés; et plus récemment encore, elle fut la demeure honorée d'un héros de la liberté, le duc da Terceira, qui lui a rendu sa beauté primitive en supprimant quelques constructions malencontreusement ajoutées.

Le voisinage d'un gazomètre gâte tout l'effet de ce beau monument, mais heureusement la photographie ne le laisse pas apercevoir.

Monumento a Camões

De D. Manoel a CAMÕES é facil a transição; Belem e os LUSIADAS são as grandes obras primas do periodo dos nossos esplendores ultramarinos. Mas se se póde descrever em algumas palavras, sem duvida incompletas, a obra de pedra, fallar de CAMÕES é difficuldade maxima, sobretudo quando o espaço é restricto. Ha para cada nacionalidade, como para cada individuo, nomes tão intimamente ligados ao que de mais sagrado temos no escrinio dos nossos sentimentos, que se nos afigura profanação pronunciar esses nomes sem desenvolvida mostra do preito que lhes é devido. Por certo do povo portuguez grande parte não saberá muito do Poeta; mas quando um dia o seu tricentenario foi celebrado, não póde negar-se que o que d'elle lhe disseram nos livros, nos jornaes, nas conferencias, o commoveu profundamente e lhe deu o vislumbre do que fôra o cantor das nossas glorias. Os que lêem, os que podem entender os LUSIADAS, os que têem alma para amar com a «*alma gentil*», e lagrimas para chorar com o que teve a vida «*por o mundo em pedaços repartida*», esses, ou sejam filhos da abençoada terra que produziu tal homem, ou sejam estranhos que o admiram, sentem por CAMÕES a profunda veneração, prestam-lhe o quasi culto que impõe a obra dos espiritos creadores.

D'esse culto são manifestações externas as edições cuidadas, os commentarios esmerados, as medalhas, os bustos, as estatuas. Commentarios e edições têem-n'as tido as obras do poeta, primorosas muitas, todas provando admiração pelo trabalho immortal; a *Camoneana* é já hoje extensissima, e não se passa um anno sem que novas riquezas venham augmentar o thesouro. Não succedeu, porém, o mesmo quanto ás estatuas; e, se bem que em 1817 o marquez de Marialva, então ministro de Portugal em Paris, e D. José Maria de Sousa (o morgado de Matheus da famosa edição dos LUSIADAS), lançaram a ideia de um mausoleu, foi só nos nossos dias que finalmente se pagou essa divida sagrada.

A meio de uma das arterias que da beira-rio conduz á parte alta de Lisboa, foi aberta, ha algumas dezenas de annos, não muito ampla praça em local anteriormente conhecido por — *os casebres do Loreto* — denominação que bem indica as velhas ruinas que alli se amontoavam. Deu-se ao local o nome de *praça de Luiz de Camões*, e foi desde logo destinado para n'elle se erguer a estatua do Poeta. Por iniciativa do esculptor portuguez Victor Bastos correu a subscripção publica; em 1862 foi lançada a primeira pedra, e em 1867 era inaugurado solemnemente o monumento, de principio rodeado por grades, que mais tarde foram removidas.

Consta o pedestal de uma construcção oitavada, toda de fino calcareo branco, assente sobre tres largos degraus. Os angulos do pedestal sustentam plinthos, que servem de supporte ás estatuas dos seguintes escriptores e homens de sciencia, antecessores ou contemporaneos de CAMÕES: Fernão Lopes, Jeronymo Côrte Real, Pedro Nunes, Castanheda, Sá de Miranda, Azurara, Mausinho de Quebedo, João de Barros; são oito bellas figuras, medindo cada uma $2^{m},40$ de alto, todas cinzeladas em marmore por Victor Bastos, que servem assim de glorioso cortejo ao gloriosissimo vulto que as domina.

Este representa o Poeta, mas não esquece o soldado; por isso o mostra empunhando a espada valente com a mão direita, ao passo que a esquerda aperta de encontro ao peito o poema immortal; a fronte descoberta, cingida pela corôa de louros, reproduz o conhecido retrato que passa por authentico; do hombro esquerdo pende a capa, cujas dobras vão pousar aos pés do Poeta sobre alguns livros e uma meia armadura. Na base do pedestal lêem-se estas inscripções: na frente — A LUIZ DE CAMÕES —; e na parte opposta — POR SUBSCRIPÇÃO AUXILIADA PELOS PODERES PUBLICOS INAUGURADA EM 9 DE OUTUBRO 1867 —.

Por cima da primeira d'estas inscripções e entre os plinthos de duas das figuras do pedestal, foi collocada, por occasião das festas do centenario, uma corôa de bronze atravessada por uma fita onde se lê — A CAMÕES, OS ESTUDANTES EM 1880 —.

As festas do centenario, tão significativas, tiveram como natural centro de homenagem o monumento a CAMÕES. A glorificação publica não lhe chegou cedo, não; mas quando veiu, foi unanime e brilhantissima.

Monument à Camoëns

De D. Manuel à CAMOENS la transition est facile; Belem et les LUZIADES sont les deux grands souvenirs de nos grandeurs passées.

Il est toutefois plus facile de décrire un monument qu'une personnalité comme CAMOENS, et il y a une sorte de profanation à en parler lorsque, faute de temps ou d'espace, on ne peut lui rendre tous les hommages qui lui sont dus.

Méconnu pendant sa vie, il s'est passé de longues années avant que le peuple portugais ait pu apprécier toute la grandeur et la sublimité de son œuvre immortelle; cependant, en 1880, lors des fêtes du tricentenaire du Poète, il est incontestable que la profusion de livres, de journaux et de conférences a puissamment agi sur les plus ignorants et leur a donné un soupçon du mérite de celui qui avait été le chanteur de nos gloires; ceux qui lisent et qui ont pu comprendre son incomparable génie, qu'ils soient étrangers ou nés sur notre sol béni, l'ont admiré et lui ont rendu le culte dont il est digne.

Ce culte s'est manifesté par un grand nombre d'éditions soignées, de commentaires savamment étudiés, de médailles, de statuettes, de bustes, etc.; l'œuvre du Poète compte beaucoup d'éditions, quelques unes de grande valeur et montrant bien l'admiration de ses compatriotes. La *Camoneana* est très vaste et augmente considérablement d'année en année.

Cependant tout cela paraissait insuffisant et ce n'est que de nos jours que le Portugal s'acquitta de la dette sacrée de lui élever un monument, quoiqu'en 1817 le marquis de Marialva, notre embassadeur à Paris, et D. José Maria de Sousa aient eu l'idée de faire construire un mausolée.

Dans un des principaux quartiers de Lisbonne, à l'endroit où existait autrefois un amas de ruines connues sous le nom de *Masures du Loreto*, on a ouvert une petite place à laquelle on a donné le nom de place Louis de Camoëns et qui fut aussitôt destinée à une statue du Poète.

La construction du monument, dont les frais furent couverts par souscription publique, initiée par le sculpteur Victor Bastos, exigea cinq années; l'inauguration solennelle eut lieu le 9 octobre 1867. Il était entouré d'une grille en fer qui fut enlevée plus tard.

Le piédestal en marbre blanc, de forme octogonale, repose sur trois larges marches. Aux angles de ce piédestal, huit plinthes servent de support aux statues de quelques écrivains et hommes de science, devanciers ou contemporains de CAMOENS: Fernão Lopes, Jeronymo Côrte Real, Pedro Nunes, Castanheda, Sá de Miranda, Azurara, Mausinho de Quebedo, João de Barros. Ces belles figures en marbre, mesurant $2^{m},40$ de hauteur, sont dues au ciseau de Victor Bastos et servent de cortège glorieux au génie, plus glorieux encore, qui les domine.

La statue du Poète ne laisse pas le soldat dans l'oubli. Elle le représente l'épée à la main droite, tandis que la gauche presse sur le cœur son immortel ouvrage; le front découvert, ceint de laurier, reproduit le portrait bien connu qui passe pour être authentique; de l'épaule gauche descendent les plis d'un manteau jusqu'aux pieds du Poète, sur quelques livres et une cuirasse.

Sur la base du piédestal on lit les inscriptions suivantes: À LUIZ DE CAMÕES — PAR SOUSCRIPTION PUBLIQUE AIDÉE PAR LE GOUVERNEMENT — INAUGURÉE LE 9 OCTOBRE 1867.

En face du monument, sur le piédestal, on voit une couronne de bronze ceinte d'un ruban sur lequel on lit: À CAMÕES, LES ÉTUDIANTS EN 1880.

Les fêtes du centenaire, dont le but principal était le monument à CAMOENS, eurent la plus haute signification. L'hommage et la glorification publiques arrivèrent assez tard, mais ils furent brillants et unanimes.

Le Rocio de Lisbonne

Il n'y a pas de ville, de village ou de hameau qui n'ait son centre de vie, son point de réunion d'où sortent toutes les conversations, où se colportent toutes les nouvelles importantes.

Lorsque au XVme siècle Lisbonne commença à s'étendre du côté occidental, il y avait entre la vieille et la nouvelle cité un vaste emplacement nommé le Rocio, qui dans ce temps-là avait déjà la

O Rocio de Lisboa

Não ha cidade, villa, ou simples logarejo de aldeia, qne não tenha o seu centro de vida, local de attracção, onde convergem e d'onde dimanam os diversos movimentos d'uma agglomeração de homens; assim como da antiga Roma se dizia que d'ella partiam as estradas que iam até aos confins do mundo, do mesmo modo em cada povoação se póde indicar um ponto d'onde irradiam todas as arterias que em diversas direcções a sulcam. Por isso quando a Lisboa arabe se alargou para fóra da sua apertada cêrca, e conquistando as aguas do esteiro que a banhava pelo occidente, começou a trepar a collina fronteira, ao meio das duas cidades, a medieval e a que póde dizer-se da Renascença, deixou espaçoso terreiro que já no seculo XV tinha fama de ser das «mais luzidas e alegres praças do reino». Desde então o *Rocio* (nome commum a outras praças, e cuja origem tem dado que fazer a philologos), foi ponto obrigado de reuniões de diversa natureza, theatro de mui importantes acontecimentos historicos, e séde de edificios notabilissimos; basta lembrar que um dos lados do parallelogrammo irregular do antigo Rocio, o do nascente, era formado pelo Convento de S. Domingos e pelo Hospital de Todos os Santos, ao passo que no topo, onde hoje está o theatro, se erguia o celebre *Paço dos Estaos,* ou aposentadorias reaes.

Veiu o terramoto, esse cataclysmo que tem de ser lembrado sempre que se falla de Lisboa, e arrasou quasi tudo. Na reconstrucção pombalina o Rocio foi alargado e regularisado, indo desembocar n'elle as duas grandes ruas que o haviam de pôr em communicação com o Terreiro do Paço. Sabido é que não foi de grandes pompas architecturaes o risco adoptado para os novos predios da Baixa; tratava-se de construir depressa, mas solidamente. Tem-se censurado a uniformidade obrigada; não sabemos se com razão, pois a variedade que hoje já se vae vendo, não é por certo mais artistica. O novo Rocio não foi, ainda assim, feito d'um só jacto, e até as construcções particulares do quarteirão occidental, entre a calçada do Carmo e o largo de Camões, em terrenos da casa Cadaval, só foram feitas depois de 1838. Tambem o empedrado central, de mosaico, com a delimitação das ruas que actualmente circumdam a praça, é obra ainda mais recente, pois começou em 1848; é singular o desenho do calcetamento, ás ondas, brancas e negras, o que a pessoas de mais afinados nervos chega a causar tonturas; ao meio da facha oriental da praça o mosaico apresenta este letreiro: «$158^{m},4 \times 55^{m} = 8712^{mm}$», e na parte correspondente do outro lado «$72^{b} \times 25^{b} = 1800^{bb}$»; são as dimensões da parte da praça calçada a mosaico, em metros e em braças.

Ao vasto terreiro foi dado em 1836 o nome de *Praça de D. Pedro IV,* mas continúa a ser conhecido pela antiga denominação de *Rocio.* Alli é o centro da vida lisbonense; alli se cruzam em horas diversas as diversas ondas do movimento da cidade: de manhã o mundo dos vendilhões e serviçaes que se dirige á visinha Praça da Figueira; mais tarde a multidão commercial, burocratica e politica, que invade a Baixa e se agglomera no Terreiro do Paço; ao declinar do dia o enxame da elegancia, que vae *fazer a Avenida,* perdoe-se a trivial expressão. Do Rocio, erguendo os olhos a um e outro lado, podem vêr-se as duas mais bellas ruinas de Lisboa: no alto da collina oriental o castello romano-arabe, na collina opposta as ogivas da egreja do Carmo; ambas recortando-se no azul purissimo, ambas evocando tradições tão soberbas. E mais abaixo revoam bandos de pombas, que fazem seu ninho nos telhados do theatro.

O *theatro de D. Maria II,* que a nossa photogravura mostra quasi todo, é o mais formoso ornamento do Rocio. Erguido no local do Palacio da Inquisição, que substituira o antigo Paço dos Estaos, ostenta a sua pura fachada de estylo jonico, toda de liós ou calcareo branco, e de marmore côr de rosa no liso das paredes; ao meio avulta o elegante portico de seis columnas, encimado por um frontão triangular, em cujo vertice domina a estatua de Gil Vicente, o pae do theatro portuguez, modelada pelo professor Assis, da Academia de Bellas-Artes, e nos dois extremos as figuras de Melpomene e Thalia, as Musas da Tragedia e da Comedia, obra do mesmo professor e do seu collega Fonseca. No tympano observa-se o grupo de Apollo com as sete restantes Musas, desenhado por Fonseca e executado pelos alumnos da Academia. A fachada principal é ainda ornada com outras esculpturas, todas de artistas nossos. Forneceu o risco o architecto italiano Fortunato Lodi; e a obra, começada em novembro de 1842, foi inaugurada em 13 de abril de 1846, anniversario da Rainha D. Maria II, representando-se o

réputation d'être — *la plus belle et joyeuse place du royaume* —, et qui devint plus tard le théâtre de beaucoup d'événements historiques; elle était entourée d'édifices considérables, tels que le Palais de l'Inquisition, le couvent de St. Dominique, l'hôpital de Tous les Saints, etc.

Le tremblement de terre de 1755, ce cataclysme inoubliable lorsque l'on parle de Lisbonne, détruisit tout cela, et lors de la reconstruction de la ville par le marquis de Pombal, le Rocio fut agrandi, régularisé et relié par deux larges voies à la Place du Commerce (Terreiro do Paço).

L'uniformité de ses constructions a été plusieurs fois critiquée par les architectes modernes, mais la variété actuelle n'est guère plus artistique. Les édifications du côté occidental ne datent que de 1838 et le curieux travail de mosaïque en pierre du centre de la place est encore plus récent, car il n'a été commencé qu'en 1848. Ce pavage en ondulations noires et blanches est d'un dessin original.

Le Rocio, dont le véritable nom est — Place de D. Pedro IV —, est le centre de toute la vie de Lisbonne; le voisinage du marché central (Praça da Figueira) y attire le matin tous les domestiques et les marchands ambulants qui vont faire leurs provisions journalières; plus tard c'est la cohue des commerçants, des fonctionnaires et des politiques se rendant au *Terreiro do Paço,* siège de tous les ministères, de la Douane, etc.; vers l'après midi c'est la foule élégante et désœuvrée qui se rend à l'Avenue (Avenida da Liberdade) pour la promenade quotidienne.

Des deux côtés de la place, en levant les yeux, on voit les deux plus belles ruines de Lisbonne, celles du château romain-arabe, nommé le château St. Georges, et les ogives de l'ancienne église du Carmo; plus bas des nuées de pigeons qui se nichent dans les toits du théâtre.

Le théâtre de D. Maria II, que notre photographie montre presque complètement, est le principal ornement du Rocio. Élevé à la place de l'ancien Palais de l'Inquisition, sa façade, en marbre rose et blanc, est du plus pur style jonique; au centre est un beau portique à six colonnes, dont le fronton est surmonté de la statue de Gil Vincent, le fondateur du théâtre portugais, due au ciseau du prof. Assis; aux angles Thalie et Melpomène, et sur le tympan un beau groupe formé par Apollon et les sept autres muses, modelés par Assis et Fonseca. Les travaux, dirigés par l'architecte Fortuné Lodi, terminèrent en 1846, au bout de quatre années; l'ouverture eut lieu le 13 avril, avec le drame patriotique *Magriço.*

Au centre de la place se dresse la statue de l'empereur D. Pedro IV, sur une belle colonne à chapiteau corinthien, reposant sur un embasement en granit de Porto; la base du piédestal est décorée de quatre figures assises, la Justice, la Prudence, la Force et la Modération, et sur les panneaux sont les écussons des seize principales villes de Portugal, ainsi que l'inscription — À D. PEDRO IV — LES PORTUGAIS, 1870.

La statue en bronze mesure $3^{m},10$ et la hauteur totale du monument est de 27 mètres; le plan, de Robert et de Daviond, a été entièrement éxécuté par des artistes portugais.

La place D. Pedro a été embellie dernièrement par deux fontaines monumentales.

Gare centrale

À deux pas du Rocio se trouve la gare centrale des chemins de fer, placée à l'endroit le plus fréquenté de la ville.

Un immense tunnel ayant son point de départ derrière la gare et aboutissant à un faubourg nommé Campolide, a été percé sous la haute colline occidentale de Lisbonne. Commencé en 1888, il fut inauguré le 8 avril de l'année suivante, de même que la vaste gare construite à l'emplacement de l'ancien palais du duc de Cadaval.

L'habile architecte José Luiz Monteiro s'inspira des motifs de l'architecture du temps de D. Manuel en les adaptant autant que possible à une construction de genre moderne, problème assez difficile à résoudre lorsque on désire que l'œuvre ait un cachet quelque peu artistique.

Les deux portes principales par leur courbure originale donnent l'idée de l'entrée d'un tunnel. Le travail de la façade est entièrement en marbre blanc des environs de Lisbonne et en calcaire tendre de Batalha, que les marbriers portugais sont très habiles à ciseler et qui se prête fort bien à la décoration.

drama patriotico — *O Magriço* —. Para esta construcção muito concorreu Almeida Garrett, o restaurador do theatro nacional.

O Rocio foi o local escolhido para n'elle se erguer o monumento consagrado ao auctor do facto mais notavel da historia da sociedade portugueza no seculo que findou: o regimen constitucional. Consta elle de uma arrojada columna cannellada, de capitel corinthio, assente em amplo pedestal, e encimada pela estatua do Dador da Carta. São de marmore branco a columna e o pedestal, e este pousa sobre um embasamento de granito, trazido do Porto, para que d'esta fórma tivesse seu quinhão no monumento a cidade que fôra o baluarte da Liberdade. Aos quatro cantos do pedestal ostentam-se figuras colossaes, sentadas, representando a Justiça, a Prudencia, a Moderação e a Fortaleza. Entre ellas correm os brazões das dezeseis principaes cidades de Portugal, e por cima d'estes, em quatro paineis, as inscripções do monumento, das quaes a correspondente á frente da estatua diz: — A D. PEDRO IV, OS PORTUGUEZES, 1870 —. A estatua é pedestre, fundida em bronze, e tem $3^m,10$ de altura, sendo de 27^m a de todo o monumento. O desenho d'este é dos artistas francezes Robert e Davioud, cujo projecto foi preferido no concurso; duas das figuras da base são obra de esculptores portuguezes, e a execução de toda a obra de canteiro foi confiada a Germano de Salles.

Ultimamente a Praça de D. Pedro foi dotada com duas fontes monumentaes, de ferro fundido, realisando-se assim uma lembrança pela qual muito pugnou o snr. Visconde de Castilho, o erudito auctor da *Lisboa Antiga.*

Estação Central

A dois passos do Rocio encontra-se a estação principal dos caminhos de ferro, cuja construcção veiu collocar no centro da cidade a testa das suas communicações acceleradas, que anteriormente estava n'um dos extremos, em Santa Apollonia, junto ao Tejo. Para se realisar esse melhoramento foi necessario perfurar na grande collina occidental de Lisboa extenso tunnel que, no arrabalde, começa em Campolide, e vae desembocar quasi ao sopé da encosta sobranceira á actual Avenida da Liberdade. A obra começou em 1888, e o tunnel foi inaugurado em 8 de abril do anno seguinte. Era seu natural complemento a estação que n'aquelle anno estava já muito adiantada, construida em terrenos onde antes havia um palacio da casa Cadaval e outros predios; pouco depois começou a funccionar a parte das edificações que a nossa photogravura representa.

Obra do nosso tempo, teve ella de luctar com a difficuldade do problema que apresentam todas as obras congeneres: encontrar estylo, igualmente apropriado e artistico, para um edificio de fins essencialmente modernos. Ha por esse mundo fóra estações monumentaes de caminhos de ferro: umas imitam castellos medievaes, outras cathedraes gothicas, outras ainda palacios do Oriente... e em todas se mostra um não sei quê de destoante, que por vezes chega a ser risivel.

Para o risco da nossa Estação Central procurou o habil profissional Luiz Monteiro motivos na architectura, ou melhor, na ornamentação chamada manuelina, adaptando-os, quanto possivel, ás necessidades da construcção; mas as duas portas principaes, pela sua curvatura, dão a ideia das duas boccas do tunnel, e imprimem assim o caracter moderno á perspectiva. As primeiras fiadas da cantaria são de liós branco dos arredores de Lisboa; d'ahi para cima foi empregado o calcareo da Batalha, muito facil de cinzelar, e foram canteiros educados na escóla do famoso monumento que fizeram aquelles rendilhados e lavores, na verdade agradaveis á vista. Tem sua elegancia o pequeno torreão central, do relogio; por baixo d'este observa-se um medalhão com o busto de Stephenson, o inventor da locomotiva. E por cima da janella central do primeiro pavimento estão os bustos de El-Rei D. Luiz e de Fontes Pereira de Mello, o ministro que iniciou os caminhos de ferro em Portugal.

Esta fachada deita para um largo chamado do *Camões;* observe-se que tal nome não se refere ao grande Poeta, mas sim a um corregedor do bairro do Rocio, do seculo XVIII, a quem deram a gloriosa alcunha.

Lisboa — Abril de 1902.

Vicente Almeida d'Eça.

Le petit clocheton central de l'horloge est assez élégant; au dessous est un médaillon au buste de Stephenson, l'inventeur de la locomotive, et plus bas sur les fenêtres du premier étage les bustes du roi D. Luiz et du ministre Fontes Pereira de Mello, l'introducteur des chemins de fer en Portugal.

Cette façade donne sur une petite place appelée Camoëns, qui toutefois n'a rien de commun avec le grand Poète; c'était le surnom d'un ancien maire de ce quartier.

Lisbonne — Avril 1902.

Vicente Almeida d'Eça.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES

Torre de Belem

LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Praça e monumento de Luiz de Camões

LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Praça e monumento de D. Pedro IV (Rocio)

LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Estação Central do Caminho de Ferro (Rocio)

LISBOA



Terra fundamentalmente laboriosa, de *meesteiraes, cuteleiros* e *cortidôres;* gente altiva, orgulhosa mesmo, de suas prerogativas e tradições, a cooperação de Guimarães no resurgimento da patria portugueza, quer nas suas crises moraes, quer nos difficeis momentos da sua agitada vida politica, constitue uma das melhores e mais soberbas paginas da sua historia.

Muito lhe deveu D. João I, tanto nas guerras de Africa, como antes d'isso, na obra de consolidação d'esse complexo movimento social e economico dos fins do seculo XIV que, do Mestrado de Aviz, o levou á posse de um throno.

Pela dispersão dos *lavrantes judeus,* incursos nas leis de excepção com que, entre nós, se inicía a reacção anti-semitica dos começos do seculo XVI (desde 14 de junho de 1532 até 16 de julho de 1537) todo o movimento artistico, d'esse genero, se centralisa em Guimarães, em manifesto prejuizo de Coimbra, d'onde quasi subitamente desapparece. Por um momento os *ourevyxeiros* da formosa villa do valle do Vizella ousam competir com os melhores artistas lombardos e francezes, de Milão e de Limoges, no que diz respeito a decorações de *filigranas* e *esmaltes,* em todos os estylos e de todos os desenhos.

A familia de Luiz Vicente, de que procede esse extraordinario artista, Gil Vicente — o da *custodia de Belem* (1503) — bem como esse genial e porventura já hoje quasi ignorado João Gonsalves (1563), ao qual no seu tempo se deu a antonomasia de *Engenhoso* — bastam de per si para titulo e seguro fundamento da sua importancia.

É precisamente d'essa época a formosissima *Crux alta,* que está no thesouro da Collegiada, dadiva do conego Gonçaleannes, o mesmo benemerito, que offerecera a Nossa Senhora da Oliveira, em 1534, a preciosa custodia de prata, que ainda lá se conserva, e que póde considerar-se como um soberbo padrão do estado da joalheria portugueza nos meiados do seculo XVI [1].

Esta cruz de Gonçaleannes é de uma belleza esculptural, rara. A base em que vae embeber-se a manga que a ha de alçar nas occasiões solemnes, é formada por um massiço sexagonal, regular, em fórma de throno, de que vão nascendo, em guisa de degraus, quatro corpos, que logo reduzidos a tres, á proporção que vão subindo na sua respectiva perpendicular, acabam na base de que nasce a cruz, a qual por seu turno desenha, com soberbas decorações, a raiz do Golgotha.

Como estes tres corpos sejam formados por meio de tres faces cada um, succede que em todas estas ha um baixo-relevo de uma finura e de uma subtileza de execução superior a todo o confronto. Nos seis mais em baixo estão, por sua ordem, *a traição de Judas; a presença de Jesus em casa de Pilatos; a affronta da canna verde* e *o supplicio da flagellação.* Depois, pela elevação dos degraus, que vão como que constituindo o throno que o massiço geral da *Cruz* representa, os quadros tomam dimensões mais reduzidas, vendo-se nos seis paineis que os adornam quatro dos principaes passos da vida da Virgem, seguidos de dois da do Salvador. Com estes avultam egualmente a scena da *degolação do Baptista,* e *a imagem do propheta Daniel.*

Nos outros envasamentos do terceiro corpo estão *os Evangelistas, S. João* e *S. Marcos; Nossa Senhora com Jesus Christo morto nos braços, a Resurreição,* e os restantes *Evangelistas, S. Matheus* e *S. Lucas.* As balisas d'estes paineis são fixadas por pilares e nichos de diversissimos desenhos, dentro dos quaes, com as insignias e divisas por que se extremam, se vêem as estatuas de *Moysés* e de *Salomão;* os seis *Prophetas maiores,* os quatro *Evangelistas* e os quatro *Doutores da Egreja.*

---

[1] Vilhena Barbosa, *Mon. de Port.*, pag. 94-5.



Ville essentiellement laborieuse, peuplée de couteliers, de tanneurs et d'autres artisans, gens fiers de leurs traditions et priviléges, l'intervention de Guimarães dans les crises morales et les luttes politiques de la patrie se signale glorieusement dans les pages de l'histoire portugaise.

Le roi D. Jean I lui a beaucoup dû, dans les guerres d'Afrique aussi bien que pendant la période d'affermissement de ce complexe mouvement, à la fois politique et économique, qui vers la fin du XIVe siècle le transféra de la grande-maîtrise d'Aviz au trône du Portugal.

Les lois d'exception, qui signalèrent la réaction anti-sémitique des débuts du XVIe siècle (du 14 juin 1532 au 16 juillet 1537), chassèrent une foule de joailliers juifs de Coïmbre vers Guimarães, dont le mouvement artistique prit dès lors une remarquable expansion. Les orfèvres de la belle ville de la vallée du Vizella osèrent même rivaliser, en ce temps-là, avec les meilleurs artistes lombards et français, de Milan et de Limoges, dans les filigranes et les émaux, de tous les styles et dessins.

La famille de Louis Vincent, d'où procède Gil Vincent — l'extraordinaire artiste de l'ostensoir de Belem (1503) —, ainsi que Jean Gonsalves (1563), presque ignoré de nos jours, mais qui mérita de ses contemporains l'épithète de *génial,* suffisent, à eux seuls, à attester l'importance de ce mouvement.

C'est de cette époque que date l'admirable croix du trésor de la Collégiale, don du chanoine Gonçaleannes, à qui l'église de Notre Dame de l'Olivier doit de posséder, depuis 1534, son précieux ostensoir en argent, un des plus beaux spécimens de l'orfèvrerie portugaise du milieu du XVIe siècle [1].

La partie de la croix, où s'insère le bâton qui le supporte dans les solennités, est formée par un massif hexagonal régulier en guise de trône, d'où partent quatre corps échelonnés, bientôt réduits à trois, finissant en un *calvaire* superbement decoré.

Chacun de ces corps est à trois faces, ornées de bas-reliefs d'une finesse d'éxécution incomparable. Ceux d'en bas figurent *la trahison de Judas, Jésus chez Pilate, le couronnement d'épines,* et *la flagellation.* Les tableaux supérieurs, à mesure qu'ils approchent de la base de la croix, deviennent plus petits; on y voit quatre scènes de la vie de la Vierge, deux de celle du Sauveur, la *décollation de St. Jean-Baptiste, l'image du prophète Daniel;* plus haut, dans le dernier corps, les *Évangélistes St. Jean et St. Marc, Notre Dame tenant le cadavre de Jésus-Christ, la resurrection,* et *les évangélistes St. Mathieu et St. Luc.*

Les cadres de ces tableaux sont formés par des piliers et des niches à dessins très variés, où s'abritent, avec leurs insignes caractéristiques, des personnages bibliques et sacrés: *Moïse, Salomon, les quatre grands prophètes, les quatre évangélistes,* et *les quatre grands Pères de l'Église.* Il y a encore, parsemée dans toute la pièce, une foule de bustes, de médailles et de motifs de décoration d'un fini vraiment admirable.

La célébrité du trésor de la Collégiale au temps de D. Alphonse V, porta ce roi, lors des guerres de prétention à la couronne de Castille, à frapper les chanoines d'une contribution de 600 cruzados; somme énorme pour le temps, qui devrait être payée comptant au collecteur de la couronne Jehan Gonçalves ou prélevée en effets précieux de l'église.

Par bonheur, cette mesure extrême fut évitée, grâce à la générosité de la duchesse de Guimarães, D. Jeanne de Castro, dont les surintendances de Ponte de Lima et de Guimarães fournirent une

---

[1] Vilhena Barbosa, *Monum. de Port.*, pag. 94-5.

Além de todas estas figuras, ha em toda a fabrica geral do conjuncto, uma grande cópia de bustos, de medalhas, de laminas, tudo obra de extremado valor e de soberba perfeição.

A notoriedade do thesouro da Collegiada de Guimarães fez com que Affonso v, nas suas guerras de pretenção á corôa de Castella, capitasse os conegos e a sua Egreja em seiscentos cruzados, somma grossa, que a não ser dada logo, de contado, ao escrivão dos contos, Joham Gonçalves, seria tomada em alfaias, tantas quantas chegassem ao preço d'essa onerosa capitação.

Valeu, porém, ao extremo d'esta durissima lei de guerra não só a generosidade da Duqueza de Guimarães, D. Joanna de Castro, a qual pela mão dos seus almoxarifes de Guimarães e de Ponte do Lima mandou offerecer uma boa parte d'essa finta aos officiaes da corôa, como a cotisação patriotica que, entre si fizeram, para semelhante passo, muitos devotos e caseiros da Collegiada, de modo a que nenhuma peça do seu thesouro sahisse d'elle.

Foi esta deliberação, sobre grandemente honrada, de muito alcance para a segurança e integridade das alfaias da Egreja de Guimarães. Porque tendo de ser regularisadas, no tempo de D. João ii, as differenças do thesouro real por motivo das guerras de Affonso v, a corôa apenas pagou metade do que tomára, perdoando-lhe o resto, o Papa, por seu arbitrio, vindo este negocio, ainda assim, a regular-se tardiamente nos dias de D. Manoel, e tudo isto muito mais com o fructo das nascentes prêzas da India, do que por meio dos haveres e recursos da fazenda real [1].

*
* *

Centro de uma vasta e poderosissima aristocracia regionalista, hoje extincta ou a caminho de desapparecer, em razão do regimen anti-vincular, que, ha quarenta annos, lhe vem preparando a morte, e pelo qual os seus mais ou menos authenticos representantes, educados no culto de uma falsa supremacia moral, filha de uma tutela que se perpetuava em successivas gerações, e que por isso mesmo os tornára mal apercebidos para o aspero combate da vida, deixando o campo inteiramente livre ás chamadas *classes inferiores,* que os sobrelevam e excedem em energia, em firmeza moral e não poucas vezes em caracter, Guimarães foi tambem terra culta, *terra de Garlandia,* como nol-o indica ainda a *Irmandade dos Moços de S. Nicolau,* constituida exclusivamente de escolares: e mais talvez que tudo isso, o *Collegio da Costa,* dos monges de S. Jeronymo, aonde os infantes D. Duarte e D. Antonio — o que havia de disputar, mais tarde, a Philippe ii a corôa real — ouviram as lições do doutissimo frei Jorge de Belem, um dos melhores humanistas e theologos da sua Ordem.

A abundancia dos seus cabedaes era proverbial. Como razão dos seus caprichos em materia de culto, bastará apontar a celebre *funcção do Descendimento da Cruz,* realisada em 1803, e na qual os principaes devotos gastaram a extraordinaria somma de trinta mil cruzados (doze contos de reis).

*
* *

Toda a paizagem rustica, que enquadra a cidade, constitue um encanto, digno dos melhores quadros de Theocrito.

Uma trova popular, ainda agora muito em voga, celébra esse esplendor, bem como toda essa riqueza natural, por meio d'estes tôscos mas significativos versos:

Ó villa de Guimarães,
Quatro villas em redôr!
—*Villa Pouca, Villa Verde,*
Villa Boa e *Villa Flôr.*

---

[1] No tempo de Gaspar Estaço existia ainda o pergaminho em que todos estes actos, tanto o da Duqueza de Guimarães, como o do povo da villa, se memoravam. *Var. Antig. de Port.*, c. liv, pag. 194-5. *It.* Dam. de Goes, *Chron. del Rei dom Eman.*, i parte, cap. i.

bonne partie de la somme exigée, le reste ayant été complété par la cotisation volontaire des dévôts et des fermiers de la Collégiale.

Sans cet heureux résultat l'intégrité du trésor de l'église aurait certainement à souffrir. En effet, les emprunts forcés du trésor royal furent liquidés sous Jean ii, à la fin des guerres de son père, mais la couronne n'en restitua que la moitié et se fit pardonner le reste par le Pape; encore, le règlement définitif traîna-t'il jusqu'au règne de D. Manuel, lorsque les fabuleuses richesses des Indes Orientales commencèrent à déverser dans le trésor royal appauvri [1].

*
* *

Cette région fut autrefois le centre d'une vaste et puissante noblesse terrienne, aujourd'hui éteinte ou en voie de disparaître. La cause principale de ce phénomène doit être cherchée dans l'abolition des majorats, qui date d'une quarantaine d'années, ainsi que dans la fausse éducation des castes privilégiées. Leur prétendue suprématie, basée sur la tradition et la loi, non sur de vraies qualités morales, s'est trouvée impuissante à l'âpre lutte de la vie; elles ont été battues par les classes inférieures, plus riches d'énergie et de fermeté, souvent même de caractère. Guimarães a été aussi une ville cultivée, *terre de Garlandia;* témoins la *Confrérie des garçons de St. Nicolas,* exclusivement formée d'écoliers, et le *Collége de Costa,* tenu par les moines hiéronymites.

Le docte fr. George de Belem, un des meilleurs théologues et humanistes de son ordre, y donna des leçons aux infants D. Duarte et D. Antoine, — celui qui plus tard disputa la couronne du Portugal à Philippe ii d'Espagne.

La richesse des habitants de Guimarães était passée en proverbe. En matière de culte religieux elle tournait quelquefois au caprice et à l'extravagance; vers 1803, la fête de la *Descente de la Croix* revint à près de 70:000 francs.

*
* *

Le paysage rustique qui environne la ville est plein de charme, et rappelle les meilleurs tableaux de Théocrite.

Un quatrain populaire, encore fréquemment cité, célèbre en vers rudes, mais expressifs, toutes ces splendeurs et richesses naturelles:

Ó villa de Guimarães,
Quatro villas em redôr!
— *Villa Pouca, Villa Verde,*
Villa Boa e *Villa Flôr.*

À *Villa Boa,* ancienne demeure seigneuriale des Oliveira Bernardes, de Joannes, de la branche de tous les Bernardes de Guimarães, résident encore les Mello Pereira Sampaio, de Riba de Vizella, qui les représentent par ligne féminine depuis le mariage du conseiller de justice Alexandre Duarte de Carvalho, de la maison de Manhufe à Mancellos, avec D. Isabelle Bernardes de Oliveira e Abreu, fille de Joseph de Oliveira Bernardes.

On voit encore à *Villa Pouca* le superbe palais des Alcoforados, de la ligne de Numães et d'Asseca, résidence seigneuriale aliénée par le dernier membre de la famille.

---

[1] Gaspar Estaço atteste l'existence du parchemin original qui énumère ces dons, de la duchesse de Guimarães et des habitants de la ville. *Var. Antig. de Port.*, c. liv, pag. 194-5. *It.* Dam. de Goes, *Chron. del Rei dom Eman.*, i part, cap. i.

Em *Villa Boa,* antigo assento do solar dos Oliveiras Bernardes, de Joanes, do ramo de todos os Bernardes de Guimarães, têm ainda agora casa os Mellos Pereiras Sampaios, de Riba de Vizella, seus legitimos representantes por linha feminina, desde o casamento do desembargador, Alexandre Duarte de Carvalho, da casa de Manhufe, em Mancellos, com a snr.ª D. Isabel Bernardes de Oliveira e Abreu, filha de José de Oliveira Bernardes.

Em *Villa Pouca* resta ainda agora o soberbo palacio dos Alcoforados, da linha de Numães e Assesca, residencia por muitos titulos senhorial, cahida, por doação do seu ultimo possuidor, em mãos de estranhos.

Em *Villa Flôr* apenas se ostenta uma parte do grandioso palacio em que teve sua derradeira pousada o ultimo conde da Arrochella, Nicolau da Arrochella Vieira de Almeida Sodré Laborão de Moraes e Castro Pimentel, hoje em posse de uma companhia ferro-viaria.

Em *Villa Verde* é onde está a *fonte-santa,* um dos primeiros assentos dos frades menores de S. Francisco, em Portugal, nos principios do seculo XIII (1218), e aonde os Bemaventurados Zacharias e Gualter começaram as suas predicas, que tão vivamente haviam de impressionar, para os extremos da sua muita piedade, a rainha D. Urraca, mulher do nosso rei D. Affonso II [1].

O formoso claustro do antigo convento de S. Domingos, um dos primeiros que a Ordem dos Prégadores teve em Portugal, é obra das penultimas decadas do seculo XIII e principios do XIV (1271-1325). Serve hoje para thesouro de varias preciosidades archeologicas, tanto do districto vimaranense como de outros pontos do norte do paiz.

A elegancia de toda esta quadra é digna de notar-se. Em poucas construcções monasticas d'aquella época se observa tão acabada e tão rica espontaneidade na decoração de todas as suas columnas. A variedade dos capiteis é de uma exuberancia unica. O mosteiro a que esta crasta pertenceu foi dos mais assignalados da peninsula. Até o seculo XVI (1532) precedia não só o de Elvas, como o de Lisboa. A sua fundação foi resolvida em acto publico, verdadeiramente plebiscitario, em que os homens do concelho, sob a presidencia do senado e justiças da terra, e com audiencia do prior do Porto, Frei Alvaro, houveram por bem conceder casa religiosa aos filhos de S. Domingos, a cuja familia pertenceram os Bemaventurados Frei Pedro Gonçalves Telmo, Frei Lourenço Mendes e S. Gonçalo de Amarante, todos grandes prégadores e apostolos d'estes sitios.

A egreja de S. Miguel do Castello, tida entre os naturaes como primaz de todas as parochias do arcebispado de Braga, é um valiosissimo monumento da nossa melhor architectura do seculo XIII. N'ella se diz que fôra baptisado o primeiro filho do conde D. Henrique da Bourgonha, o nosso bellicoso rei D. Affonso Henriques. Cahida em deploravel abandono pelas successivas injurias do tempo, foi já em nossos dias reedificada e restituida ao culto, observando-se n'esta obra de justissima reparação e como que de verdadeiro desaggravo, um cauteloso escrupulo e um alto sentimento artistico que, infelizmente, não são de esperar nem de suppôr em gentes portuguezas. A parte technica d'esta intelligentissima restauração monumental, verdadeiramente exemplar em toda a parte, foi, e com um alto discernimento dos seus iniciadores, confiada ao fallecido João Maria Feijó, general de engenheiros, antigo professor de architectura na escóla do exercito, e peritissimo no estudo de todas as construcções medievaes. Ao seu comprovado talento e finissimo juizo se deve o ter-se mantido n'aquelle monumento, com um alto bom gosto e acrisolado bom senso, não só o typo da primitiva traça romanica, attribuida conjecturalmente ao seculo X, como o da sua reconstrucção, typicamente caracteristica dos principios do seculo XIII, do tempo do nosso rei D. Sancho I.

Os iniciadores d'esta obra patriotica, tão fóra dos costumes e das tradições das nossas terras da provincia, foram, ao que nos diz Vilhena Barbosa [2], o padre Antonio José Ferreira Caldas, auctor de um curioso e interessante manual sobre a cidade de Guimarães [3], e o dr. José Pinto de Queiroz.

---

[1] Praeterea pater Gualterus non longè à dicto oppido Vimaranensi, inter fundum, *qui Villaeviridis nuncupatur*... oratorium aedificans tum vitae sanctimonia, tum quoque miraculis claruit. GONZAGA, *De orig. Seraph. Relig. Franciscan.* III p., pag. 796-8.

[2] Vilhena Barbosa, *Mon. de Port.,* pag. 108.

[3] Em dois volumes.

À *Villa Flôr,* les restes du vaste palais du dernier comte d'Arrochella, Nicolas da Arrochella Vieira de Almeida Sodré Laborão de Moraes e Castro Pimentel, appartiennent aujourd'hui à une compagnie de chemin de fer.

À *Villa Verde* existe encore la *sainte source,* un des premiers siéges des frères mineurs de St. François en Portugal (1218). C'est là que les bienheureux Zacharie et Gautier commencèrent leurs prédications, dont l'effet fut considérable sur la haute piété de la reine D. Urraca, femme de D. Alphonse II [1].

Le joli cloître de l'ancien couvent de St. Dominique, un des premiers que l'ordre des Prédicateurs fonda chez nous, date de 1271-1325; il est utilisé aujourd'hui comme musée de pièces archéologiques provenant de Guimarães et d'autres régions du nord du Portugal.

L'élégance de cette construction ne saurait passer sous silence. Peu de constructions monastiques de cette époque offrent une telle richesse décorative et une exécution si soignée dans les colonnes; la variété des chapiteaux est digne de remarque. Le monastère a été un des plus célèbres dans toute la Péninsule; jusqu'en 1532 il précédait ceux de Elvas et de Lisbonne. La fondation en a été faite par acte public, vraiment plébiscitaire, par lequel les hommes de la commune, sous la présidence du sénat et de la magistrature locale, et l'audition du prieur de Porto fr. Alvaro, permirent la construction d'un édifice religieux aux fils de St. Dominique, parmi lesquels comptèrent les grands apôtres et prédicateurs fr. Pierre Gonçalves Telmo, fr. Lourenço Mendes et S. Gonçalo d'Amarante.

L'église de St. Michel du Château, communément considerée comme primatiale entre toutes les églises paroissiales de l'archevêché de Braga, est un de nos plus remarquables monuments religieux du XIIIe siècle.

On rapporte que le premier roi portugais D. Alphonse Henriques, fils du comte D. Henri de Bourgogne, y a été baptisé. Tombée presque en ruines, par suite des injures du temps et d'impardonnables négligences, elle a été dernièrement rebâtie et restituée au culte et à la vénération des fidèles. La restauration, confiée au général du génie Jean Marie Feijó, ancien professeur d'architecture de l'École de l'Armée, très versé dans l'architecture du moyen-âge, a été scrupuleusement poursuivie avec un haut esprit artistique qui malheureusement n'est que trop rare dans le monde des constructeurs portugais. L'autorité et le gout exercé de cet homme habile ont su vaincre toutes les difficultés, et le precieux monument garde encore le type du tracé romain primitif, conjecturalement attribué au Xe siècle, et les traits caractéristiques de la reconstruction faite au commencement du XIIIe siècle, sous le roi D. Sanche I.

Les promoteurs de cet œuvre patriotique, qui s'écarte des traditions et des usages de nos villes de province, sont, d'après Vilhena Barbosa [2], le dr. Joseph Pinto de Queiroz et le P. Antoine Joseph Ferreira Caldas, auteur d'un curieux manuel en deux volumes sur la ville de Guimarães.

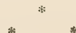
*
* *

L'hôtel de ville est un édifice banal et incaractéristique. Érigé sur une espèce de porche, reste possible, si non probable, des anciennes *alpendaradas* ou *recebimentos* de la vieille place de la Collégiale, il est décoré de l'écusson royal portugais, entre les classiques sphères *manuelinas,* hommage inconscient d'une tradition illogique et destituée de sens à la mémoire du réformateur despotique des chartes communales, c'est-à-dire de celui qui porta les premiers coups aux vieilles immunités municipales, de glorieux et ineffaçables souvenirs.

---

[1] Praeterea pater Gualterus non longè à dicto oppido Vimaranensi, inter fundum, *qui Villaeviridis nuncupatur*... oratorium aedificans tum vitae sanctimonia, tum quoque miraculis claruit. GONZAGA, *De orig. Seraph. Relig. Franciscan.* III p., pag. 796-8.

[2] Vilhena Barbosa, *Monum. de Port.,* pag. 108.



A casa dos paços do concelho é um monumento incaracteristico e banal. Levantada sobre uma especie de gallilé, restos, acaso, das antigas *alpenduradas* ou *recebimentos* do velho rocío da Collegiada, decóra-a o actual escudo das armas portuguezas, ladeado das classicas espheras manuelinas, velho e inconsciente tributo prestado por uma tradição illogica, incoherente e sem critica, á memoria do despotico reformador dos foraes, isto é, do primeiro demolidor e attentador contra as velhas immunidades municipalistas, de altissima e sympathica recordação. Sobre uma especie de pedestal, sem arte nem physionomia, mixto grosseiro de acroterio e de peanha, ergue-se a figura de um guerreiro armado á phantasia, coberto por um capacete extorquido aos heroes de Homero, e calçando os classicos cothurnos do legendario *Longuinhos*, antes do seu desterro para os montes da Cappadocia.

Na mão direita empunha uma lança decorativa, e na esquerda embraça um escudo com as divisas da cidade. É naturalmente a estatua de Guimarães, modelada por algum artista encyclopedicamente ignorante, desconhecedor da indole, natureza, historia e valor moral d'esta formosa e illustre cidade do Minho.

José Caldas.

Sur une sorte de piédestal, grossier acrotère sans art ni caractère, se dresse une figure de guerrier à armure fantaisiste, coiffé d'un casque chipé à un heros de l'Iliade et chaussé des classiques cothurnes du légendaire *Longuinhos,* avant l'exil dans les montagnes de la Cappadocie.

Dans la droite une lance décorative, dans la gauche, un écu aux armes de la ville. Ce doit être, naturellement, la statue de Guimarães, modelée par quelque artiste encyclopédiquement ignorant, qui méconnaît la nature, le caractère et l'histoire de la belle et illustre ville du Minho.

José Caldas.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Cruz alta no thesouro da Collegiada

GUIMARÃES



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Claustro do convento de S. Domingos

GUIMARÃES



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Egreja de S. Miguel do Castello

GUIMARÃES



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Paços do Concelho

GUIMARÃES



Da egreja de Nossa Senhora da Graça e do seu convento (hoje em ruinas a egreja, e no convento installado um quartel de infanteria) ha larga noticia na Chronica da antiquissima provincia de Portugal, da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, por frei Antonio da Purificação (parte II, pag. 255).

Havia um mosteiro acanhado e humilde que D. João III tomou sob sua protecção; augmentou-o muito; tanto que hoje nada se conhece da primeira edificação. Por isto com verdade se lê na frente da egreja: *Conditum sub imperio Divi Joannis Tertii Patris Patriae,* em grandes e bellos caractéres que recordam os da Roma imperial. Mas D. João III quiz depois que o primeiro conde do Vimioso, D. Francisco de Portugal, fôsse o padroeiro do convento.

A obra começou em 1524 e acabou em 1529; é uma construcção datada precisamente; é do começo do reinado de D. João III, e nem um vestigio do *manuelino!*

Foi um salto enorme, a meu vêr um desastre, essa transformação subita no gosto, na arte, a brusca passagem do estylo já nacional, com elementos proprios, e até com variantes radicadas e seguidas, para a novidade do renascimento, importada de Italia e de França, para as obras *á romana,* como lhe chamaram então com perfeita propriedade. Parece que o espirito, o ensino e a influencia do Sansovino esteve dormente durante o reinado de D. Manuel, para saltar triumphante quando o principe venturoso acabou.

O frontispicio da Graça, todo lavrado em granito, com as suas columnas, tropheus e panoplias, escudos, estatuas colossaes decorativas, é exemplo da renascença italiana, unico no seu genero aqui, e pouco vulgar mesmo na Italia. É na renascença de Veneza que se encontram exemplares mais proximos. E, parece, o estylo não agradou, porque trabalhando-se muito, n'esta época, em Evora, não o repetiram nem imitaram.

Na Graça mesmo, no interior da capella-mór, e no tumulo do bispo D. Affonso de Portugal, primor d'arte executado em fino alabastro (que em breve será collocado no museu da Bibliotheca eborense), e nas janellas, ha lindas cercaduras, frisos de mimoso lavôr, deliciosos medalhões com bustos em relevo, trabalhos datados de 1537, que nada têm com o forte e apparatoso estylo do frontispicio; havendo apenas de commum entre capella-mór e frontaria os singulares nichos obliquos, especie de habilidade architectonica, de muito esforço e pouco effeito.

As estatuas decorativas symbolisando os quatro rios, ou os quatro elementos, as estações, os ventos ou os pontos cardeaes, symbolos, apparecem na arte decorativa desde os velhos monumentos egypcios, e permanecem como elementos decorativos geraes, mas sem aquelle aspecto feio, as salientes musculaturas que o esculptor empregou nas estatuas da frontaria da Graça; de tão feia catadura que até o povinho lhes perdeu o respeito, chamando-lhes ironicamente os *meninos da Graça* e pondo-lhes alcunhas alegres.

Aqueducto da agua da Prata. — É o aqueducto de que falla Camões:

. . . .
Onde ora as aguas nitidas do argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente.
. . . .

C. III, EST. 63.

Esta monumental construcção que muitos têm attribuido a Sertorio, o famoso rebelde romano (mania de eruditos), é do tempo de D. João III. Tem 19 kilometros de comprido, começando na *herdade da agua da prata,* na freguezia de Nossa Senhora da Graça do Divor.

E esta designação *prata,* é alteração de outra mais antiga *Prates,* que por approximação natural o povo mudou em *Prata.* Por isto Camões, poeticamente, disse *argento.* O aqueducto segue boleando



L'église de N. Dame de la Grâce, aujourd'hui en ruines, et son couvent, transformé en caserne, sont largement décrits dans la «Chronique de la très ancienne province portugaise de l'ordre des ermites de St. Augustin» de fr. Antoine de la Purification (2e partie, pag. 255).

L'humble monastère primitif a disparu sous les agrandissements et les restaurations entreprises par ordre de D. Jean III. La façade porte l'inscription suivante, en grands et beaux caractères qui rappellent ceux de la Rome impériale: *Conditum sub imperio Divi Joannis Tertii Patris Patriae.* Le roi voulut cependant que le patron du couvent fut D. François de Portugal, 1er comte de Vimioso.

La reconstruction, commencée en 1524, finit en 1529; elle date donc des débuts du règne du fils et successeur de D. Manuel. Malgré cela, elle n'accuse pas la moindre trace du style *manuelino!*

L'influence de la Renaissance, importée d'une seule pièce de l'Italie et de France, s'est fait brusquement sentir dans les ouvrages *à la romaine,* comme on les surnomma alors avec une grande justesse; innovation fâcheuse qui chassa de l'architecture et des arts décoratifs un style parfaitement nationalisé, à variantes nettement définies et consacrées. Il semble que l'esprit et les enseignements de Sansovino, assoupis pendant le règne de D. Manuel, se sont victorieusement réveillés dès que le roi *fortuné* eut fermé les yeux.

La façade de Graça, toute en granit, décorée de colonnes, de trophées, d'écussons et de statues colossales, offre un spécimen de la Renaissance italienne, unique chez nous et rare même en Italie, car ce n'est que dans la Renaissance vénitienne qu'on pourra trouver des analogues. Ce style toutefois a été bientôt abandonné; à Evora, on ne trouve rien de semblable parmi les nombreuses constructions de cette époque.

L'intérieur est aussi en désaccord avec le style fort et pompeux de la façade, exception faite toutefois des curieuses niches obliques de la chapelle principale, tour de force architectonique d'un effet médiocre. Le reste de la chapelle, le tombeau de l'évêque D. Alphonse du Portugal, chef-d'œuvre en beau albâtre qu'on devra bientôt transporter dans le musée de la bibliothèque publique, et les fenêtres de l'église sont pleins de belles bordures, de frises délicatement sculptées, de médaillons délicieux en haut-relief, ouvrages datés de 1537 qui se rattachent à la meilleure époque de la Renaissance.

Les statues symboliques figurant les fleuves, les éléments, les vents cardinaux ou les saisons sont d'un usage très ancien dans l'art décoratif, puisqu'on les rencontre dans les vieux monuments égyptiens. Elles se répètent un peu partout, sans toutefois la musculature excessive et l'air rébarbatif dont le sculpteur de la façade de Graça s'est avisé de les doter. Le peuple de la ville, qui les connaît sous le nom générique de *bons hommes de la Grâce,* leur a donné des sobriquets cocasses.

Aqueduc de l'eau de Prata. — C'est celui dont parle Camoens:

. . . .
Onde ora as aguas nitidas do argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente.
. . . .

C. III, EST. 63.

Cette construction monumentale, que tant d'érudits ont faussement attribuée au fameux rebelle romain Sertorius, date du règne de D. Jean III. Elle a 19 kilomètres de développement, et commence dans le domaine de *l'eau de la prata,* à la paroisse de Notre Dame de la Grâce de Divôr.

Ce nom de *prata,* qui veut dire argent, est une corruption populaire de l'ancien nom *Prates;* il explique le terme *argento* de Camoens. L'aqueduc, dans la première partie de son trajet, accompagne les inflexions peu prononcées du terrain qu'il traverse; mais en arrivant à S. Benoît de Castris, couvent de religieuses supprimé, il franchit en arcades l'espace qui le sépare de la ville. C'est la partie

ás terras, as collinas, e ao chegar a S. Bento de Castris (extincto convento de freiras), salva em arcada a depressão de terreno que ha entre esse sitio e a cidade. É a parte monumental do aqueducto, a que dá nas vistas, a espaços com suas caixas d'ar ornamentadas.

A estampa representa um trecho, onde passa a estrada a macadam que sae da porta da Lagôa para norte, no sitio da Cartuxa; o arvoredo que ahi se vê é da grande cêrca do convento (hoje propriedade particular) dos monges de S. Bruno.

E uma arcada bem rasgada, solida, ornada, n'esse ponto, com uma *torrinha,* em dois corpos; aos cunhaes juntaram columnas estriadas, encimadas por uma cupula com seus relevos, pequeno zimborio ladeado de quatro mais pequeninos, todos sustentando grupos de romãs, que á primeira vista parecem cruzes.

A decoração ia augmentando á maneira que a obra se avisinhava da cidade; á entrada outra torre maior, e no final, em frente de S. Francisco, uma linda construcção renascença, que alguns tomaram como romana, feita em tijolo, com suas columnas, frisos, cornijas, nichos, muito elegante; um dia, mercê de qualquer coisa local, appareceu em terra, isto é, desappareceu. Murphy (*Travels in Portugal*) desenhou-a; e ha uma bella photographia de Laurent.

Uma custodia de prata dourada que hoje se guarda no Seminario de Evora ostenta mimosa ourivesaria, que reproduz a torrinha terminal do aqueducto.

Creio que effectivamente este aqueducto fosse construido sobre vestigios do romano.

Passa pela rua do Cano; documentos velhos muito anteriores a D. João III, já mencionam esse nome. Ha tambem documentos relativos a propriedades no campo que fallam dos arcos do Divor, como ponto de referencia conhecido, isto nos seculos XIV e XV.

O aqueducto entrando na cidade divide-se em ramos que abastecem estabelecimentos particulares, fontes e chafarizes publicos.

A fonte da praça de Geraldo é monumental (1570), com a sua rendilhada corôa de bronze dourado.

Na cidade ha outras fontes de grande elegancia, todas de taça elevada, com fórmas variadas (praça de D. Pedro, porta de Moura, Rocio). E fóra da cidade, proximo das portas, ha chafarizes antigos, alguns com ameias, armas reaes, etc., o das Bravas, o d'El-Rei, o de Alconchel e o dos Leões (ainda com dois leões, grandes, de pedra, romanos com certeza).

Parece que no portico da praça destruido em tempo de D. Henrique, cardeal, havia quatro leões. Dois estão no dito chafariz, um está agora no Museu da Bibliotheca (esteve no tanque do Rocio), e o quarto, dizem-me, está na quinta de S. Vicente, em Ferreira, ha muitos annos.

Ha muitos documentos do aqueducto de Evora, e das suas nascentes, no Archivo municipal; ha regimentos antigos, e até uma preciosa lamina de cobre, com a gravura das fontes, e dimensões dos anneis d'agua de distribuição ordinaria, peça muito interessante.

Cartuxa. — Cartuxa é nome vulgar dado em Portugal aos conventos da ordem de S. Bruno. Corresponde ao hespanhol Cartuja, ao francez Chartreuse. Aos frades ou monges chamavam *cartuxos.* A Cartuxa eborense era o convento da *Scala Cœli.* Fica fóra da cidade, para norte, e possuia vasta cêrca. Hoje é propriedade particular.

O frontispicio da Cartuxa que a estampa representa é exemplar de architectura de primeira ordem, puro, traçado com extraordinaria precisão e executado com primor em finos marmores. Divide-se em tres corpos, obedecendo cada um a uma das tres ordens classicas; primeiro a rasgada arcada dorica, formando alpendre, com amplo terraço; sobre este levanta-se a columnata jonica; superiormente, o terceiro corpo, em corinthio. É um typo conhecido, classico, reproduzido em templos italianos e francezes, da mesma idade.

D. Theotonio de Bragança fundou a Cartuxa eborense em 1587, com grandes meios e muito enthusiasmo; a grande construcção estava concluida em 1594. A obra é imponente, brilhante; quando o sol pela tarde illumina em cheio essa architectura classica executada em bons marmores, faz um effeito soberbo. O principesco prelado sentiu-se bem da sua obra, e esse convento ficou sendo o seu filho querido. Por muitas vezes na Cartuxa eborense os membros da familia de Bragança se hospedaram. D. Theotonio encheu o templo e capellas de trabalhos preciosos, os entalhados dos cadeirados do côro eram excellentes; e reuniu ahi uma extraordinaria livraria: ainda hoje quando encontro um livro com

monumentale de l'aqueduc, surmontée de regards ou soupiraux, ornés à l'extérieur et placés à des intervalles réguliers.

L'estampe en montre un morceau, qui croise la route qui part de la porte de Lagôa, au nord; les arbres visibles appartiennent au vaste enclos de la Chartreuse, aujourd'hui au pouvoir d'un particulier. C'est un arc bien lancé et solide, décoré d'une *tourelle* à deux corps; les angles en sont couverts de colonnes cannelées, surmontés d'une dôme central flanqué de quatre autres de moindres dimensions, supportant des groupes de grenades qui rappelent des croix à première vue.

La décoration augmentait à mesure que l'ouvrage approchait de la ville; il y avait à l'entrée une tour plus grande, et au bout de l'aqueduc, en face du couvent de St. François, une jolie construction de la Renaissance (que plusieurs ont cru romaine), ensemble élégant de colonnes, niches, frises et corniches entièrement bâti en briques. Un beau jour, grâce à je ne sais quel incident local, on le jeta par terre. Murphy (*Travels in Portugal*) en donna un dessin; on connaît aussi une belle photographie de Laurent.

Cette tour finale de l'aqueduc est reproduite dans un ostensoir en argent doré, parfaitement exécuté, qui appartient aujourd'hui au séminaire d'Evora.

Je suis porté à croire que cet aqueduc a été réellement bâti sur les restes d'une construction romaine analogue. Il traversa la rue du Canal, vieux nom de beaucoup antérieur à D. Jean III; d'ailleurs quelques titres de propriété rurale, du XIVe et XVe siècles, se rapportent aux arcs du Divôr comme à des répères connus.

Le canal de l'aqueduc, après avoir pénétré dans la ville, se divise en plusieurs conduits qui desservent quelques maisons particulières ainsi que les fontaines publiques.

Celle de place Geraldo est monumentale (1570), et finit par une couronne de bronze dentelée. On compte dans la ville plusieurs autres fontaines élégantes, à bassins de formes variées (place D. Pèdre, porte de Moura, Rocio); hors de l'enceinte de la ville il y a aussi quelques fontaines d'ancienne date, à crenelures et écussons royaux, etc., tels ceux de Bravas, du Roi, d'Alconchel et des Lions (ce dernier décoré de deux gros lions en pierre d'origine romaine). Il paraît que la grande porte de la place forte, détruite sous le cardinal-roi D. Henri, avait quatre gros lions en pierre, dont deux garnissent la fontaine citée, un troisième (auparavant à la fontaine de Rocio) est déposé au musée de la bibliothèque, et le dernier est depuis longtemps à Ferreira, dans la villa de St. Vincent.

Les archives municipales d'Evora gardent beaucoup de documents qui se rapportent à l'aqueduc et aux sources qui l'alimentent, des règlements anciens et une curieuse lame de cuivre gravée sur laquelle sont marquées les fontaines et les mesures de la distribution ordinaire.

La Chartreuse. — *Cartuxa* est le nom vulgaire qui désigne en Portugal les couvents de l'ordre de St. Bruno; il correspond à l'espagnol Cartuja, et au français Chartreuse. Les moines étaient appelés *cartuxos* ou chartreux. La chartreuse d'Evora était le couvent de *Scala Cœli;* il était bâti hors l'enceinte de la ville, du côté nord, et jouissait d'un splendide enclos. Il est tombé aujourd'hui aux mains d'un particulier.

La façade de la chartreuse est une pièce de premier ordre, d'un style pur, tracée avec une précision extrême et soigneusement exécutée en marbres précieux. Elle est divisée, ainsi que le montre l'estampe, en trois corps appartenant aux trois ordres classiques; d'abord une arcade dorique élancée, à *loggia* et balcon; puis une colonnade jonique, et ensuite le corps supérieur corinthien. C'est un type classique et connu, souvent reproduit dans des temples italiens et français de la même époque.

D. Theotonio de Bragance fonda la chartreuse d'Evora en 1587, en y consacrant des sommes considérables et un enthousiasme soutenu, en sorte que, sept années après, elle était achevée. C'est un ouvrage imposant et magnifique; l'effet de la classique façade en marbre, dorée en plein par le soleil couchant, est vraiment superbe. Le fastueux prélat était fier de ce couvent et ne cessa toute sa vie de le combler de bienfaits; les membres de la famille de Bragance y ont souvent logé. Le temple et les chapelles foisonnaient d'ouvrages précieux; les sculptures des stalles du chœur étaient excellentes, et la bibliothèque devint justement célèbre. Quoiqu'elle eut été postérieurement dispersée, on en trouve encore assez de volumes, marqués de l'*ex-libris* de la Chartreuse; ce sont toujours des ouvrages de prix, lorsqu'ils appartiennent à l'ancien fonds de D. Theotonio. Il n'en est pas de même de la splen-

o ex-libris da Cartuxa, do donativo de D. Theotonio, reparo logo, é livro de valor. Felizmente existem muitos; salvaram-se estes; não succedeu o mesmo á livraria dos Jesuitas de Evora, fundada com largo dispendio pelo cardeal infante D. Henrique, que era riquissima então, o que seria hoje? e que toda se desfez.

Ainda conheci alguem que frequentou a Cartuxa no tempo dos bons monges, muito estimados e respeitados. Os antigos frequentadores fallavam dos muitos beneficios, da cortezia extrema e das grandes festividades seguidas de bellos jantares sem carnes. Eram vegetalistas os cartuxos, e só em caso de doença se lhes permittia a carne de kágado.

Na Cartuxa eborense, como em todas as casas da ordem de S. Bruno, os monges tinham moradas separadas; comiam, dormiam, estudavam em suas casas; reuniam-se na egreja, no côro ou na livraria. Cada uma d'essas habitações, ou cellas, tinha sete divisões, um jardim pequeno com sua fonte e tanque. As *cellas* eram bem dispostas, com luz e sol, a distribuição das divisões bem pensada, e ainda vi n'esses pequenos jardins limoeiros forrando paredes, jasmineiros e baunilhas enfeitando as escadas. Bello laranjal occupava a enorme quadra, cercada de arcadas amplas, cheias de luz, para onde abriam as portas das casas dos monges. Era um encanto para homens que amassem o sereno retiro, o estudo, longe de agitação vulgar.

Sabem talvez que nos conventos além de rezas, estudos e meditações se tratava tambem de bons bocados, delicias do paladar: as freiras chegaram a inventar dôces celestiaes, e os frades acharam licôres de ineffavel aroma. São ainda bem afamados os licôres dos cartuxos e benedictinos. Pois os monges eborenses fabricavam tambem um licôr celebre, e a receita d'essa *chartreuse* era seguida por um meu bom amigo; elle morreu e creio que se perdeu de todo a receita: era um licôr estomacal, optimo; levava zimbro e canella com certeza; as dóses e os tempos do preparo, os cuidados, os segredos do fabrico, isso diria a receita.

Tinham tambem os cartuxos eborenses alguns remedios ou medicamentos especiaes, unguentos, aguas contra febres; em muitos conventos havia botica ou pharmacia, e comprehende-se bem como seriam uteis aos povos, especialmente aos pobres, essas boticas conventuaes, muitas em conventos collocados em sitios afastados.

Não se tem reparado bem na substituição dos elementos que se perderam com a extincção das ordens religiosas. O que é perfeitamente certo, é que hoje o povo provinciano está mais desprotegido e abandonado, mais esquecido, do que esteve no começo do seculo XIX.

Quando terminaram as ordens religiosas os cartuxos eborenses, todos ou quasi todos, emigraram para Italia; eram poucos; foram para as Cartuxas de Napoles, Pavia e Roma, onde alguns viveram muito respeitados, e por largos annos. Um d'elles que professára em 1832, morreu nonagenario ha pouco na Cartuxa de Roma, era D. Victor Nabantino, homem culto, que deixou algumas obras impressas.

Ha poucos annos ainda, havia culto na bella egreja da Cartuxa; dizem-me que isso mesmo acabou, e que toda essa architectura se arruina a sabor do tempo, sem o menor cuidado.

O altar-mór de Santo Antão. — Os apostolos estão assentados, discutindo ou conversando; posições, attitudes ingenuas, as dobras das roupagens, o estylo e a maneira do trabalho marcam a esta notavel esculptura data muito remota; o seculo XIII talvez; do XIV ha obras d'arte mais desenvolvidas e complexas.

Comparando aquelle estylo archaico com os exemplares ministrados por varias obras de iconographia christã, poderiamos attribuir-lhe época mais remota que o seculo XIII.

Por ser esculptura que importa á historia da arte, e monumento de archeologia christã, merece descripção minuciosa.

É um marmore de $2^m,02 \times 0^m,5$. Moldura singela, rudimentar, cérca a esculptura. Em banco razo, sem espaldar, sem o minimo ornato, assentam-se onze apostolos e S. Paulo. Superiormente, a meio, a cruz de braços dilatados para os extremos, quasi a cruz de Jerusalem.

S. Pedro e S. Paulo estão ambos á direita da cruz; S. Pedro mais proximo, tendo uma chave apenas; S. Paulo tem a espada erguida.

Oito figuras têm livro e quatro não; os santos Pedro e Paulo não têm livro, o que é notavel, e contrario ao costume, porque existem escriptos de ambos. Costumam representar com livro os apostolos

dide bibliothèque des RR. PP. Jésuites à Evora, fondée et grandement enrichie par le cardinal-roi D. Henri; on n'en trouve pas chez nous la moindre trace.

J'ai connu encore quelqu'un qui fréquentait la chartreuse du temps des moines, fort respectés de tout le monde. Leur courtoisie et hospitalité étaient bien connues, ainsi que leur fêtes religieuses, suivies de copieux dîners végétariens, la viande leur étant défendue, excepté en cas de maladie où on leur permettait la chair de tortue.

À la chartreuse d'Evora, comme ailleurs aux maisons de l'ordre, les moines ne vivaient pas en commun; ils mangeaient, couchaient et étudiaient dans leurs appartements spéciaux; ce n'est que dans la bibliothèque, le chœur et l'église qu'ils pouvaient se rencontrer. Chacun de ces appartements contenait sept divisions, sans compter un petit jardin orné d'une fontaine et d'un bassin; tout y était arrangé savamment et avec beaucoup d'art. J'ai pu voir encore les espaliers de citrons, le jasmin et l'héliotrope tapissant les escaliers de ces petits jardins; d'ailleurs, tous les appartements aboutissaient au cloître, qui ouvrait ses belles arcades sur une vaste orangerie. On ne saurait concevoir une retraite plus délectable et plus propre à l'étude et à la méditation.

Personne n'ignore que ce n'était pas là l'unique occupation des religieux dans l'intervalle des prières règlementaires. Les nonnes avaient le secret de confitures exquises, et les moines celui de liqueurs délicieux, d'un bouquet ineffable. Ceux des chartreux et des bénédictines jouissaient d'une réputation universelle. Les chartreux d'Evora fabriquaient aussi une liqueur renommée dont un de mes amis avait gardé la formule; malheureusement il est mort et en a emporté le secret avec lui. C'était un cordial excellent, dont la composition comprenait la canelle et des baies de genévrier.

Nos moines avaient aussi le secret de certaines recettes médicinales, d'onguents et de potions contre la fièvre. Beaucoup de couvents tenaient des pharmacies, à l'usage de la population des environs; ces institutions, fort utiles pour les pauvres, devenaient indispensables lorsque les couvents étaient bâtis dans les endroits reculés et solitaires de la campagne. L'extinction des ordres monastiques chez nous a laissé des vides qu'aucune des nouvelles institutions sociales n'est parvenue à combler. Il est hors de doute que les populations rurales sont, à tous les égards, plus délaissées de nos jours que dans le commencement du siècle passé.

Lorsque l'extinction fut prononcée, en 1834, presque tous, sinon tous, les chartreux d'Evora émigrèrent en Italie et se distribuèrent dans les chartreuses de Naples, Pavie et Rome, où les attendait une tranquille vieillesse. Dans ce groupe, d'ailleurs peu nombreux, comptait D. Victor Nabantino, profès depuis 1832 et récemment décédé à Rome dans un âge très avancée; c'était un homme très lettré, auquel on doit plusieurs ouvrages.

L'église de la Chartreuse resta toutefois ouverte au culte, mais cela même a fini, et cette belle architecture est à la merci du temps, sans aucune sorte de protection.

Le maître-autel de St. Antoine. — Les apôtres sont assis, ils causent ou se disputent; les positions, les attitudes naïves, les draperies, le style et la facture attestent une origine très ancienne; au plus tard le XIIIe siècle, le siècle suivant étant déjà caracterisé par un art plus savant et plus complexe. La comparaison de cette pièce archaïque et des modèles connus de l'iconographie chrétienne nous porte même à en fixer l'éxécution à une époque antérieure au XIIIe siècle. L'importance de l'ouvrage, au point de vue de l'histoire de la sculpture et de l'archéologie chrétienne, exige une description un peu détaillée.

C'est un marbre de $2^m,02 \times 0^m,5$ encadré d'une bordure très simple. Sur un banc sans dossier sont assis onze apôtres et St. Paul; au milieu dans la partie supérieure la croix à branches allongées des deux cotés, à peu près comme le type de Jérusalem. St. Pierre et St. Paul sont à droite de la croix; St. Pierre, plus près, tient seulement une clef, St. Paul l'épée haute.

Huit des figures tiennent un livre à la main, et quatre non; parmi eux St. Pierre et St. Paul, ce qui est en opposition à l'usage reçu. On répresente, en effet, un livre à la main tous les apôtres dont on a des ouvrages, en réservant aux autres le rouleau de papyrus, le *volumen* du prophétisme.

Le type de St. Pierre approche assez de l'image fixée dans l'iconographie et dans le sceau des papes; il a la barbe et les cheveux courts et en désordre, sans aucune calvitie. Les symboles de martyre de tous les apôtres manquent tout-à-fait; je me fonde sur cette particularité pour voir dans la figu-

que deixaram escriptos, e com o *volumen* do prophetismo, o rolo de papyro, aquelles que não escreveram.

O typo de S. Pedro está proximo da imagem fixada na iconographia, nos sêllos dos papas, tem o cabello e a barba curtos e revoltos; sem calva. Faltam completamente os symbolos dos martyrios de cada um d'elles; e é por isto que a figura á direita de S. Pedro, tendo a espada, e com a barba comprida, me parece S. Paulo, e não S. Thiago Maior, que tambem se representa com a espada com que o decapitaram.

No tomo II dos *Monuments anciens et modernes* de J. Gailhabaud está representado o apostolado do altar da cathedral de Tréves; é no estylo romanico, seculo XI; os apostolos têm os nimbos ou grandes resplendores circulares; roupagens mui singelas; têm livros, não têm instrumentos de martyrio; recorda bastante o apostolado de Santo Antão, tendo este porém um tom mais primitivo. No mesmo volume se póde vêr o altar-mór da egreja de Combourg; n'este a cruz é substituida pela imagem de Jesus, e tudo n'elle denuncía uma arte mais adiantada que a do altar eborense. Pois dizem ser do fim do seculo XII. Roupagens tão variadas e estudadas como as das figuras do altar de Combourg só se encontram na estatuaria portugueza no seculo XIV.

Ainda outro muito parecido é o da egreja de Avenaz (*Archéologie* de Caumont, *Ère romaine secondaire*, pag. 297); julga-se da segunda metade do seculo XII. Por estes dados, attendendo á relação entre a iconographia portugueza na idade média com a franceza, ao estylo das roupagens, posições e symbolica, póde attribuir-se o altar de Santo Antão ao fim do seculo XII ou principios do XIII. É possivel que pertencesse á primitiva egreja, conhecida tambem por Santo Antoninho, que alli antecedeu a actual construida pelo cardeal D. Henrique. D'esse velho templo ha vestigios ainda, e muitos documentos eborenses da idade média nos fallam d'elle, e do seu adro, onde se tratavam negocios importantes á vida da cidade.

Palacio de D. Manoel, restos dos antigos paços reaes. — O edificio representado na estampa tem uma parte antiga, outra moderna imitação do antigo, e uma outra, a superior, toda moderna. Está situado no passeio publico, jardim bem delineado, com formosos aspectos. A parte antiga que mais nos importa pertence a épocas differentes. A arcada ampla no pavimento terreo é a construcção primitiva; sobre esta ergueram o primeiro andar, hoje modificado, á direita do torreão de entrada; á esquerda ficam as janellas do tempo de D. Manoel, geminadas, com arcos mouriscos. Essa parte, sul, do edificio termina n'um eirado ou terraço, apoiado em airosa arcada granadina, arcos de tijolos de feitio especial, em ferradura, sobre robustas pilastras de granito.

O torreão de entrada offerece dois estylos, manuelino nas grandes janellas do patamar, e sobre estas, nas tres faces livres, janellas em marmore fino, muito bem lavradas, em estylo do renascimento, do tempo de D. João III. A cupula d'esse torreão é moderna, imitando a antiga. A escada primitiva encostava á parede, vindo terminar na face sul do torreão, que era a cobertura do patamar. Na vista da cidade que existe pintada no foral concedido por D. Manoel, no archivo da camara, vê-se este palacio, pelo lado do poente; e bem marcado pela bandeira real. Por essa ingenua mas valiosissima estampa conhece-se que esta parte do paço tinha um segundo andar, de pouco pé direito, arejado por pequenas janellas.

Ha gravuras e photographias antigas mostrando o edificio antes das obras modernas que lhe alteraram o aspecto.

A arcada arabe ou granadina que sustenta o eirado, com os seus arcos em ferradura formados de duas fiadas de tijolos ornamentaes, é unica em Portugal; as janellas geminadas manoelino-mouriscas, em granito e columnas de marmore; as tres janellas do torreão, em marmore, lavradas primorosamente em renascença, de variados desenhos, são bellos typos, que seria util reproduzir em especial. O que existe é um pequenino fragmento do paço real; documentos muito anteriores a D. Manoel se referem a essas vastas construcções que se entrelaçavam com as do convento de S. Francisco, enorme tambem.

Provavelmente começou a ser abandonado quando a côrte se fixou em Lisboa. Em diversas obras que por esses sitios se têm feito se encontraram restos; alegretes de jardim, canos mui velhos, paredes com pinturas decorativas, tudo sob cinco ou seis metros de entulhamento.

G. Pereira.

EVORA

re, à longue barbe et portant l'epée, qui est à droite de St. Pierre, l'apôtre St. Paul et non St. Jacques le Majeur, auquel on donne couramment l'epée qui lui a tranché la tête.

Le II tome des *Monuments anciens et modernes* de J. Gailhabaud reproduit un groupe d'apôtres de la cathédrale de Trèves, dans le style roman du XIe siècle; les apôtres portent de larges auréoles, des draperies très simples, des livres et non les instruments de leur martyre. L'ensemble rappelle beaucoup le marbre de Santo Antão; celui-ci a toutefois un air plus primitif. Le même volume nous donne le maître-autel de l'église de Combourg; la croix y est remplacée par l'image de Jésus, et d'ailleurs tout y dénonce un développement artistique supérieur à celui de la sculpture d'Evora. Cependant on l'attribue au dernier quartier du XIIe siècle. Ce n'est que deux siècles plus tard, au XIVe, qu'on trouve dans la statuaire portugaise des draperies variées et finies comme celles de l'autel de Combourg. L'autel de l'église d'Avenaz se rapproche encore plus du nôtre; on le croit de la seconde moitié du XIIe siècle (*Archéologie* de Caumont, Ère romane secondaire, pag. 297). Toutes ces données, ainsi que les analogies de l'iconographie du moyen-âge en France et en Portugal au point de vue des draperies, des poses et de la symbolique, fixent la date de l'autel de Santo Antão à la fin du XIIe siècle, ou aux débuts du siècle suivant.

Il se peut d'ailleurs qu'il ait appartenu à l'église primitive, de *Sant'Antoninho* qui précéda l'actuelle, bâtie sous le cardinal-roi D. Henri. Les traces n'en sont pas toutes perdues; beaucoup de documents du moyen-âge, gardés à Evora, nous parlent de ce temple et de son parvis, où se vidaient d'importantes affaires de la vie courante.

Palais de D. Manuel, restes de l'ancien palais royal. — L'édifice de l'estampe ci-jointe a une partie ancienne, un autre moderne, pastiche de l'ancien, et une troisième tout-à-fait moderne. Il est placé dans la promenade publique, jardin bien tracé et qui offre de beaux coups d'œil. La partie ancienne, qui nous interesse le plus, n'est pas toute de la même époque. L'ample galerie du rez de chaussée appartient à la construction primitive; le premier étage, à droite de la tour d'entrée, a été réformé de nos jours; à gauche sont les fenêtres géminées, aux cintres mauresques, du temps de D. Manuel.

Cette partie de l'édifice, tournée au sud, finit en terrasse, appuyée sur une élégante galerie mauresque, aux arcs en fer-à-cheval, bâtis en brique et reposant sur de fortes pilastres en granit.

Le tour d'entrée offre deux styles; les grandes fenêtres du palais appartiennent au *manuelino;* sur celles-ci, dans les trois faces libres, des fenêtres, en marbre très bien sculpté, de la Renaissance portugaise, du temps de D. Jean III. La coupole de la tour est une imitation moderne; l'escalier primitif, adossé au mur, terminait dans la face sud de la tour, qui formait la couverture du palier.

La vue de la ville, peinte dans la chartre octroyé par D. Manuel qui existe dans les archives municipales, montre ce palais du côté du couchant; il y est bien défini par le drapeau royal. Cette naïve illustration nous donne des renseignement précieux; on voit que le palais comptait de ce côté un deuxième étage assez bas, percé de petites fenêtres.

Il y a des gravures et des photographies antérieures à la reconstruction moderne, qui a changé l'aspect de l'édifice. Il serait convenable d'un reproduire séparément les trois plus beaux morceaux: la galerie mauresque, unique en Portugal, qui supporte la terrasse, aux arcs formés de deux rangées de briques ornementales; les fenêtres géminées manuelino-mauresques en granit, aux colonnes de marbre; et les trois fenêtres en marbre à dessins variés, délicatement sculptées dans le style de la Renaissance.

Ce qui existe n'est qu'un fragment réduit du palais royal; des documents de beaucoup antérieurs à D. Manuel se rapportent à cette vaste bâtisse qui se mêlait à l'énorme couvent de St. François. Il est probable que le palais a' été peu à peu abandonné après que la cour se fixa à Lisbonne. On en a trouvé quelques restes, en déblayant le terrain pour de nouvelles constructions; des platebandes de jardin, de vieux conduits d'eau, des pans de murailles décorées, tout cela enfoui sous cinq à six mètres de décombres.

G. Pereira.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Egreja de Nossa Senhora da Graça

EVORA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Aqueducto da Agua da Prata

EVORA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Cartuxa

EVORA



Palacio de D. Manoel

EVORA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO.

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Altar mór de Santo Antão

EVORA

Villa do Conde



NA margem direita do rio Ave, e a uns 800 metros, approximadamente, da sua foz [1], em campo desafogado e fertil, está assente esta graciosa villa do Minho, uma das mais celebradas da antiga circumscripção interamnense, hoje cabeça e séde da comarca e concelho do seu nome, districto do Porto, e da jurisdicção ecclesiastica da mitra archiepiscopal de Braga.

N'um paiz, como o nosso, aonde não existe uma historia das suas instituições municipaes, nem esperanças d'ella, nada mais desolador do que o dever, que as circumstancias de quando em quando impoem áquelles que versam os asperos estudos historicos, de fixar, por uma fórma intelligente e segura, a origem dos antigos villares, que a consolidação do desmembramento da corôa de Leão n'esta parte da Peninsula, veiu mais tarde alçar á categoria de *terras do Rei* ou dos seus senhores. Até á fixação dos primeiros foraes, tanto dos que procedem directamente da Corôa, como dos que derivam do braço ecclesiastico, tudo, entre nós, é vago, presumptivo e conjectural.

Assim, de Villa do Conde se suspeita com relativa plausibilidade, que foi do alto do seu comoro, onde mais tarde se alevantou o mosteiro de Santa Clara, que irradiou toda a vida, incremento e progresso dos seus futuros destinos. Tem-se quasi geralmente como admittido que alli existisse um *castro romano*, porventura um dos muitos [2] *castra stativa* com que as legiões romanas, sob as vistas dos *castrorum metatores*, foram affirmando o seu predominio, desde os dias de Augusto, por estes sitios. E que assegurada a estabilidade do governo do conde D. Henrique no territorio portucalense, e especialmente no districto de Braga, o que de modo algum póde ser anterior aos fins da Era de 1132 (1094) ou principios da de 1133 (1095), o bourgonhez, pela separação definitiva da Galliza (1095-1112) [3], déra a villa ao conde D. Meem Paaez Bofinho, filho de D. Paay Godiins, da geração de D. Godinho Veegas, que fundou o convento de Villar de Frades [4].

É este conde D. Meem, ou mais commummente D. Mendo Paes, com o seu titulo heraldico ainda acaso na sua primitiva accepção wisigothica, quem vem dar nome definitivo á obscura povoança, ou pobra-maritima do valle do Ave.

Na segunda Alçada inquisicional de 1258, de D. Affonso III, faz-se menção d'este conde D. Mendo, como um dos mais opulentos bemfeitores de Santo Thyrso, a cujo mosteiro doára a Egreja de Lavra [5], aonde, por isenta, não entrava o mordomo do rei.

Como todos os feudos amissiveis, as terras do conde D. Mendo Paes que não passaram a mosteiros ou a outros senhores, tiveram de voltar á Corôa, pelo que a villa é dada por Sancho I, na Era de 1227 (1189) a uma das suas concubinas, D. Maria Paez Ribeira [6], filha de D. Payo Moniz e de sua mu-

---

[1] Os topographistas que seguiram o Padre Antonio Carvalho da Costa (*Corogr. Port.*, trat. V, cap. XII) fixam em *meio quarto de legua* esta distancia. Cf. *Panor.*, t. IV, n.º 177, pag. 297-8.

[2] Tit. Liv. XXI, 35, 5; XXVI, 9, 2.

[3] Esta carta de doação, cuja data não póde ser fixada anteriormente á Era de 1133 (1095) nem posterior á de 1150 (1112) anda em varias monographias de Villa do Conde como passada entre a Era de 1131 (1093) e 1150 (1112). É erro. Em 1093 ainda esta parte da Galliza pertencia ao conde D. Raymundo de Bourgonha. Cf. *Dissert. chronol.*, t. III, part. I, pag. 30, n.º 91; e pag. 33, n.º 98. *It.* A. Herculano, *Hist. de Port.*, liv. I, pag. 194 (ed. de 1875).

[4] O nome d'este conde anda escripto pelas fórmas mais desvairadas. Ora o designam por D. Mendo Paes *Rofinho*, ora por D. Mendo Paes *Roufinho* ou ainda *Rufino*. Seguimos a lição do *Livro das Linhagens. Port. Mon. Hist. Scriptores*, fasc. III, tit. LIV, pag. 353-54.

[5] *Port. Mon. Hist. Inquisit.*, vol. I, fasc. IV e V, pag. 475 e segg.

[6] O Padre Antonio Carvalho, na sua *Corographia Portugueza*; J. A. d'Almeida, no seu *Diccion. chorogr.*; João Maria Baptista, na sua *Chorogr. Moderna*; I. de Vilhena Barbosa, nas suas *Villas e Cidades*, e finalmente *O Panorama* (IV, n.º 177, pag. 298) dão todos, á uma, como sendo D. Maria Paes concubina de D. Diniz. Pinho Leal dá pelo erro; mas sem discernimento para o demonstrar appella para a auctoridade de A. Herculano, citando uma passagem referente ao caso, contida na sua *Historia de Portugal*, t. II, l. III, pag. 87 (ed. de 1878).

Villa do Conde



SUR la rive droite de l'Ave, à 800 mètres de l'embouchure [1], est assise cette gracieuse petite ville, une des plus célèbres de l'ancienne province comprise entre les fleuves Douro et Minho, aujourd'hui chef-lieu d'une circonscription administrative et judiciaire du département de Porto, de la juridiction ecclésiastique de l'archevêque de Braga.

Dans un pays, où l'histoire des institutions municipales est à faire, et le sera longtemps encore, c'est une tâche pénible, imposée à ceux qui poursuivent des recherches historiques, que de fixer d'une manière sûre et claire l'origine des anciens bourgs qui, après le démembrement de la couronne de Léon dans ce coin de la Péninsule, se sont élevés à la catégorie de terres seigneuriales ou royales.

Jusqu'à la concession des premières chartes, qu'il s'agisse de terres procédant directement de la couronne ou bien de l'autorité ecclésiastique, tout se réduit chez nous à de vagues conjectures. En ce qui concerne Villa do Conde, il y a des motifs acceptables pour en fixer l'emplacement primitif dans le sommet de la petite colline où se lève le monastère de Ste. Claire. On admet généralement qu'il y a eu autrefois un camp romain, l'un des nombreux [2] *castra stativa* au moyen desquels les légions romaines, sous les yeux des *castrorum metatores*, affermissaient leur conquête, depuis le temps d'Auguste.

Lorsque le comte D. Henri établit définitivement son autorité sur le territoire *portucalense* et spécialement sur le district de Braga, ce qui ne saurait être fixé avant les fins de 1132 ou les commencements de 1133 de l'ère d'Espagne (1094-95 de l'ère chrétienne), et après la séparation définitive de la Gallice (1095-1112) [3], on suppose que le prince bourguignon donna la ville au comte D. Meem Paaez Bofinho, fils de D. Paay Godiins, de la famille de D. Godinho Veegas, qui fonda le monastère de Villar de Frades [4].

C'est de ce comte D. Meem, ou plus communément D. Mendo Paes, et de son titre héraldique, peut-être encore dans l'acception wisigothique primitive, que procède le nom de l'obscur village maritime de la vallée de l'Ave.

Dans la deuxième enquête générale de 1258, sous D. Alphonse III, mention est faite de ce comte D. Mendo comme d'un riche bienfaiteur qui avait donné au monastère de Sant Thyrso l'église de Lavra [5], dont l'entrée, par suite de privilége, était défendue aux officiers du roi.

Comme pour tous fiefs amissibles, les terres du comte D. Mendo Paes qui ne passèrent pas à d'autres seigneurs ou à des monastères retournèrent à la Couronne. Aussi voyons-nous le roi D. Sanche I les donner en 1227 (1189) à une de ses maîtresses D. Marie Paez Ribeira [6], fille de D. Payo Moniz et de sa femme D. Urraca Nunes.

Dans son testament, fait à Coïmbre en 1247 (1209) le roi confirme la donation de Villa do Conde

---

[1] Les topographes qui ont suivi le Pe Antoine Carvalho da Costa (*Corogr. Port.*, trat. V, chap. XII) fixent la distance à un huitième de lieue. Cf. *Panor.*, t. IV, nº 177, pag. 297-8.

[2] Tit. Liv. XXI, 35, 5; XXVI, 9, 2.

[3] Cette charte de donation, dont la date est comprise entre 1133 (1095) et 1150 (1112), est attribuée dans plusieurs monographies de Villa do Conde à l'intervalle de 1131-1150 (1093-1112). C'est une erreur; en 1093 cette partie de la Gallice appartenait encore au comte D. Raymond de Bourgogne. Cf. *Dissert. chronol.*, t. III, part. I, pag. 30, nº 91; pag. 33, nº 98. A. Herculano, *Hist. de Port*, liv. I, pag. 194 (éd. de 1875).

[4] Le nom de ce comte est donné sous des formes très différentes. On trouve tantôt D. Mendo Paes *Rofinho*, tantôt D. Mendo Paes *Roufinho* et même *Rufino*. Nous adoptons la leçon du *Livre des lignées*. *Port. Mon. Hist. Scriptores*, fasc. III, tit. LIV, pag. 353-54.

[5] *Port. Mon. Hist. Inquisit.*, vol. I, fasc. IV et V, pag. 475 et suiv.

[6] Le Pe Antoine Carvalho, dans sa *Corogr. Portug.*; J. A. d'Almeida, dans le *Dict. chorogr.*; Jean Marie Baptiste, dans la *Chorogr. Moderne*; I. de Vilhena Barbosa dans *Villas e cidades*, et enfin *O Panorama* (IV, nº 177, pag. 298) donnent tous cette femme comme maîtresse du roi D. Denis. Pinho Leal accuse cette erreur, sans toutefois la démontrer autrement que par l'autorité de A. Herculano, dont il cite à l'appui un passage de l'*Histoire du Portugal*, t. II, l. III, pag. 87 (édit. de 1873).

lher D. Urraca Nunes. No seu testamento, feito em Coimbra em 1247 (1209) confirma D. Sancho I esta doação, comprehendendo Villa do Conde no numero dos outros dominios de Parada, Pousadella e Pereira, com que contempla os filhos que d'ella confessa ter — *filijs meis quos de illa habeo* [1].

Esta carta de doação de D. Sancho I a D. Maria Paes é, sob todos os pontos de vista, uma *carta-pobra.* Verdadeiro titulo de juro e herdade, como o reconheceram mais de tres seculos depois os juristas do tempo de D. Manoel, os filhos e successores da regia concubina podiam em suas herdades (*hereditates*) administrar justiça, pôr officiaes (*ponere homines*) e usar de todas as prerogativas e isenções, admittidas pelo direito d'aquelles tempos nas terras privilegiadas.

Ampla, vasta e incondicional, como parece, a doação de D. Sancho I a D. Maria Paes e a seus filhos foi, ainda assim, mais larga do que aquillo que pela confirmação testamentaria de Coimbra se póde agora inferir. Pelas inquirições regionalistas do tempo de D. Affonso III, pelo menos nas que constituem a segunda Alçada de 1258, vê-se que D. Sancho I, além dos dominios de Villa do Conde, Parada, Pousadella e Pereira, outorgára mais a D. Maria Paes e aos filhos que d'ella declara ter, parte do antigo casal da Egreja de Lavra, devoluto á Corôa por amissivel, desde o fallecimento do conde D. Mendo Paes Bofinho. Segundo a mesma inquirição essa parte da avoenga real foi computada em nada menos do que em cinco casaes, dentro de cujo districto, até á doação regia, entrava sem contradicção o mordomo do rei [2].

Além d'estes cinco casaes, teve D. Maria Paes Ribeira, por igual titulo, doze dominios na Egreja de Avellanêda, no julgado da Maia, conjunctamente com dois maravedis [3], isentos de voz e coima [4].

Quanto á partilha das aguas fluviaes, o Ave ficava pertencendo em parte, isto é, até o meio, aos senhores de Villa do Conde. Era a margem direita. A margem esquerda tocava á Egreja de Pindello. Mas do que se infere dos proprios depoimentos dos meados do seculo XIII, nem nos dias de D. Maria Paes esta divisão fôra acatada inteiramente pelos homens ou officiaes da regia concubina. Porque vindo os de Pindello a fabricar de novo seus [5] *canarios pro ad piscandum,* na riba que lhes tocára, não lhes foi isso consentido, posto que em tempo lh'o permittissem [6]. Do que resultou começarem os de Villa do Conde a edificar moinhos e azenhas na margem direita, impedindo ao mesmo tempo, por violencia, que os de Pindello fizessem outro tanto na região que lhes fôra deferida [7].

E emquanto assim procediam, com pleno assentimento dos officiaes da Corôa, iam estabelecendo *paus* e *canalegas,* isto é, carneiros e cambôas, junto a Pedras-Rubras (*Petreas-rubeas*) de modo a que os da Egreja de Pindello não podessem tirar qualquer proveito de uma faculdade, que a amante de D. Sancho I, com as artes do seu alto valimento de alcôva, tornára pouco menos do que nominal.

*

* *

Mas de todas estas prodigalidades do segundo rei de Portugal, tão fóra dos seus habitos, e como que diriamos tão longe do seu caracter, estava escripto no livro dos Destinos que sómente a Infanta D. Thereza Sanches havia de colher os despojos.

---

[1] Por morte de D. Sancho I, D. Maria Paes veio a casar com D. João Fernandes de Lima, da casa dos Tenorios e de los Arcos, em Hespanha. Do seu concubinato com o monarcha portuguez houvera ella seis filhos: — D. Gil, D. Rodrigo, D. Thereza Sanches e D. Constança Sanches, que são os que vêm mencionados no seu testamento; e mais D. Nuno e D. Mayor Sanches, que morreram de pouca idade. Não falta quem, por este facto, lhe não dê senão quatro filhos. A. Herculano (*Hist. de Port.,* t. II, l. III, pag. 87) e Brandão (*Mon. Lusit.,* l. XII, cap. XXI, e l. XIV, cap. XXIV) mencionam cinco.

[2] *Fort. Mon. Hist. Inquisit.,* v. I, fasc. IV e V, pag. 476.

[3] Ibid., pag. 480.

[4] Ibid., loc. cit.

[5] Canalegas.

[6] Interrogatus de fluvio Ave... dixit quod vidit partire ipsum fluvium Ave per medium vene, et medietas fluvii erat Villa Comitis, et alia medietas erat Piuidilli; et modo non est ita quia homines qui morantur in Villa Comitis faciunt et fecerunt canarios pro ad piscandum... et homines qui morantur in Pinidillo non sunt ausi ibi facere canarios *quos solebant facere.* Ibid., pag. 481.

[7] et homines Pinidilli voluerunt similiter molendinos et zenias facere contra Piuidillum, et tunc Dompna Maria Pelagii *mandavit eis defendere quod non facerent ibi quia mandaret eis destruere.* Ibid., loc. cit., pag. 482.

et des terres de Parada, Pousadella et Pereira, aux fils qu'il déclare avoir eûs de D. Marie Paes — *filijs meis quos de illa habeo* [1].

Cet acte de donation de D. Sanche à D. Marie Paes est à tous les titres une *carta-pobra,* un vrai titre héréditaire, ainsi que l'ont reconnu trois siècles plus tard les jurisconsultes du temps de D. Manuel, qui permettait aux fils et successeurs de la concubine royale de rendre la justice dans leurs domaines (*hereditates*), de nommer des officiers (*ponere homines*), et d'user de toutes les prérogatives et exemptions que le droit de cette époque attribuait aux terres privilégiées.

Il semble toutefois que, malgré l'ampleur de ces concessions, la donation du roi à sa maîtresse et à leurs fils excéda encore les termes de la confirmation testamentaire de Coïmbre. D'après les enquêtes régionales de D. Alphonse III, au moins d'après la deûxième de 1258, on voit que D. Sanche I, outre les terres de Villa do Conde, Parada, Pousadella et Pereira, donna à D. Marie Paes et à ses enfants une partie de l'ancien domaine de l'église de Lavra, dévolu à la couronne par la mort du comte D. Mendo Paes Bofinho. Il ressort aussi, de l'enquête citée, que cette portion comprenait jusqu'à cinq villages, dont la donation interdisait l'accès aux officiers royaux [2].

Outre ces cinq villages, la maîtresse reçut encore douze terres de l'église de Avellanêda, dans la Maia, et deux *maravedis* [3], exempts d'amende et de saisie [4].

Quant au partage des eaux fluviales, il était convenu que la moitié de l'Ave, à droite, appartiendrait aux seigneurs de Villa do Conde; et la moitié gauche à l'église de Pindello. Mais de la vie même de D. Marie Paes, ces dispositions étaient enfreintes par ses officiers, ainsi que l'attestent les témoignages écrits du XIII[e] siècle. Lorsque les habitants de Pindello, d'après l'ancienne coutume, se proposèrent d'établir leurs *canarios pro ad piscandum* [5] dans la rive gauche, ceux de Villa do Conde s'y opposèrent [6], et bâtirent force moulins dans la rive droite, tout en empêchant ceux de Pindello d'user du même droit dans la région qui leur était assignée [7].

Pendant que ces violences s'exerçaient, du consentement des magistrats de la Couronne, ils construisaient des bordigues près de Pedras-Rubras (*Petreas-rubeas*), en tournant entièrement à leur profit un droit que la maîtresse de D. Sanche, de toute la force de son crédit personnel, avait su rendre purement nominal.

*

* *

Le destin voulut toutefois que de toutes ces largesses du deuxième roi du Portugal, si en dehors de ses habitudes et même de son caractère, la seule infante D. Thérèse Sanches put cueillir les fruits.

D. Rodrigue Sanches, le second Roland — *alter fuit hic Rotulandus,* comme le nommait l'inscription tumulaire de Grijó — mourut en 1245 sans descendance devant les murailles de Porto, en combattant contre D. Martim Gil de Soverosa, fils de D. Gil Vasques de Soverosa e de D. Marie Ayres de Fornellos, une des anciennes maîtresses de son père.

---

[1] Après la mort de D. Sanche I, D. Marie Paes se maria à D. Jean Fernandes de Luna, de la maison des Tenorios et de los Arcos, en Espagne. Elle avait eu six fils du roi portugais: — D. Gil, D. Rodrigue, D. Thérèse Sanches et D. Constance Sanches, mentionnés dans le testament cité, et encore D. Nuno et D. Mayor Sanches, morts en bas âge. Quelques écrivains ne lui en donnent que quatre; A. Herculano (*Hist. du Port.,* t. II, liv. III, pag. 87) et Brandão (*Mon. Lusit.,* liv. XII, chap. XXI et liv. XIV, chap. XXIV) en mentionnent seulement cinq.

[2] *Port. Mon. Hist. Inquisit.,* vol. I, fasc. IV et V, pag. 476.

[3] Ibid., pag. 480.

[4] Ibid., loc. cit.

[5] Canalegas (bordigues).

[6] Interrogatus de fluvio Ave... dixit quod vidit partire ipsum fluvium Ave per medium vene, et medietas fluvii erat Villa Comitis, et alia medietas erat Pinidilli; et modo non est ita quia homines qui morantur in Villa Comitis faciunt et fecerunt canarios pro ad piscandum... et homines qui morantur in Pinidillo non sunt ausi ibi facere canarios *quos solebant facere.* Ibid., pag. 481.

[7] et homines Pinidilli volucrunt similiter molendinos et zenias facere contra Pinidillum, et tunc Dompna Maria Pelagii *mandavit eis defendere quod non facerent ibi quia mandaret eis destruere.* Ibid., loc. cit., pag. 482.

D. Rodrigo Sanches — o segundo Rolando — *alter fuit hic Rotulandus* — como o appellidava a letra tumular de Grijó — acabou sem descendencia diante dos muros do Porto, no anno de 1245, pelejando contra D. Martim Gil de Soverosa, filho de D. Gil Vasques de Soverosa e de D. Maria Ayres de Fornellos, uma das antigas concubinas de seu pae. D. Gil Sanches, fallecido no anno de 1236, seguiu as ordens. D. Constança Sanches — *a beata Constança,* como lhe chamam as memorias franciscanas — *Constans sponsa Dei, Constancia dicitur* — segundo se lia no seu epitaphio de Santa Cruz de Coimbra — posto que dispozesse da parte que lhe tocára nos dominios de Villa do Conde, em favor de sua sobrinha, a Infanta D. Sancha [1], filha de D. Affonso III e fallecida em 1302 sem eleger estado, essa doação, por não ser confirmada pela Corôa, ficou sem alcance, e, por conseguinte, sem consequencias. Além d'isso, D. Constança, por haver tomado o habito das *donas,* junto ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ainda quando não dispozesse da parte que lhe cabia nas suas herdades do valle do Ave, ficára inhabil para a successão por motivo dos votos a que se submettera. A reversão portanto impunha-se. De resto, D. Nuno Sanches e D. Mayor Sanches acabaram de tenra idade.

Restava, pois, D. Thereza Sanches, a qual vindo a ser segunda mulher de D. Affonso Telles de Menezes, rico-homem, senhor de Albuquerque, Montalegre, Valladolid e Madrid, veio a constituir tronco da illustre familia dos Menezes, á qual pertence a senhora D. Thereza Martins, conhecida nas chronicas pela antonomazia de *Excellente Madama,* filha de D. Maria Cornel de Artal de Luna e de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos (1298), senhor de Albuquerque e mordomo-mór d'el-rei, casada mais tarde com o Infante D. Affonso Sanches, bastardo acceitissimo d'el-rei D. Diniz.

Confirma a Corôa, na descendencia da Infanta D. Thereza Sanches, o senhorio de Villa do Conde, não usando D. Diniz do direito que de parte d'esse senhorio lhe advinha pela reversão da herança da Infanta D. Sancha, acaso em claro testemunho da affeição que votava a D. Affonso Sanches, seu filho, e do agrado com que acolhera o seu auspicioso casamento. E não é sómente não fazer valer esse direito; é acudir logo a dotar Villa do Conde com um amplo foral, assignado em Lisboa a 10 de fevereiro da Era de 1334 (1296) [2].

Este padrão das novas liberdades politicas e civis do humilde villar do Ave é de uma severidade excepcional, no que toca a *penas de arma e de sangue,* penas de tal rigor que, por não serem confirmadas pelos «Senhores Reis e Senhores da terra» [3] foram depois julgadas como não escriptas, e mais tarde inteiramente derogadas pelo foral manuellino de 1517.

É d'esta segunda época da sua vida civil e politica, e como que diriamos d'esta sua segunda phase moral, de caracter menos arbitrario e fluctuante, que começam para Villa do Conde os seus dias senhoriaes.

Amparada pelo foral regio, que n'ella accentúa os extremos de uma protecção definida e concreta, e, ao mesmo tempo, pela sombra cavalleiresca e grave d'essa extranha figura de Affonso Sanches, um mixto epico de guerreiro e de monge, de santo e de paladino, a terra do conde D. Mendo resurge e como que se levanta da obscuridade do seu ninho, e vem, como patrimonio de um Infante, entrar em lucta contra a Corôa, na sua qualidade de terra de prestameiros e reguengueiros d'el-rei.

No correr d'essa ingrata refrega que vai iniciar-se, Villa do Conde teve, como poucas terras isentas, os seus dias de gloria e de triumpho. Á espada e á lança, o seu senhor soube defender os seus direitos e a sua honra, tanto nos algares de Bragança, como nos despenhadeiros de Albuquerque e Medellim, medindo-se, elle e os seus homens, com os besteiros de soldo, que o Mestre d'Aviz, Gonçalo Vaz, por ordem de Affonso IV, lançára ao seu encontro.

E se só, muito mais tarde, houve de ceder uma parte da sua jurisdicção, após um arresto infamante, a nobre villa e os seus defensores podem redarguir-nos, que se as suas regalias de feudo e de excepção baqueiaram por terra, e por um modo tão triste, esse derruir cavo e affrontoso teve de rea-

[1] Ruy de Pina e Duarte Nunes de Leão chamam-lhe inadvertidamente *Constança.* Manoel de Faria duplica o erro, fazendo d'esta Princeza duas pessoas: — D. Sancha e D. Constança. Cf. *Mon. Lusit.*, part. IV, liv. XV, cap. XXVIII; e part. VI, liv. XVI, cap. XLVIII. *It.* Sousa, *Hist. Geneal.*, vol. I, cap. XVI, pag. 175-6.

[2] Arch. Nacion. Liv. 2.° das Doações de El-Rey D. Diniz, f. 119-v., col. 1.ª

[3] Palavras do foral de D. Manoel.

D. Gil Sanches, décédé en 1236, reçut les ordres. D. Constance Sanches, la Bienheureuse Constance, d'après les annales de St. François — *Constans sponsa Dei, Constancia dicitur,* dans l'épitaphe du monastère de la Ste. Croix à Coïmbre — disposa de sa part des biens de Villa do Conde en faveur de sa nièce, l'infante D. Sancha [1], fille de D. Alphonse III, décédée en 1302 sans mariage; mais l'acte de donation, n'ayant pas été confirmé par la Couronne, était nul et non avenu, d'autant plus que D. Constance, ayant pris l'habit à Coïmbre, perdit du fait des vœux le droit à la succession.

Les autres frères D. Nuno Sanches et D. Mayor Sanches étant morts en bas âge, il ne restait que D. Thérèse Sanches. Elle était la seconde femme de D. Alphonse Telles de Menezes, seigneur d'Albuquerque, de Montalegre, de Valladolid et de Madrid, et forma la souche de l'illustre lignée des Menezes, dont était D. Thérèse Martins, connue dans les chroniques sous le nom d'*Excellente Madame,* fille de D. Marie Cornel de Luna et de D. Jean Alphonse de Menezes, comte de Barcellos (1298), seigneur de Albuquerque et grand-maître du roi, mariée plus tard à l'infant D. Alphonse Sanches, bâtard bien-aimé du roi D. Denis.

Celui-ci confirma, dans les descendants de l'infante D. Thérèse Sanches, la seigneurie de Villa do Conde, en leur cédant sa part, échue à la Couronne du fait de l'héritage de l'infante D. Sancha. Cette grâce, qui témoigne de son affection pour le bâtard D. Affonso Sanches et de son approbation de ce mariage, fut accompagnée d'une autre assez significative; une charte libéralement octroyée à Villa do Conde, et signée à Lisbonne le 10 fevrier 1334 (1296) [2].

Ce diplôme, qui concédait de nouvelles franchises politiques et civiles à l'humble bourg de l'Ave, est d'une sévérité exceptionelle touchant les crimes *d'armes et de sang;* les peines en étaient si rigoureuses que dans la suite on les tint pour non écrites, faute de confirmation des «Seigneurs rois et des Seigneurs des terres» [3], et que plus tard en 1517 la nouvelle charte de D. Manuel les abolit complètement. C'est de cette époque-là que date la deuxième phase historique, d'un caractère moins arbitraire et indécis, de Villa do Conde.

Protegée par la charte royale, dont les dispositions accusent une faveur extrême, et par l'ombre chevaleresque et grave de l'illustre Alphonse Sanches, étrange figure de guerrier et de moine, mélange épique de saint et de paladin, la terre du comte D. Mendo sort de l'obscurité et se détache dans les luttes postérieures entre le roi et les fiefs de la couronne.

Au cours de ces âpres querelles Villa do Conde compta, comme peu de terres exemptes, des jours de gloire et de triomphe. À coups d'épée et de lance son seigneur en défendit les droits et l'honneur dans les gorges de Bragance comme dans les ravins d'Albuquerque et de Medellim, en se mesurant, lui et ses hommes, avec les arbalétriers mercenaires que leur lançait Gonçalo Vaz, grand-maître d'Aviz, par ordre du roi D. Alphonse IV.

Et si, bien plus tard, elle perdit une partie de sa juridiction, après un arrêt infamant, la noble ville et ces défenseurs peuvent alléguer que la chute de ses franchises et privilèges féodaux n'a eu lieu que lorsque la nationalité portugaise était près de tomber et de disparaître.

Elle n'a précédé que de fort peu l'épilogue sombre et tragique d'un grand peuple.

*

* *

L'infant D. Alphonse Sanches, très estimé de son père et une des plus nobles figures de son temps, avait la seigneurie de Villa do Conde, d'Albuquerque, de Codisseira et d'autres terres encore, en

[1] Ruy de Pina et Duarte Nunes de Leão l'appellent inconsidérément *Constance.* Manuel de Faria s'avisa de dédoubler cette princesse en deux: D. Sancha et D. Constance. Cf. *Mon. Lusit.*, part. IV, liv. XV, chap. XXVIII; part. VI, liv. XVI, chap. XLVIII. *It.* Sousa, *Hist. Généal.*, vol. I, chap. XVI, pag. 175-6.

[2] *Arch. Nat.* Liv. 2° des Donations du roi D. Denis, f. 119-v., col. 1°.

[3] Paroles de la charte de D. Manuel.

lisar-se precisamente quando a nacionalidade portugueza está prestes tambem a baquear e desapparecer.

O seu epilogo precedeu, apenas, o epilogo tragico e sombrio de um grande povo.

*
*   *

O Infante D. Affonso Sanches, conceituadissimo de seu pae e uma das mais nobres figuras do seu tempo, foi não só senhor inteiro de Villa do Conde, como senhor de Albuquerque, Codisseira, e outros logares, além do que lhe coubéra pelo fallecimento de sua mãe, D. Aldonça Rodrigues Telha, (e não Sousa, como quer o chronista Padre Antonio Brandão [1]), filha de Ruy Gomes Telha e de D. Thereza Gil. Sobre tudo isto, pelo fallecimento da Infanta D. Branca, sua tia, irmã de seu pae e abbadessa do convento de Lorvão, era tambem senhor de Campo-Maior.

O seu nascimento não póde ser fixado posteriormente ao anno de 1289, começando desde os seus primeiros passos na vida a ser muito mal visto do Principe D. Affonso, seu irmão, acaso em razão das publicas deferencias de estima, que o pae, sem o menor recato, lhe dispensava.

É, pois, natural, que D. Affonso Sanches, ao reconhecer os primeiros rugidos da tormenta, que mais tarde irromperá em cratéra, tratasse de assegurar-se nas terras do seu dominio por meio de um assento forte e seguro, idoneo, quanto possivel, para repellir qualquer affronta de seu irmão. Justo é, portanto, admittir, que não para fundar um sumptuoso palacio, como querem alguns maus romancistas de Historia, senão que para fortificar-se n'um alto posto de vigia e atalaia, dada a natural contingencia de os homens-d'armas do futuro D. Affonso IV o accommetterem, se resolvesse a fazer cavar os primeiros alicerces no comoro roqueiro, que fôra *castro* nos dias de Augusto, e que tão sobranceiramente estava fazendo rosto á margem esquerda do rio. Isto nos parece, além de natural, plenamente admissivel, não só pela lição dos monumentos, como pelo aspecto da agitada politica d'aquella época. E que ao commetter aos officiaes a empreza de pôrem por obra acabada o seu designio cheio de natural prudencia, lhe acudisse o pae, rei tão inteiro como leal homem de aviso, que não fosse por diante com a sua traça, visto que ajuntar pedras e altear muros torreados em tal lance e em hora tal, quando os odios do seu rival difficilmente se continham já, o mesmo fôra que lançar pregão de desafio, ou arremessar cartel com alardo de vozes e trombetas. E que entrando assim o Principe em si, como bom e muito christão que era, renunciasse de prompto a semelhante empreza, determinando-se consagrar a obra, que já levava avantajada, não a humanos respeitos, em que a razão se houvera de derimir á lança e á espada, senão que tão sómente a Deus, que é balança e termo de toda a Justiça.

D'aqui, a fundação do monumental convento de Santa Clara, da Observancia; convento senhorial, que na sua dupla fórma de casa de Deus e de asylo aristocratico, tão vivo e tão relevante cunho de magestade havia de vir a imprimir, mais tarde, á obscura terra do conde D. Mendo Paes.

José Caldas.

[1] *Monarch. Lusit.*, part. v, liv. XVII, cap. II.

sus des biens hérités de sa mère D. Aldonse Rodrigues Telha (non Sousa, comme le prétend le Pe Antoine Brandão [1]), fille de Ruy Gomes Telha et de D. Thérèse Gil. Il eut encore Campo-Maior, à la mort de l'abbesse de Lorvão, l'infante D. Blanche, sœur de son père le roi D. Denis.

La naissance de ce bâtard, quoique incertaine, ne saurait être fixée après 1289. Dès ses premières années il devient l'objet de la haine du prince D. Alphonse, son frère, probablement à cause des témoignages d'affection extrême que leur père ne se cachait guère de lui dispenser.

Cela explique pourquoi D. Alphonse Sanches, dans la prévision des violences inévitables, prit des mesures défensives et se prémunit d'avance contre la colère du prince son frère. Ce n'est donc pas pour bâtir un palais somptueux, comme l'assûrent certains auteurs de mauvais romans historiques, mais pour se ménager un abri, une redoute fortifiée qui le servit contre les incursions des hommes-d'armes du futur roi D. Alphonse IV, que le bâtard fit creuser le sommet de la colline qui domine la rive gauche d'en face, précisément à l'endroit du camp romain de l'époque d'Auguste. Cette conclusion, quoique non appuyée par des documents historiques, s'accorde entièrement avec les usages et l'histoire politique de cette époque agitée.

Lorsque, toutefois, le projet était en voie d'éxécution, le roi, homme intègre et de sain jugement, s'empressa de l'en détourner, en lui remontrant que le prince son frère, dont la haine était près d'éclater, ne verrait dans l'érection de la forteresse qu'un défi insolent.

Sur quoi le bâtard, âme chrétienne et ouverte à la raison, revint sur le projet primitif et résolut de consacrer l'ouvrage, déjà assez avancé, non à de vaines entreprises humaines, où la raison ne serait décidée que par la force et le hasard des coups, mais uniquement à Dieu, balance infaillible et terme suprême de la vraie Justice.

De là la fondation du monastère monumental de Ste. Claire, de l'Observance, couvent seigneurial dont le double aspect d'asyle religieux et aristocratique a donné dans la suite un cachet de majesté à l'obscure terre du comte D. Mendo Paes.

José Caldas.

[1] *Monarch. Lusit.*, part. v, liv. XVII, chap. II.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral

VILLA DO CONDE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
PEG STADO.

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Entrada lateral da Egreja de Santa Clara

VILLA DO CONDE



EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Tumulo de D. Affonso Sanches

VILLA DO CONDE



EM. O BIEL & C.ª EDITORES

Egreja Matriz

VILLA DO CONDE

Villa do Conde



ão contrariam, de modo algum, as chronicas minoritas de S. Francisco o conceito racional, que attribue ao bom aviso de el-rei D. Diniz a transformação, em mosteiro de religiosas, d'aquella casa que pareceu dever ser começada para assento de armas e posto de guerra; antes da sua lição mystica e ingenuamente allegorica todo este asserto se deriva e deprehende. Porque imputando as memorias franciscanas dos principios do seculo XIV [1] a subita reconsideração de D. Affonso Sanches a um sonho santo e piedoso de sua mulher, aqui mesmo se verifica aquillo que temos como explicação natural d'este successo: — ser do coração de D. Thereza Martins, com seus justos sobresaltos e mysticos presentimentos, que procedera o aviso dictado pelo amor, e em razão do qual a provavel advertencia de el-rei D. Diniz se convertera em motivo de uma obra santa e religiosa.

Assim, a vasta fabrica, que começára como destinando-se a presidio militar, como cabeça de uma pesada machina de guerra, foi dada na éra de 1356 (1318) á Bemaventurada Santa Clara, da religião do Patriarcha S. Francisco, conjunctamente com muitos outros dominios na Povoa de Varzim, Touguinha, Verin, Terroso, Formariz, Nabais, Fagundos, Miracé, e mais os padroados das Egrejas do Salvador da Fervença, no arcebispado de Braga, e o de Santa Maria de Alcoentre no de Lisboa. Foi esta opulenta doação acceita em Villa do Conde, das mãos do Mordomo do Infante, Nuno Rodrigues de Vasconcellos, e na presença de Estevão Pires, Abbade de Sinfães, e chanceller do mesmo Principe, pelo Ministro Provincial da Provincia de S. Thiago, frei Francisco, sendo Visitador Apostolico, frei Domingos de Viamonte.

Por esta doação, por tantos titulos real, e que D. Affonso IV, a principio pretendera invalidar, mas que afinal se viu obrigado a reconhecer, ficava a Abbadessa do mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde donataria de toda a villa, pondo n'ella o seu Alcaide e mais officiaes, recebendo dizimas e mais tributos magestaticos. O seu direito de abbadar comprehendia Egrejas de tres dioceses, Porto, Braga e Lisboa.

Fallecidos entre os annos de 1329 e 1351, a Santa Clara se vieram acolher os seus santos fundadores, lavrando-se-lhes mais tarde, para sua ultima jazida, dois ricos moimentos de marmore. N'um está o Infante vestindo vestes reaes, com seu capello de arminho, cabeça coberta, a mão direita apertando, como gentilhomem, um lenço sobre o peito, a esquerda empunhando a espada. A cabeça descança sobre dois coxins sobrepostos. Aos pés um leão vigilante. Na arca tumular estão, do lado esquerdo, e em alto relêvo, a *fuga da Virgem para o Egypto*, a *Annunciação* e a *Visitação de Santa Ixabel.* No cabeçal, em igual relevo, vê-se o commovente episodio da investida dos serracenos em S. Damião de Assis. A face do lado direito fica imbebida com a parede, e n'ella devem estar o mysterio do *Nascimento*, a *Adoração dos Magos* e a ceremonia da *Circumcizão.*

A Infanta D. Thereza está vestida em habitos de clarissa, tendo nas mãos um livro de *Horas.* Descae-lhe igualmente a cabeça, como o Infante, em dois coxins sobrepostos. Aos pés um gamo adormecido. Na caixa, tambem em vulto e do lado esquerdo, a *Vigilia das Oliveiras*, a *traição de Judas*, com o sangrento episodio de Malco, a *presença de Jesus diante dos Juizes e a infidelidade de S. Pedro.* Da banda direita, que tambem se não descobre, diz-se estarem: a *Entrada de Christo em Jerusalem*, a *Ceia do Senhor*, e o *Lavatorio dos pés.* No cabeçal a imagem de S. Francisco em extase. Ambos assentam sobre leões. Nenhum tem letra ou divisa.

Até 1526 estiveram estes dois sumptuosos moimentos na gallilé, ou recebimento exterior da Egreja, da banda que olha para o norte, não só por ser esse o uso do tempo em que os corpos dos Infantes foram n'elles recolhidos, mas tambem, senão que principalmente, por assim elles o haverem determinado, quando na doação com que instituiram o mosteiro declararam que queriam ficar da parte de fóra

[1] Gonzaga, *De origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, etc., III pars, pag. 813; *Mon.*, XIV.

Villa do Conde



'examen attentif des chroniques franciscaines du XIVe siècle nous laisse entrevoir, à travers le voile transparent des allégories mystiques, les vrais motifs qui transformèrent en asyle religieux la puissante forteresse dont D. Alphonse Sanches avait entrepris la construction.

D'après ces vieux documents [1], ce serait à la suite d'un songe pieux de sa femme D. Thérèse Martins que le fameux bâtard changea brusquement d'avis, mais on peut l'expliquer autrement, sans l'intervention providentielle du ciel, par les craintes et les pressentiments que la haine violente du prince royal n'auraient pas manqué de produire dans le cœur d'une femme aimante, autant que par les sages conseils du roi D. Denis.

Quoiqu'il en soit, le vaste édifice, primitivement destiné à un château fort, fut consacré en 1318 (1356 de l'ère d'Espagne) à la Bienheureuse Sainte Claire, de l'Ordre de Saint François, en même temps que beaucoup de terres dans Povoa de Varzim, Touguinha, Verin, Terroso, Formariz, Nabais, Fagundos, Miracé, et le patronage des églises du Sauveur à Fervença, dans l'archevêché de Braga, et de Sainte Marie d'Alcoentre, dans celui de Lisbonne.

Cette magnifique donation fut acceptée des mains de Nuno Rodrigues de Vasconcellos, grand maître de la maison de l'infant, en présence d'Etienne Pires, abbé de Sinfães et son chancelier, par le ministre de la province de St. Jacques, fr. François, le visiteur apostolique étant fr. Domingos de Viamonte.

Par suite de cette donation, à tant de titres royale, que D. Alphonse IV prétendit d'abord résilier, mais qu'il fut contraint de reconnaître, l'abbesse du monastère de Ste Claire de Villa do Conde tenait la seigneurie de toute la ville, nommait prévôt et officiers, et recevait la dîme ainsi que les autres redevances seigneuriales. Son droit de patronage s'exerçait sur des églises de trois diocèses, Porto, Braga et Lisbonne.

Après leur mort, en 1329 et 1351, les fondateurs furent ensevelis à Ste Claire, où on leur érigea deux riches tombeaux en marbre. Sur l'un d'eux est couchée la figure du prince en vêtements de cour, capuchon d'hermine, le mouchoir de gentilhomme serré sur la poitrine, la main gauche sur la garde de l'épée. La tête, coiffée, repose sur deux coussins superposés; aux pieds de la statue est assis un lion veillant. Le côté gauche du tombeau est couvert de sculptures en hauts-relief qui réprésentent la *Fuite vers l'Égypte*, l'*Annonciation*, et la *Visitation de Ste Isabelle;* dans celui du chevet est l'épisode émouvant de l'attaque des sarrazins à St. Damien d'Assis. Le côté droit, engagé dans la muraille, doit porter la *Nativité*, l'*Adoration des Mages* et la *Circoncision.*

L'infante D. Thérèse est présentée en clarisse, un livre d'heures à la main. La tête repose sur deux coussins, de même que son mari; à ses pieds est un daim endormi. Sur le côté gauche sont sculptées la *Veille au mont des Oliviers*, la *Trahison de Judas*, ainsi que l'épisode sanglant de Malchus, *Jesus devant les juges* et *le Reniement de St. Pierre;* le côté droit, enfoncé dans le mur, doit montrer l'*Entrée de Jésus à Jérusalem*, la *Cène des Apôtres*, et le *Lavement des pieds;* au chevet l'extase de St. François. Les deux tombeaux sont assis sur des lions et ne portent aucune inscription ou devise.

Jusqu'en 1526 ces deux superbes monuments étaient placés sur le parvis, tournés au nord. C'était l'usage du temps, et d'ailleurs les infants avaient expressement formulé, dans l'acte de donation du monastère, le désir d'être ensevelis hors l'enceinte sacrée, «parce que l'enterrement dans les églises nous semble propre des saints ou de ceux qui sont près de Dieu».

C'est sous D. Jean III, au temps de la première abbesse observantine, D. Isabelle de Castro, que les tombeaux furent transférés à la place qu'ils occupent aujourd'hui, dans une chapelle spéciale, dite

[1] Gonzaga, *De origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, etc., III pars, pag. 813; *Mon.*, XIV.

do local sagrado, visto «que sepultura de dentro das ygrejas nos semelha que não é senom pera homẽes santos, ou mui chegados a Deus».

Foi nos dias de D. João III, governando o convento a primeira Abbadessa da Observancia, D. Isabel de Castro, que passaram estes tumulos para onde ora estão, abrindo-se-lhes capella propria, chamada *dos fundadôres,* e aonde, n'uma das paredes lateraes, da banda da epistola, encimada pelos escudos das suas armas, está esta legenda:

EM ESTA CAPELLA JAZEM O MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE D. AFFONSO SANCHES, FILHO DEL REY D. DINIZ DE GLORIOSA MEMORIA, VI. REY DESTE REYNO DE PORTUGAL, COM A MUITO EXCELLENTE MADAMA D. TEREJA MARTINS, NETA DEL REY D. SANCHO, FUNDADORES DESTA SANTA CAZA. A QUAL MANDOU FAZER PARA ELLES A MUITO VIRTUOSA SENHORA D. ISABEL DE CASTRO, PRIMEIRA ABBADESSA DA OBSERVANCIA DESTA SANTA CAZA, EM 1526.

Em frente aos moimentos dos Infantes, da banda do Evangelho, e guardando em tudo a mesma disposição, estão dois pequenos mausoleus, de igual lavor, apenas sem estatuas tumulares. N'elles se encerram as cinzas dos dois principes que procederam d'esta união, e que se finaram de meninos. No primeiro estão as figuras dos quatro Doutores da Egreja; no segundo as dos quatro Evangelistas. No cabeçal o seu escudo de armas.

No reinado de D. Affonso V, succedendo ser Mordomo-mór da Rainha D. Isabel um terceiro neto dos fundadores, D. Fernando de Menezes, senhor de Cantanhede, casado com D. Brites de Andrada, filha de Ruy Freyre de Andrada, foi por este requerida á Corôa a mercê de *protector* e *administrador* do mosteiro, em observancia com o que a doação de D. Affonso Sanches prescrevera, quando estatuira que emquanto houvesse pessoas do seu sangue andasse n'ellas o cargo de regedor dos termos e integral cumprimento da sua vontade [1]. Foi este requerimento do senhor de Cantanhede muito impugnado pelo mosteiro, correndo o feito, com variadas e por vezes bem estranhas peripecias, em todos os auditorios da Corôa, vindo por ultimo a ser resolvido em favor de D. Fernando de Menezes, pór carta regia de 10 de agosto de 1437.

Têm D. Fernando de Menezes e sua esposa seus moimentos na Egreja do mosteiro, do lado da Epistola, em frente á porta nobre da mesma Egreja, aonde está o escudo das suas armas. Tambem estiveram na gallilé, como os moimentos dos Infantes, e conforme o haviam ordenado. Estão ambos sobre o seu ataúde: elle em suas vestes de mordomo d'el-rei, com sua espada empunhada, roupas largas e fota na cabeça; ella com o seu habito de Santa Clara, com toalha e véo. Aos cabeçaes dois seraphins, amparando as almofadas; os pés repousando sobre dois lebreus que dormitam. O cofre tumular é constituido por cinco arcos gothico-floridos, a meio dos quaes passa uma correia ou fita, em guiza de balção, em que está lançada esta divisa: — : E: MO: Y DE SVA: DAMA. Nos tres corpos restantes, desprendendo-se cada uma de duas argolas, vêem-se tres fitas ou correias, em que estão lavradas estas tres cifras:

POIS SE NÃO QUERO SENHORA SEM VOS ME PARTIR:
DE: VOS AMAR E QUERER: JÁ
POR VOSTRO: AMOR OLUIDO.

— sobre cuja lição um curioso epigraphista anonymo do seculo XVI fez esta paraphrase:

Pues que no tengo poder, señora, de partir,
de vos amar y querer, por veros quiero morir [2].

[1] ... teemos por bem e queremos que quando ouver homẽs do nosso linhagem que fasam comprir e guardar todas estas cousas que aqui som contheudas. *Doação de D Affonso Sanches,* in *Mon. Lusit.,* VI parte, pag. 563.

[2] J. H. da Cunha Rivara, *Epitaphios antigos, colligidos por um curioso no seculo de quinhentos.*

des *fondateurs,* ainsi que l'atteste l'inscription suivante tracée sur le mur, du côté de l'épître, sous leurs écus armoriés:

DANS CETTE CHAPELLE GISENT LE TRÈS ILLUSTRE PRINCE D. ALPHONSE SANCHES, FILS DU ROI D. DENIS DE GLORIEUSE MÉMOIRE, VI ROI DU PORTUGAL, ET LA TRÈS EXCELLENTE MADAME D. THÉRÈSE MARTINS, PETITE-FILLE DU ROI D. SANCHE, FONDATEURS DE CETTE SAINTE MAISON. LA TRÈS VERTUEUSE DAME D. ISABELLE DE CASTRO, PREMIÈRE ABBESSE OBSERVANTINE DE CE COUVENT, LA LEUR FIT ÉRIGER EN 1526.

En face des tombeaux des infants, du côté de l'Evangile, sont deux autres semblables, mais de moindres dimensions, qui renferment les restes des deux princes, nés de ce mariage et morts en bas-âge. Ils sont ornés de sculptures pareilles, mais manquent de statues gisantes; dans le premier sont les quatre docteurs de l'Église, dans l'autre les quatre évangelistes; les têtes sont occupées par des blasons.

Sous D. Alphonse V, le seigneur de Cantanhede, D. Ferdinand de Menezes, grand maître de la maison de la reine, marié à D. Brites de Andrade, fille de Ruy Freire de Andrada, demanda en grâce au roi le titre de *protecteur et gouverneur du monastère,* en qualité de descendant en troisième degré des fondateurs, qui avaient reservé aux personnes de leur lignée la tâche de veiller sur la fidèle exécution des termes de la donation [1].

Cette prétention fut combattue à outrance par le monastère, mais au bout d'un long procès semé d'étranges incidents le différend fut vidé en faveur de D. Ferdinand de Menezes, par arrêté royal du 10 août 1437.

Ce seigneur et sa femme sont inhumés dans l'église du monastère, du côté de l'épître, en face de la grande porte qui est décorée de leur écu armorial; leurs tombeaux étaient auparavant placés sur le parvis, de même que ceux des infants et d'après leur formelle détermination. Le gentilhomme est figuré en robe flottante de grand maître, une toque sur la tête, l'épée à la main; sa femme est en clarisse, dûment coiffée et voilée.

Au chevet deux séraphins tiennent les coussins de la tête; les pieds reposent sur deux lévriers assoupis. Le coffre tumulaire est formé de cinq arcs dans le genre dit gothique fleuri, entre lesquels passe un ruban, en guise de banderolle, où est inscrite la divise: E: MO: Y DE SVA: DAMA; dans les corps restants se déroulent, suspendues à trois paires d'anneaux, trois rubans où se lisent les lignes suivants:

POIS SE NÃO QUERO SENHORA SEM VOS ME PARTIR:
DE: VOS AMAR E QUERER: JÁ
POR VOSTRO: AMOR OLUIDO.

— dont un épigraphiste anonyme du XVIe siècle a fait la paraphrase suivante:

Pues que no tengo poder, señora, de partir,
de vos amar y querer, por veros quiero morir [2].

*
* *

Lorsque les habitants de Barcellos, fatigués des abus et vexations de l'évêque de Vizeu, seigneur d'une bonne partie des eaux de l'Ave, portèrent leurs doléances aux Cortès d'Evora, convoquées en 1436 par D. Duarte, la juridiction du couvent de Ste Claire fut mise en cause, surtout en ce qui con-

[1] ... teemos por bem e queremos que quando ouver homẽs de nosso linhagem que fasam comprir e guardar todas estas cousas que aqui som contheudas. *Donation de D. Affonso Sanches,* in *Mon. Lusit,* VI partie, pag. 563.

[2] J. H. da Cunha Rivara, *Epitaphios antigos, colligidos por um curioso no seculo de quinhentos* (*Épitaphes anciennes recueillies par un curieux au XVe siècle*).

*
* *

Já nos dias de D. Duarte, por motivo de ser descoutado todo o rio Ave, pela queixa que os povos de Barcellos levaram ás côrtes de Evora de 1436, pedindo remedio á Corôa contra a oppressão que n'elles estava exercitando o bispo de Vizeu, senhor de uma grande parte d'aquellas aguas, se começou a discutir a jurisdicção do convento de Santa Clara, especialmente na zona marinha em que está assente a parte principal do seu territorio. Não teve o exame d'este negocio consequencias de maior, isto pelo facto de D. Duarte, por Carta regia de 30 de agosto de 1436, dar inteira razão aos queixosos. Mas vindo o mesmo assumpto a offerecer-se novamente á Corôa, no reinado de D. João III, teve-se como assente que o mosteiro estava levando indevidamente a dizima da Alfandega, em manifesto prejuizo dos interesses da Fazenda Real. Foi o feito para os tribunaes da côrte, do que resultou conhecer-se que á abbadessa do convento de Santa Clara não pertenciam taes dizimas, sendo por isso condemnada a restituir quanto até então estivera recebendo. Por sentença de 31 de agosto de 1528 foi pelo Doutor Lourenço Garcez arbitrado que ao mosteiro cumpria devolver á Corôa, como illegal detentor, a somma de 3:650$864 reis. Como esta imposição não fosse cumprida pelas freiras, sob variados pretextos, houveram os ministros recurso a uma penhora na jurisdicção de que era senhor o convento. Foi esta á praça com todas as formalidades, apparecendo n'ella unicamente a licitar o Infante D. Duarte, com offerta de nove mil cruzados. Acceito o lanço, foi o Infante investido na posse da jurisdicção da villa, por auto lavrado a 2 de outubro de 1540, assistindo o corregedor de Guimarães, Hylario Dias, o Provedor dos Residuos e o Ouvidor do Infante D. Duarte.

É pelo casamento do Infante D. Duarte com a senhora D. Izabel de Bragança, irmã do duque de Bragança, D. Theodosio, e filha do duque D. Jayme, verificado em Villa Viçosa a 23 de abril de 1537, que a jurisdicção de Villa do Conde passou definitivamente para a Casa de Bragança.

*
* *

Villa do Conde tem foral de D. Manoel, datado de Lisboa aos 10 de setembro de 1517. Foi, durante o grande periodo da nossa actividade maritima, um dos primeiros estaleiros de Portugal. Ainda hoje, e através da sua adiantada decadencia, sustenta essas honrosas tradições [1].

Durante os reinados de D. Fernando, D. João I e D. Duarte teve fabricas de *pannos de treu.* Em Côrtes pertencia-lhe o oitavo Banco, entre Serpa e Trancoso.

A sua bella Egreja parochial, da invocação de S. João Baptista, é obra do seculo XVI. O seu estylo, posto que já muito deturpado pelas successivas restaurações, póde definir-se como pertencendo ao chamado impropriamente *da decadencia* — a evolução do estylo gothico em Portugal, que o torna em gothico-florido, porventura menos severo e menos contemplativo, e que entre nós se generalisa desde os dias de D. Manoel até D. Sebastião. É obra toda a expensas dos moradores da villa, sem ajuda de braço real. Foi Collegiada instituida a instancias da corôa pelo Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, a 18 de fevereiro de 1518, e confirmada por decisão apostolica do Papa Clemente VII, aos VI dias antes dos Idos de setembro do primeiro anno do seu Pontificado (8 de setembro de 1524). O seu côro era constituido de quatro raçoeiros e um sacristão, para cuja mantença estavam fixados uns 14$000 reis que provinham do convento, e 7$000 reis da Reytoria ou Vigariado da Egreja.

O monumental aqueducto, por meio do qual as religiosas eram abastecidas de agua para toda a communidade, e cujo aspecto, com os seus 999 arcos, n'uma extensão de mais de uma legua, imprime á

[1] Elisée Réclus, na sua *Géographie Universelle* (I, ch. II, pag. 941) consagra-lhe estas palavras de justiça: — «... Villa do Conde, à laquelle des chantiers donnent quelque animation: *lors des grandes expéditions de découverte qui ont illustré le Portugal, les meilleurs bâtiments étaient ceux qu'avaient construits les charpentiers de Villa do Conde.*»

cernait la zone maritime qui comprenait la plupart de ses terres. Toutefois la chose en resta là, le roi ayant donné entière satisfaction aux plaignants et affranchi définitivement les eaux de l'Ave par lettres royaux du 30 août 1436.

Le sujet fut repris presque un siècle plus tard, sous D. Jean III, et les officiers de la couronne reconnurent que le monastère percevait indûment les droits de douane au détriment des deniers de l'État. L'affaire fut portée devant les tribunaux de la Cour, qui décidèrent en faveur de la couronne et condamnèrent l'abbesse à la restitution des sommes détenues, dont l'arrêté du 31 août 1528, du dr. Laurent Garcez, fixe le montant à 3:650$864 reis.

Les bonnes religieuses reçurent la décision de fort mauvaise grâce et, sous des pretextes variés, en différèrent l'éxécution, jusqu'à ce que les ministres, las de subterfuges, ordonnèrent la saisie et la mise à l'encan des droits seigneuriaux dont jouissait le monastère. La vente eut lieu avec toutes les formalités prescrites par les lois, le seul offrant ayant été l'infant D. Duarte, à qui les droits de juridiction de la ville furent adjugés pour la somme de neuf mille cruzados. L'infant en prit possession le 2 octobre 1540, en présence de son auditeur, du prévot de Guimarães Hylario Dias, et du Procureur des legs pieux.

Ce prince s'était marié à Villa Viçosa, le 23 août 1537 à D. Izabelle, sœur du duc de Bragance D. Théodose et fille du duc D. Jayme; et de chef la juridiction de Villa do Conde passa à la maison de Bragance.

*
* *

Pendant la période glorieuse de notre activité maritime, Villa do Conde s'est distinguée par d'excellents chantiers; et malgré l'extrême décadence de cette branche des constructions en Portugal, elle tâche encore d'honorer ses traditions [1]. Sous D. Ferdinand, D. Jean I et D. Duarte la fabrication de toiles à voiles (*pannos de treu*) y fut très prospère.

D. Manuel lui octroya une charte le 10 septembre 1517; dans les cortès, elle occupait le huitième banc, entre Serpa et Trancoso.

La belle église paroissiale, sous l'invocation de St. Jean Baptiste, remonte au XVI[e] siècle, et a été entièrement bâtie aux frais des habitants de la ville, sans aucun subside du trésor royal. Quoique dénaturée par des restaurations successives, le style peut en être défini comme appartenant au gothique fleuri — assez arbitrairement nommé de la décadence — qui clôt chez nous, de D. Manuel à D. Sebastien, l'évolution du gothique.

La Collégiale a été instituée le 18 février 1518 par l'archevêque de Braga D. Diogo de Sousa, sur les instances de la couronne; la confirmation apostolique du pape Clement VII est datée du sixième jour des ides de septembre de la première année de son pontificat (8 septembre 1524). La chœur en comprenait quatre prébendés et un sacristain; le couvent y contribuait annuellement pour 14$000 reis et la vicairie de l'église pour 7$000.

L'aqueduc monumental, qui approvisionait d'eau toute la communauté, décore le paysage de ses 999 arcs, sur une longueur de plus de cinq kilomètres, en lui donnant de vagues ressemblances avec la campagne des environs de Segovia. Cet ouvrage, dû à l'architecte italien Philippe Terzio, est tombé en ruine.

La façade actuelle du couvent, dans le genre qu'on est convenu d'appeler *renaissance française,* date des commencements du siècle passé; elle est entièrement en desaccord avec la double nature de l'édifice, à la fois monastère et château seigneurial. On ne sait rien sur le style de l'ancienne construction monacale.

Le pilori appartient au type juridique — *judicis non vindicis;* sur les lanternes est l'epée de mi-

[1] Elisée Réclus, dans sa *Géographie Universelle* (I, ch. II, pag. 941) lui rend justice en ces mots: — «lors des grandes expéditions de découverte qui ont illustré le Portugal, les meilleurs bâtiments étaient ceux qu'avaient construits les charpentiers de Villa do Conde.»

paizagem um vago e imperfeito esboço dos campos de Segovia, é obra do architecto italiano Filippe Terzio. Está cahindo em ruinas.

A fachada actual do convento, no gosto e pelas prescripções da chamada *Renascença Franceza*, em tudo inconciliavel com o sentimento que devera predominar n'um monumento d'aquella dupla essencia de mosteiro e de castello-senhorial, é dos principios do seculo passado. Não ha memoria nem vestigios do estylo que revestia a antiga fabrica monacal.

O seu pelourinho é do typo juridico —*judicis non vindicis.* Sobre as suas lanternas lá está, em acção de julgar sem odios, a espada da Misericordia. É uma verdadeira columna marsya, sem o aspecto ignominioso que, em regra, revestem estes marcos feudaes.

Dos restos da antiga ponte, que atravessava o Ave, em frente ao mosteiro, obra de D. Francisco de Almada, o Pombal-do-Norte, e destruida por uma cheia do rio em 11 de janeiro de 1821, levaram alguns patriotas para a fronteira occidental da villa, junto á ourela do mar e a dois passos do seu desmantellado castello, uma agulha ou pyramide com que tiveram em vista celebrar o primeiro desembarque das forças liberaes em 1832. Este passo fôra, ao que se diz, suggerido em 1860 por iniciativa do estadista Antonio José d'Avila, mais tarde conde, marquez e duque dos seus appellidos, e a cuja fonte se devem porventura as variadas inscripções commemorativas, em má prosa e em pessimos versos, que o fallecido escriptor Pinheiro Chagas diz estarem gravadas na parte inferior do busto do Libertador, e nas faces lateraes do monumento, que olham ao occidente e ao septentrião. Felizmente nem lá existe nenhum busto do Libertador, nem, do mesmo modo, se esculpiram nunca os desenxabidos periodos que o referido escriptor accusa. Sem verdade, sem elevação e sem magestade, essas inscripções não serviriam senão de documento vivo da falta de sentimento moral e de cultura mental de uma época sem crenças e sem sinceridade. Dizer-se n'um padrão que se destina á Posteridade, que é como quem falla com Deus, que D. Pedro IV «perdera dois sceptros» unicamente «por dar a liberdade á lusa gente», é, não só faltar á verdade historica mais elementar por uma fórma tão servil cómo manifesta, mas tambem mentir com um despejo digno da mais aspera censura.

Ainda bem que as taes inscripções se não lavraram, e que o modesto pilar da velha ponte do Ave não teve de consentir, na insensibilidade do seu batido granito, tão baixa mentira.

Reza uma tradição local divulgada em varias memorias, mas que nenhum documento digno de fé parece confirmar, que o castello da barra de Villa do Conde fôra, em seus remotos principios, obra do Infante D. Affonso Sanches, o santo e heroico fundador do mosteiro de Santa Clara. Tal asserto é improvavel. Os inimigos de que o Infante se arreceiava, e a cujas armas procurava fundar um assento de resistencia quando se deliberou alevantar um castello á margem do Ave, esses inimigos não o podiam ameaçar pela barra. Por terra é que elle justamente os temia.

Sobre essa primitiva fundação de duvidosa historia é que o Infante D. Duarte começára no seculo XVI alguns trabalhos de reparação e de defeza, trabalhos que se seguiram, com maior ou menor interrupção, desde os principios do seculo XVII até os dias de D. Pedro II.

Hoje o castello da barra de Villa do Conde, sem physionomia e sem tradições, é, simplesmente, o começo já bem adiantado de uma ruina incaracteristica e banal.

José Caldas.

séricorde, jugeant sans haine. C'est une vraie colonne de Marsyas, sans toutefois le caractère ignominieux que revêtent d'ordinaire ces monuments féodaux.

Sur le bord de la mer, et à deux pas du château délabré qui termine la ville à l'ouest, quelques patriotes dressèrent une sorte de pyramide, faite des restes de l'ancien pont sur l'Ave, bâti en face du couvent par ordre de D. François d'Almada, le Pombal du Nord, et détruit le 11 janvier 1821 par une crue exceptionnelle de la rivière.

Ce monument était censé célébrer le premier débarquement de l'armée libérale en 1832. L'idée en a été suggerée, dit-on, par Antonio José d'Avila, devenu plus tard comte, marquis et duc de son surnom; c'est probablement à lui qu'on doit attribuer les inscriptions commémoratives, en mauvaise prose et en vers détestables, que feu Pinheiro Chagas affirme exister sous le buste du Roi libérateur, et sur les faces ouest et sud de la pyramide. Ce ne sont là, heureusement, que des fables; il n'y a aucune trace du buste ni de ces fades inscriptions, entièrement dénuées de vérité, d'élévation et de majesté. Dire, dans un monument destiné à la postérité, que D. Pierre IV «perdit deux sceptres» rien que pour «donner la liberté au peuple portugais», c'est manquer d'une façon éclatante à la vérité historique la plus élémentaire, et faire preuve d'un esprit de flatterie qui dépasse les bornes de la servilité.

Fort heureusement, répétons-le, le modeste pilier du vieux pont de l'Ave, fouetté de toutes les intempéries, n'a pas essuyé la honte d'une si basse fausseté.

Une tradition locale, accueillie en plusieurs mémoires malgré l'absence de toute preuve documentaire digne de confiance, veut que le vieux château, sis à l'embouchure de l'Ave, ait été primitivement bâti par l'infant D. Alphonse Sanches, le saint et héroïque fondateur du couvent de Ste Claire. Cette tradition nous semble improbable. Les ennemis du prince, ceux contre qui il voulait, non sans raison, se prémunir en elévant une forteresse sur les rives de l'Ave, ne le menaçaient pas du côté de la mer. C'est par terre qu'ils auraient pu l'attaquer.

C'est sur ces fondations, d'une origine historiquement douteuse, que vers le XVIe siècle l'infant D. Duarte entreprit de faire quelques ouvrages de réparation et de défense qui, avec des intervalles de repos, ont été poursuivis jusqu'à l'époque de D. Pierre II.

De nos jours, le château, dépourvu de cachet et de tradition n'est, à bien dire, qu'une ruine incaractéristique et banale, dont la disparition assez prochaine ne laissera aucun regret.

José Caldas.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Aqueducto

VILLA DO CONDE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Pelourinho

VILLA DO CONDE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Azenhas no rio Ave

VILLA DO CONDE



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Conduzindo lenha

VILLA DO CONDE

Alcobaça



No meio de Portugal, como abençoado oasis de verdura occulta-se Alcobaça entre montes visinhos, n'uma poesia de sonhadora, gloriosa da sua historia, vaidosa das suas industrias, ciosa das suas riquezas. Já o seu nome tem a suavidade de um canto infantil balbuciando muitos *aa*.

Vamos encaral-a sobre os tres motivos do seu orgulho, vamos accumular os factos no limitadissimo espaço que nos dão.

Torrão abençoado e preferido foi amado pelo homem desde os longos milenios que nos afastam da nossa pre-historia. O proprio semi-selvagem nosso avô aqui manteve a sua existencia de successivas gerações, comprovada em preciosissimos documentos reunidos na *Collecção de Alcobaça* — que é hoje um dos mais importantes museus de arte neolithica em terras portuguezas [1].

Assimilando pouco a pouco as civilisações trazidas de longe, evolucionando-se morosa mas seguramente, assistiu ao desfilar das idades metallicas, ao iniciar da escripta, ao registar da historia.

Essas diversas modalidades, por vezes ricamente documentadas na *Collecção de Alcobaça,* entroncam-se nos elementos da civilisação romana que aqui produz os monumentos epigraphicos de Alfeizarão, os preciosos mosaicos da Povoa de Cós, os tumulos do Vallado e se alarga por todas as terras adjacentes em extraordinaria profusão.

O dominio arabe, provado mais pela philologia do que por documentos ethnologicos, vê-se nos nomes de Alcobaça, Alfeizarão, Aljubarrota, Alpedriz, etc. E foi n'esse caminhar que este pequeno torrão chegou a definir-se, com justo motivo, nos esboços da nossa historia, na creação da nossa nacionalidade.

E assim se conta que um dia que Affonso Henriques, o velho brigão e aventureiro, rosolvera tomar Santarem aos mouros, no momento em que cruzava a serra de Albardos — hoje Molianos — para se dirigir áquella praça, fizera voto de doar a D. Bernardo, abbade de Claraval, as terras que d'alli avistava — aguas vertentes ao mar, para n'ellas se fundar um mosteiro da sua ordem — se fôsse bem succedido na sua empreza.

E foi. Como resultante d'essa victoria, como aspiração de realeza, e por um producto de esboçada diplomacia — mandou offerecer ao santo prelado aquella envaidecedora dadiva, pedindo e instando ao mesmo tempo para que elle junto do pontifice, então Eugenio III, intercedesse a seu favor, confirmando-lhe o sonhado titulo de rei.

Resolvida favoravelmente este pretenção, vemos o papel que Alcobaça depois desempenhou. Por todos os motivos foi sempre Alcobaça a terra preferida pelo novo rei, porque era Alcobaça que tinha sido a causa, o motivo da realisação do seu grande e almejado sonho, embora com grave despeito dos catholicos reis de Leão e Castella com quem teria de se haver mais tarde.

Chegam os monges de Claraval n'uma pobreza mesquinha. É o proprio rei que os acompanha para a escolha do local onde deve construir-se o grande edificio, e é o proprio rei ainda que lança a primeira pedra no meio das acclamações da sua côrte envolta nas bençãos e rezas dos benedictinos de Claraval.

Escolhido o local em Alcobaça iniciam-se os trabalhos que as velhas chronicas nos descrevem cheios de estupendos milagres.

N'uma pequena eminencia fronteira ao local escolhido havia um bello castello mourisco cuja data a historia não regista, e que facilmente poderia servir de refugio no caso de um inesperado perigo. Ao longe, em volta d'este logar branquejavam pequenas aldeias de esquecida origem, mas onde facilmente se documentariam cruzamentos de autochtone e das esbeltas raças das margens mediterraneanas.

---

[1] Veja *Grutas d'Alcobaça,* por M. Vieira Natividade, e o 3.º fasciculo da *Portvgalia.*

Alcobaça



A demi cachée par les montagnes environnantes, comme une délicieuse oasis de verdure au centre du Portugal, se trouve Alcobaça, pleine de mysterieuse poésie, glorieuse de son histoire, fière de son industrie et de ses richesses. Son nom même a le charme du parler enfantin balbutiant ses premières syllabes.

Nous allons tâcher d'en faire la description en quelques mots, l'appréciant sous les divers aspects dont elle s'enorgueillit.

Sol béni et préféré par l'homme dès les temps éloignés de notre époque préhistorique, nos ancêtres à demi sauvages l'ont habité pendant plusieurs générations; ainsi l'attestent les précieux documents réunis dans la *Collection d'Alcobaça,* un des musées les plus importants d'art néolithique qui existent aujourd'hui en Portugal [1].

Peu-à-peu la civilisation lointaine, par une évolution lente mais assurée, l'envahit; elle vit défiler les âges d'or, d'argent, d'airain et de fer, l'initiation de l'écriture, les récits primitifs de l'histoire.

Ces diverses modalités, d'après de curieux documents de la *Collection d'Alcobaça* nous démontrent des restes de l'ancienne civilisation romaine retrouvés dans les monuments épigraphiques d'Alfeizarão, les magnifiques mosaïques de Povoa de Cós, les tombeaux de Vallado, et beaucoup d'autres encore que l'on voit profusément répandus dans les environs.

La domination arabe, plutôt prouvée par la philologie que par des documents ethnologiques, s'aperçoit dans les noms de Alcobaça, Alfeizarão, Aljubarrota, Alpedriz, etc. Et ce fut ainsi que l'on réussit à reconstituer et à bien définir son origine, dans les premières époques de notre histoire et de notre nationalité.

On raconte que Alphonse Henriques, le vieux batailleur et aventurier, résolut un jour de prendre Santarem aux maures; au moment où il passait sur le mont de Albardos — aujourd'hui Molianos — afin de s'y rendre, il fit le vœu, en cas de réussite, de donner à St. Bernard, abbé de Clairvaux, pour y fonder un monastère, toutes les terres que l'on apercevait sur ce versant jusqu'à la mer.

Le sort des armes lui fut favorable. En reconnaissance de cette victoire, animé d'ambitieuses aspirations à la royauté, il sût agir en habile diplomate, en faisant offrir au saint prélat ce don somptueux et le priant d'intercéder près du pape Eugène III, afin d'obtenir le titre de roi.

Cette prétention ayant été favorablement accueillie on comprend bien quel avenir était réservé à Alcobaça qui devint sous tous les rapports le site préféré par le nouveau roi; il avait été le berceau de son grand rêve, réalisé malgré le dépit des rois catholiques de Léon et Castille avec lesquels il eut à s'entendre plus tard.

Les moines de Clairvaux arrivèrent enfin dans la plus mesquine pauvreté. Ce fut le roi lui-même qui les accompagna pour choisir l'emplacement où devait s'élever le grand édifice, ce fut encore lui qui posa la première pierre au milieu des acclamations de sa cour, entouré des bénédictions et des prières des bénédictins de Clairvaux. Ensuite on commença les travaux que les anciennes chroniques nous décrivent, pleins de miracles stupéfiants.

En face, sur une petite hauteur existait un beau château mauresque dont la date est inconnue et qui pourrait servir de réfuge en cas de danger inesperé. Au loin, tout alentour, de petits villages dont l'origine était ignorée mais où l'on retrouvait facilement le type des naturels du pays allié à celui des belles races des côtes de la Méditerranée.

Le voisinage de la mer avec ses historiques débarquements des phéniciens, depuis Maiorga jusqu'à Cós, et les courtes falaises de S. Gião, assuraient un abri au peuple de navigateurs et de commerçants venant de loin, et amenait inévitablement l'altération de la race. La mer, ce vaste trésor commun à tous, était le destin préféré dans ce temps où tout autre genre de vie devenait incertain et

---

[1] Voyez *Grottes d'Alcobaça,* par M. Vieira Natividade, et la 3me livraison de la *Portvgalia.*

Perto o mar com historicos desembarques phenicios desde Maiorga a Cós, e as curtas *falaises* de S. Gião com a sua epigraphia romana.

A beira-mar, segura estação dos povos navegadores e commerciantes, importava de longe, como ainda hoje, a alteração da raça. É que o mar, o grande reservatorio das riquezas communs onde era basta e productiva a alimentação, deixava sem outra variante a lucta pela vida, diaria, cruel, incerta.

E perto ficava o mar, então muito mais perto, batendo nos contrafortes das montanhas do poente, banhando os campos de Maiorga e Vallado, do ultimo dos quaes retirou ha pouco mais de tres seculos.

Do seio das aguas, como mandibulas de um grande crustaceo, attrahiam-se as serras da Pescaria e Nazareth, deixando estreita passagem ao mar. Os curiosos montes ophiticos da Quinta do Castello e S. Bartholomeu elevavam-se escurecidos do meio das aguas como apophises vertebraes do grande esqueleto granitico do globo que tivessem rasgado a terra e as aguas n'uma extraordinaria e medonha convulsão.

Na zona oriental a grande montanha norte-sul, com a sua secular e ondulante ramaria, punha a musica das florestas em grandioso concerto com os rugidos do mar.

A propria região de Alcobaça, outr'ora um enorme lago que a nossa phantasia vê espelhando as irregulares montanhas adjacentes, deixou esgotar as suas aguas no grande desnivelamento da Fervença. E essa cataracta que espadanava em toda a largura foi ruindo pouco a pouco o grande dique que a amparava, até que em dupla e permanente lucta se aniquilaram para sempre.

E do fundo d'esse lago, como Venus da Mythologia pagã, surgiu a pequenina e encantadora Alcobaça.

Poetica e fidalga origem que ella tem sabido manter.

*

* *

Installado definitivamente o frade pelos annos de 1148 começa toda esta região a soffrer uma nova orientação com as imposições da crença, com as necessidades e longas vistas do clero.

A carta regia [1] com os seus sonhados poderes, alterada pouco a pouco por apocriphos paragraphos, dá inesperados direitos, insultuosas auctoridades, vem trazer ao frade uma segura maneira de operar, de dominar, de ser senhor.

Para boa administração era preciso methodo, divisão, leis, fiscaes, executores. Resolve-se a divisão das terras doadas, chamam-se colonos a que se dão garantias, facilita-se a povoação, excita-se o augmento da população pelas garantias dadas a certo numero, criam-se as leis nas *Cartas de povoação* — pequenos foraes dados pelo donatario das terras, constituem-se os *Coutos de Alcobaça* com direitos e fórmas que mais tarde haviam de lisongear o frade.

E essas leis agriculturaes, severa e sabiamente estudadas, facilitam a cem casaes de colonos, com desfructo gratuito durante dez annos, as terras que lhes forem entregues. Ha depois, passado esse tempo, o direito de venda ou transmissão, pagos, é claro, os dizimos, quintos ou quartos que teriam de pagar passado o tempo de gratuita usufruição.

Desde então acham-se ligadas as tres historias: — a do paiz, a de Alcobaça e a do mosteiro.

É elle que vae iniciar as granjas agricolas, a plantação de olivaes e soutos, o exgoto dos pantanos, a extracção do ferro. Do mosteiro saem manifestações de larga intellectualidade. Os rebanhos aproveitam as pastagens, desbravam-se os melhores terrenos, elevam-se as primeiras arvores fructiferas e a grandeza e riquezas dos coutos avultam de momento a momento.

Na falda da serra verdejam extensos olivaes e nas encostas mais proximas levantam-se aprumados e esguios os primeiros soutos de castanheiros. Isolam-se os medronheiros selvagens de fructos sanguineos, bordando os campos onde verdejam as pujantes cearas.

Surge assim esplendorosa esta primeira phase da civilisação.

[1] Veja sobre o assumpto o nosso livro *O mosteiro d'Alcobaça.*

parfois cruel. Jusqu'au seizième siècle à peu près, les vagues frappaient incessamment les contreforts des montagnes du couchant, baignant aussi les plaines de Maiorga et Vallado. Comme les mandibules d'un grand crustacée, les deux montagnes de Pescaria et Nazareth laissaient à la mer un étroit passage, tandis que les verdoyantes collines de la Quinta do Castello et St. Bartholomeu s'élevaient du sein des ondes comme les vertèbres d'un immense squelette qui aurait déchiré la terre et les eaux dans une suprême convulsion.

Sur la zone orientale la grande montagne du nord au sud, avec sa végétation séculaire, mélangeait la douce harmonie de la forêt au sombre mugissement de la mer.

Toute la région environnante était un enorme lac, que notre imagination nous représente reflétant les sinuosités les plus proches, et qui s'épuisa lentement. Cette chute d'eau détruisit peu à peu le barrage qui la soutenait et finit par disparaître complètement.

Du fond de ce lac, comme la Vénus païenne, surgit la petite et délicieuse Alcobaça, qui a toujours conservé son cachet de charme et de poésie.

*

* *

Vers l'année 1148 les moines furent définitivement installés et toute la région commença à subir une orientation nouvelle avec les croyances imposées par les nécessités et les hautes vues du clergé.

La charte royale [1] avec toute sorte de pouvoirs fut peu-à-peu modifiée par des paragraphes apocriphes créant de nouveaux droits vexatoires et fixant pour les moines tous les privilèges d'un écrasant seigneuriage.

Pour le règlement des affaires il fallait de la méthode, des lois et des agents chargés de les exécuter.

On commença par la division des terrains qui furent donnés aux colons auxquels on offrit toute espèce de garanties, facilitant leurs moyens d'existence, favorisant l'augmentation de la population par d'attrayantes promesses. On créa des lois dans les *Chartes de population*, des impositions payées par les donataires, on institua les *Coutos d'Alcobaça* avec des droits et des formules qui plus tard retourneraient au profit des moines.

Les lois sur l'agriculture, laborieusement et savamment étudiées, donnaient à cent couples de colons la jouissance gratuite des terres pendant dix années. Passé ce temps ils avaient le droit de vente ou de transmission, mais en payant les dîmes et autres impôts qu'ils auraient payé de même à la terminaison de leur bail gratuit.

Dès lors l'histoire du pays, celle d'Alcobaça et de son monastère furent intimement liées.

Ce fut le fameux couvent qui initia les colonies agricoles, les plantations d'oliviers et de toutes autres sortes d'arbres, l'écoulement des marais, l'extraction du minerai et d'autres manifestations d'une haute et puissante intelligence. Les troupeaux eurent de gras pâturages, les meilleures terres furent défrichées, on planta les premiers arbres fruitiers, l'abondance et la richesse des bois augmentait à vue d'œil.

Sur le versant de la montagne verdissaient d'enormes étendues d'oliviers et sur les pentes voisines s'élevaient droites et superbes les premières plantations de marronniers, tandis que les arbousiers sauvages aux fruits vermeils bordaient les vastes et opulentes prairies.

Ainsi s'accomplit brillamment la première phase de la civilisation.

Peu-à-peu avec le bien-être dû à l'abondance, avec le repos que leur donnait le plein droit de propriété, les moines commencèrent a ressentir les premières atteintes de l'égoïsme. Les colons, jusqu'alors compagnons de travail, leur semblaient maintenant de simples sujets d'une espèce inférieure. Ainsi considérés, les pauvres travailleurs devinrent les victimes de toute sorte d'exigences et de spoliations.

Soumis brutalement à un joug de fer ils adressèrent au roi D. Jean I une plainte contre les abus

[1] Voyez sur ce sujet notre livre *O mosteiro d'Alcobaça* (Le monastère d'Alcobaça).

Pouco depois, com o bem-estar que dá a abundancia, com o descanço que advem do seguro direito da propriedade, entra o frade nos dominios do egoismo. O colono, que até então fôra um seu companheiro de trabalho, afigurava-se-lhe agora um simples vassallo com todo o caracter de inferioridade medieval. Comprehendido assim o pobre trabalhador entra-se facilmente no campo das espoliações e exigencias. Os colonos são subitamente submettidos a um jugo de ferro, e a D. João I é submettida uma queixa de diversos povos dos coutos contra a prepotencia fradesca e muito especialmente contra o abbade D. frei João d'Ornellas.

São dolorosissimos os quarenta capitulos da queixa: — que á primeira manifestação de desobediencia são presos e mettidos nos subterraneos do castello sem ar nem luz — que tiram dos seus soutos madeiras, sem lh'as pagarem nem darem satisfação — que se senhoream de tudo o que lhes apraz sem auctorisação e com violencia — que soffrem graves prisões e castigos todas as vezes que emittam o mais pequeno queixume, etc., etc. [1]

Desde então não mais a abençoada paz primitiva, não mais o trabalho e orações em commum.

Como resultante das diversas queixas contra os desmandos abbaciaes é alterada um pouco a administração da ordem. O abbade, que até então fôra perpetuo, de eleição vitalicia passa a ser de eleição triennal.

Por vezes atravessam as paredes do isolado mosteiro ideias de altruismo e progresso. De lá veem poderosos elementos para a creação de uma universidade em Portugal; lá dentro se inauguram as primeiras aulas publicas do paiz, lá dentro ha escólas onde se ensinam as sciencias da época e as artes nobres. Talha-se, pinta-se, esculpe-se, illuminam-se os codices e livros de orações, apontamenta-se a historia, organisa-se bibliotheca, accentua-se a architectura.

Escrevem-se livros de valor não esquecido. Da phantasia exuberantemente bohemia de frei Bernardo de Brito surgem os primeiros volumes da *Monarchia Lusitana* e *Chronica de Cister*. Surgem depois outros vultos litterarios de maior folego: — Frei Antonio Brandão, filho de Alcobaça, o classico e honrado historiador e por certo dos mais honestos e verdadeiros chronistas do reino. Publíca a continuação da *Monarchia Lusitana*, continuada depois por sobre os seus apontamentos, mas com menos propriedade e segurança por seu sobrinho frei Francisco Brandão. Vem depois frei Manoel de Figueiredo, o erudito e consciencioso chronista, o quasi introductor do estudo em pequenas monographias, e por ultimo frei Fortunato de S. Boaventura, o ultimo frade filho de Alcobaça e, por uma estranha coincidencia, o mais sabio e o mais illustre dos seus filhos [2].

*
* *

No entretanto, Alcobaça, propriamente, progride. Em volta do mosteiro vae-se condensando a povoação, vae-se desenvolvendo commercio, e nas aldeias mais proximas accentuam-se pequenas industrias.

E assim abundantes e ricas prosperam as terras de Alcobaça.

*
* *

Nas diversas industrias tem Alcobaça acompanhado quasi todo o movimento moderno, na parte que uma pequena povoação o póde fazer. Por entre o grande labutar dos campos, das vinhas e dos pomares, passa a vibração aguda e alegre do silvo das grandes machinas de vapor. Fumegam as grandes chaminés cylindricas e monumentaes as negras nuvens de fumo, que, como perdidas e dolentes esperanças, se vão desfazendo no azul.

---

[1] Veja *Alcobaça Illustr.*, por frei Manoel dos Santos; *Monge de Cister*, por Alexandre Herculano; *Mosteiro d'Alcobaça*, por M. V. Natividade.

[2] Sobre o valor d'estes escriptos, veja o *Dicc. bibliogr.*, de Innocencio.

des moines, spécialement contre l'abbé Fr. Jean d'Ornellas. Rien de plus douloureux que les quarante chapitres de cette plainte. — A la première velléité de désobeissance ils étaient enfermés dans les souterrains du château, privés d'air et de lumière; — on leur coupait les bois sans façon et sans les payer, on s'emparait avec toutes sortes de violences de tout ce qui pouvait être utile; ils souffraient de cruelles punitions chaque fois qu'ils osaient se plaindre, etc., etc. [1] Dès lors il n'y eut plus de paix, plus de travail, ni de prières en commun.

Ces plaintes contre les abus du clergé eurent toutefois comme résultat une certaine altération dans le règlement de l'ordre.

L'abbé, qui était élu à perpetuité, ne le fut dorénavant que pendant trois ans.

Cependant on voyait sortir du monastère isolé, des idées de progrès et d'altruisme; les moines contribuèrent puissamment à la création d'une Université en Portugal, ils inaugurèrent les premières classes publiques du pays, les écoles où l'on enseignait les sciences et les arts connus à cette époque, l'ébénisterie, la peinture, la sculpture, les enluminures de codes et de livres saints et les premiers récits de l'histoire; ils organisèrent une bibliothèque et développèrent l'architecture.

Ils ecrivirent des ouvrages de valeur. À l'imagination féconde de Fr. Bernard de Brito sont dûs les premiers volumes de la *Monarchie Lusitaine* et la *Chronique de Cister;* ensuite surgirent des talents littéraires d'une plus haute valeur comme Fr. Antoine Brandão, né à Alcobaça, historien honnête et classique, un des plus véridiques chroniqueurs du royaume. Il publia la suite de la *Monarchie Lusitaine,* poursuivie plus tard sous sa direction, mais avec moins de savoir, par son neveu Fr. François Brandão. Ensuite Fr. Manuel de Figueiredo le chroniqueur érudit et méticuleux, le premier introducteur des études en petites monographies, et dernièrement Fr. Fortunat de S. Boaventura, le dernier moine d'Alcobaça, son pays natal, et le plus illustre de tous ses compatriotes [2].

*
* *

Alcobaça, néanmoins, continue toujours à prospérer. Autour du monastère s'accumule la population, le commerce se développe, l'industrie se propage dans les villages environnants.

Tout à l'entour se manifeste l'abondance et la richesse.

*
* *

Alcobaça a suivi presque toute l'évolution moderne dans les diverses industries, autant que peut le faire une petite ville. Au milieu du grand labeur des champs des vignes et des vergers, on entend retentir le sifflement aigu des machines à vapeur. Les grandes cheminées vomissent de gros nuages de fumée qui s'évanouissent indolemment au loin dans l'azur des cieux.

Les grandes et les petites industries s'étendent dans les villages. On y fabrique des cotonnades aux capricieux coloris qui sont devenues très recherchées. Depuis le XVIII[e] siècle l'industrie du coton a toujours continué à prospérer; les mousselines, les dentelles, les ouvrages au tricot, jusqu'aux fameux *mouchoirs d'Alcobaça*, rouges à bordures bleues et jaunes, dont se servaient autrefois les priseurs de tabac, sont des produits universellement connus.

Les industries domestiques, signes infaillibles de la moralité du peuple, se montrent dans la préparation et le tissage du fil et de la laine dont on fait des merveilles.

Les savoureux fruits d'Alcobaça sont exportés en de délicieuses conserves préparées ici.

---

[1] Voyez *Alcobaça Illustr.*, par Fr. Manuel dos Santos; *Moine de Cister*, par Alexandre Herculano; *Monastère d'Alcobaça*, par M. V. Natividade.

[2] Sur la valeur de ces écrits, voyez le *Dict. bibliogr.*, d'Innocent.

A grande e pequena industria alarga-se por essas aldeias. O algodão transforma-se nas grandes fabricas em caprichosos e coloridos pannos de não curta celebridade. E desde o seculo XVIII que Alcobaça produziu pela primeira vez tecidos de algodão: — cambraias, rendas, obras de malha até aos celebrados *lenços de Alcobaça* com que os nossos avós limpavam o nariz depois de terem pitadeado o *mazulipatão* — esses celebres lenços vermelhos de grandes barras azues e amarellas quasi universalmente conhecidos, — nunca mais a tecelagem deixou de se alargar por todos os cantos.

As industrias caseiras, curiosas e permanentes notas da moralidade da familia, multiplicam-se na preparação e tecelagem dos linhos e lãs, em que por vezes operam maravilhas.

As primorosas fructas de Alcobaça exportam-se em deliciosas conservas aqui preparadas.

Alargam-se as officinas em quasi todos os ramos da industria moderna, constituindo assim elementos de segura prosperidade.

*

* *

A agricultura, a velha mãe, desdobra-se em bellos productos, quer nos grandes campos, quer nos terrenos mais accidentados. Immensas vinhas se estendem por ahi além produzindo bellissimos e bem conhecidos vinhos.

Extensos olivaes na zona oriental trazem no finissimo azeite dos seus fructos a riqueza aos que mais precisam.

E esses tres elementos: — a industria, o commercio e a agricultura, fazem de Alcobaça uma das mais ricas terras de provincia, bella e rica como a aspirada noiva com que póde sonhar a phantasia burgueza.

Alcobaça, 21 de maio de 1902.

M. Vieira Natividade.

Le nombre des ateliers de toutes les branches de l'industrie moderne augmente chaque jour et constitue une garantie de prospérité.

*

* *

L'agriculture, notre mère à tous, se dédouble en de magnifiques produits, dans les plaines immenses et les terrains les plus accidentés.

Les vignobles s'étendent au loin produisant les vins exquis et bien connus de cette région.

Sur la zone orientale, de longues étendues d'oliviers nous donnent l'huile si appréciée, véritable source de richesse pour les moins fortunés.

Ces trois éléments, l'industrie, le commerce et l'agriculture rendent Alcobaça une des contrées les plus fertiles et les plus riches de la province, belle et opulente comme la fiancée rêvée d'un fastueux bourgeois.

Alcobaça, le 21 mai 1902.

M. Vieira Natividade.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Vista geral

ALCOBAÇA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fachada da Egreja de Santa Maria

ALCOBAÇA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.[a] EDITORES

Claustros de D. Diniz no Mosteiro de Santa Maria

ALCOBAÇA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta da sachristia no Mosteiro de Santa Maria

ALCOBAÇA

O mosteiro de Alcobaça



Como quasi todos os monumentos monasticos portuguezes, tem o mosteiro de Alcobaça uma serie de curiosissimas lendas em que pretende envolver-se a sua fundação. Não faltam nas velhas chronicas motivos de extraordinario assombro indispensaveis a certos arroubamentos de fé.

Referidos os mais notaveis no anterior artigo sobre Alcobaça pouco mais resta para dizer, e esse pouco sem caracteres que mereça a pena referir.

Chegados a Alcobaça os enviados de D. Bernardo de Claraval, e escolhido o local onde havia de levantar-se o futuro monumento da fé christã, installam-se n'um pequeno eremiterio de rapida construcção, com a invocação de Santa Maria de Alcobaça, mudada mais tarde, por 1647, para a de Nossa Senhora da Conceição.

Inauguram-se os trabalhos da nova abbadia entre os annos de 1153 e 1154. Do grande instituto cisterciense de Claraval vieram certamente os monges architectos que tracejaram a nova construcção, semelhante ao que já se tinha feito com as abbadias de Altenberg e Maulbroun, e muitissimas outras em terras propriamente francezas. É que tanto Claraval como Cluny foram das escólas mais importantes dos tempos medievaes, e das poucas que produziram os grandes mestres que ou levantaram ou indirectamente concorreram para cathedraes como as de Colonia, Bruxellas, Autuerpia, Notre Dame, ou joias architectonicas como os municipios de Bruxellas e Louvain.

A architectura, ao tempo, era mesmo uma arte sagrada só ou quasi só exercida dentro dos claustros. As grandes cathedraes e abbadias medievaes, repetidas por todos os paizes da christandade n'uma frequencia que assombra, constituem seguras escólas de progresso onde a emulação desempenhava um extraordinario factor.

A Hespanha, França, Belgica, Italia e ainda uma grande parte da Allemanha estão semeadas d'esses monumentos onde um bom criterio póde estudar a marcha dos diversos estylos architectonicos, e muito especialmente do gothico.

O gothico vi eu, por vezes, como elle desabrochou e cresceu, na rapida visita que fiz ás principaes cathedraes francezas, belgas e allemãs, desde a receosa e inicial quebra do arco romano, até ás pujantes ogivas de Colonia, Autuerpia, Bruxellas e Rouen.

De Claraval, portanto, viriam para Alcobaça os primeiros architectos e porventura uma grande colonia de auxiliares, porque só assim se explica a construcção relativamente rapida da egreja. É ella de um gothico simples e suave. Levanta-se n'uma ungente simplicidade, de esguios e nobres pilares, supportando o peso das abobadas, largas mas graciosas, que se desdobram em tres naves.

Abre-se o cruzeiro cheio de luz, coada por largas rosaceas e janellas, e a capella-mór circumdada de *charola* fecha o fundo apenas roto por esguias e delicadas janellas, que dão para o abside de arrojados botaréus. Pujante frontaria de nobre e vasto portal, correndo lisa, apenas rota por lindissima rosacea e encimada por duas torres quadrangulares, truncados campanarios receosos de, com suas arestas, offenderem a vastidão do espaço. Curiosissima fórma que pouco depois se havia de transformar em arrojadissimas agulhas por onde, como em religiosos para-raios, se escoavam para os pés de Deus as orações e supplicas dos homens.

Em 1220, 20 de outubro, sagra-se o novo templo com pompa e riquezas nunca vistas. E como elle seria formosissimo no seu isolamento, cercado apenas por modestas e rapidas construcções, entre montanhas mal desbravadas cobertas de arvores pujantes e seculares.

Desde então progride mais vagarosamente a serie de construcções annexas, mal estudadas, é certo, mas ainda retardadas por muitos milhares de pequenos acabamentos que haviam de dar ao templo toda a sua formosura.

Está feito o templo. É indispensavel agora adquirir importancia, obter privilegios, ganhar popularidade, ser um grande da côrte. E tudo isso se faz. A influencia abbacial junto dos reis, leva alguns monarchas a escolherem Alcobaça para sua jazida. Alli são sepultados D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro I e as respectivas rainhas.

Le monastère d'Alcobaça



L'origine du monastère d'Alcobaça ainsi que celle de tous les édifices religieux en Portugal, est enveloppée d'une série de légendes plus ou moins curieuses. Les anciennes chroniques sont pleines d'étonnantes et d'extraordinaires histoires, nécessaires et même indispensables dans ce temps-là aux épanchements de la foi.

Les plus remarquables ayant été racontées dans notre dernier article à propos d'Alcobaça, il ne nous reste presque rien à dire d'intéressant sur ce sujet.

Lorsque les émissaires de D. Bernard de Clairvaux arrivèrent à Alcobaça, après avoir choisi l'emplacement où devait s'élever ce monument de la foi chrétienne, ils s'installèrent dans un petit ermitage bâti à la hâte, alors sous l'invocation de Sainte Marie d'Alcobaça et plus tard, en 1647, sous le patronage de Notre Dame de la Conception.

Les travaux de la nouvelle abbaye furent inaugurés vers les années de 1153 à 1154. Les moines architectes qui commencèrent la construction, de même que ceux qui avaient bâti les abbayes d'Altenberg, de Maulbroun et de beaucoup d'autres en France, nous semblent être venus de l'ancien foyer cistercien de Clairvaux. Ainsi que Cluny, Clairvaux a été une des écoles les plus importantes du moyen-âge. De ces écoles sont sortis les grands maîtres qui érigèrent ou aidèrent puissamment à bâtir les cathédrales de Cologne, de Bruxelles, d'Anvers et de Notre Dame de Paris, et les Hôtels de Ville de Bruxelles et de Louvain, qui sont de véritables merveilles artistiques.

L'architecture à cette époque était un art sacré, presque exclusivement cultivé dans les couvents. Les grandes cathédrales et abbayes du moyen-âge, répandues dans tous les pays de la chrétienté avec une admirable profusion, furent les plus profitables sources d'un progrès artistique, dû principalement à l'émulation d'artistes rivaux.

L'Espagne, la France, l'Italie, la Belgique et même une grande partie de l'Allemagne sont pleins de monuments de ce genre, dans lesquels un connaisseur peut étudier la marche des diverses écoles d'architecture, surtout dans le style gothique.

J'en ai souvent fait l'étude, j'ai vu son initiation et son développement dans la courte visite faite aux principales cathédrales françaises, belges et allemandes, en commençant par les ébauches primitives de l'arcade romaine, jusqu'aux ogives puissantes et hardies de Cologne, d'Anvers, de Bruxelles et de Rouen.

Les premiers architectes et probablement une grande colonie d'ouvriers, arrivèrent donc de Clairvaux, car on ne saurait expliquer autrement la construction relativement rapide de l'Église. Du plus simple et pur style gothique elle s'élève pleine d'onction majestueuse, avec ses piliers élancés et minces, supportant l'immense poids des voûtes larges et gracieuses qui se développent en trois nefs.

Le transept apparait en pleine lumière, tamisée par les grandes fenêtres et rosaces; le chœur, entouré de niches pour les saints, est à peine éclairé par d'étroites croisées donnant sur l'abside aux puissants arc-boutants. L'ample façade au noble et vaste portail, est simplement percée par une magnifique rosace et surmontée de deux tours carrées, dont les clochers aplatis semblent craindre de s'élever dans l'espace. Cette partie assez curieuse de l'édifice fut plus tard transformée en deux flèches assez élevées qui semblaient attirer les prières des hommes pour les faire descendre aux pieds de Dieu.

Le 20 octobre 1220, le nouveau temple fut sacré, avec une pompe et un faste inouis. Superbe dans son isolement, entouré à peine de quelques constructions modestes et provisoires, il se dressait fièrement au milieu de majestueuses montagnes couvertes d'arbres séculaires.

Cependant la construction de toutes les dépendances s'avançait très lentement; le plan était mal étudié et l'exécution fut retardée par les travaux d'achèvement indispensables à l'embellissement du temple.

Lorsque la tâche fut achevée, il fallut acquérir de l'importance, obtenir des privilèges, gagner de la popularité; il fallut enfin avoir un nom à la cour. C'est ce que l'on fit; l'influence abbatiale près des rois, les conduisit insensiblement à choisir Alcobaça pour leur demeure préférée. Les rois D. Alphonse II, D. Alphonse III et D. Pierre I et les reines leurs épouses y sont inhumés.

Como consequencia muitos nobres imitam os reis, e n'uma das galerias do claustro de D. Diniz repetem-se inscripções de tumulos fidalgos, em bellos caracteres graphicos dos seculos XIII e XIV.

Fundado o mosteiro n'uma ancia de sumptuosa riqueza — n'um vago esquecimento das regras monasticas — começa a larga acquisição de terras, o estudo da povoação, o desenvolvimento da riqueza agricola.

Do profundo esquecimento e abandono — por parte dos portuguezes — por tudo o que não fôsse a guerra com os mouros, castelhanos ou leonezes, vinha a segurança e alargamento dos dominios, em cartas de doação muito bem fabricadas entre as horas do côro e do refeitorio, cartas que mais tarde, quando a administração do paiz fôsse problema a estudar e a resolver, haviam de trazer — como effectivamente trouxeram — muitas e extraordinarias resoluções.

A população crescia nos coutos, graças ás regalias dadas aos colonos vindos de longe, por vezes mesmo do estrangeiro, d'onde pouco a pouco traziam innovações e progressos nas diversas industrias do genero humano.

Quando a população attinge certa densidade legisla-se para ella. Dividem-se as terras em zonas, dá-se o *foral* ou *carta de povoação* a certo numero, criam-se nucleos que mais tarde se transformaram em formosas villas.

Com o fausto, producto das riquezas accumuladas, vem a ancia do poder, da soberania, e em breve se põe em evidencia toda a vaidade satisfeita. O abbade é o visitador geral da ordem em Portugal, e multiplica por isso a sua importancia sobre os mosteiros estranhos. E como isso era pouco, desdobra a communidade e funda outros mosteiros que usufruem os mesmos direitos e regalias. Era como que uma cruzada a seu favor, a favor da sua importancia.

O abbade escolhido entre os mais nobres, e porventura entre os mais intelligentes, insinua-se no espirito do rei, acalenta os favorecidos da côrte, e em breve é um grande do reino. Veste habito prelaticio, empunha baculo, tem assento em côrtes.

De titulo em titulo assigna o abbade de Alcobaça nos instrumentos publicos: — *D. Fr. F... abbade do real mosteiro de Alcobaça, esmoler-mór, donatario da corôa, fronteiro-mór, do conselho de El-Rei,* etc.

Alarga-se o seu poder a treze villas e tres portos de mar, é senhor de dois castellos: — o de Alcobaça e de Alfeizarão e tem os seus artifices isentos de ir á guerra.

Como reconhecimento do padroado real pagava o fôro annual de umas botas ou uns sapatos, segundo a vontade do monarcha, fôro que effectivamente foi pago até D. Affonso III, a quem um chronista de Alcobaça chama o *alliviador das botas.* D. João IV fez reviver essa curiosa e historica simplicidade, e durante alguns annos recebeu o extraordinario fôro.

As artes liberaes tomam largo desenvolvimento, e dentro do mosteiro empregam-se e dividem-se. As escólas internas, cujo *Regulamento,* impresso, é de um grande alcance e de um grande amor scientifico, manda ensinar as linguas classicas e sciencias liturgicas; e a physica, chimica e mathematica ordena muito especialmente que sejam ensinadas segundo a verdadeira sciencia, e não com falsas e más interpretações, que se ensinem as modernas theorias de maneira que os estudantes fiquem com seguros conhecimentos dos phenomenos e das coisas, porque esse conhecimento em nada importa para boa e sã religião.

A pintura, a esculptura, a ceramica, a marcenaria, etc., desdobram-se nas obras do mosteiro. É certo, porém, que nenhuma attingiu o mais seguro grau de perfeição, vista a proverbial pobreza artistica de tão fallado monumento.

* * *

Voltemos, porém, ao mosteiro que deixei no seu inicio.

Levantada a egreja n'aquelle encanto intraduzivel, assim se tem mantido, com ligeiras variantes, como hoje a conhecemos.

Exceptuando o pavimento que se acha $0^{m},60$ abaixo do actual, (uma especie de *pavimentum sectile,* não em marmore mas em azulejos de diversas fórmas e côres formando um delicado mosaico) a capella-mór e altares da primeira nave, tudo o mais se póde considerar sensivelmente intacto.

Naturellement les nobles suivirent l'exemple des rois, et dans une des galeries du cloître de D. Diniz on peut lire encore sur leurs tombeaux beaucoup d'inscriptions en caractères graphiques du XIIIme et XIVme siècles.

Le monastère institué sous l'idée systematique de parvenir à la richesse, commença par l'acquisition de vastes terrains, tout en étudiant la population et le développement de l'agriculture, mais laissant peu-à-peu dans un vague oubli la sevérité des règles monastiques.

Les portugais, occupés ailleurs par les continuelles guerres contre les maures, laissaient les moines à l'aise et en toute sécurité, sans surveillance d'aucune espèce; ceux-ci en profitèrent et entre l'heure de la prière et celle des repas ils surent organiser des lois, des lettres de donation tout à leur avantage, ce qui donna lieu à beaucoup de complications lorsque plus tard l'administration royale reprit la direction de ces affaires.

Dans les villages, la population croissait toujours, grâce aux avantages offerts aux colons venus de loin et même de l'étranger, qui peu-à-peu introduisirent dans plusieurs branches de l'industrie toute sorte d'innovations et de progrès.

Quand une population prend de l'essor, elle fait elle-même ses lois. On divisa les terrains en zones dont la concession fut donnée à quelques habitants, créant des centres qui plus tard devinrent des villes assez importantes.

Avec l'abondance de richesses accumulées vint l'ambition et le déploiement de l'orgueil et des vanités mondaines. L'abbé fut nommé supérieur général de l'Ordre en Portugal, ce qui lui donna de l'influence sur les couvents du voisinage. Et comme c'était encore peu, la communauté se dédoubla et se multiplia en fondant plusieurs autres monastères jouissant des mêmes droits et profits. C'était une véritable croisade qui augmenta considérablement son importance. L'abbé, élu d'entre les plus nobles et, autant que possible, les plus adroits et intelligents, sut s'insinuer dans l'esprit du roi, tout en flattant les favoris de la cour, et devint bientôt un des grands du royaume. Il revêtit toutes les dignités d'un prélat, empoigna la crosse épiscopale et eut son siége à la haute cour. De plus en plus favorisé, il finit par mettre sur les documents officiels la signature suivante: *D. Fr. F... abbé du monastère royal d'Alcobaça, grand aumônier, donataire de la couronne, gouverneur général, conseiller du Roi,* etc.

Son pouvoir s'étendit sur treize villes et trois ports de mer, et il fut le seigneur et maître de deux châteaux — celui d'Alcobaça et d'Alfazeirão; ses ouvriers et serviteurs furent exempts du service militaire.

En reconnaissance du patronage royal il payait l'impôt annuel d'une paire de bottes ou de souliers, selon la volonté du roi, impôt qui fut effectivement reçu jusqu'au règne de D. Alphonse III qui l'abolit, et fut pour cela surnommé par un ancien historien: *Alliviador das botas* (qui a supprimé les bottes).

D. Jean IV remit en vigueur cette ancienne coutume, d'une historique simplicité et pendant quelques années reçut encore ce curieux impôt.

Les arts libéraux prirent un développement immense et furent utilisés dans le monastère. Les écoles intérieures, dont le règlement imprimé était d'une haute portée scientifique, ordonnaient d'enseigner les langues classiques et les sciences liturgiques; la physique, la chimie et les mathématiques devaient être apprises d'après les vrais principes et non sous de mauvaises ou de fausses interprétations, enfin toutes les théories modernes seraient expliquées de manière à assurer une connaissance profonde des choses, sans toutefois empêcher les bonnes et saines pratiques de la religion.

La peinture, la sculpture, la céramique, l'ébénisterie, etc., furent exercées dans les travaux du monastère. Il est cependant visible, en constatant la pauvreté artistique du remarquable monument, qu'aucun de ces arts n'a réussi à atteindre la perfection.

* * *

Mais revenons au monastère que nous avons laissé à son commencement.

L'église érigée dans ce site charmant n'a subi jusqu'à nos jours que de légères modifications. Si l'on excepte l'étage qui se trouve $0^{m},60$ plus bas que l'actuel, une espèce de *pavimentum sectile* en

Á volta da egreja alargam-se as construcções por necessidade e commodidade.

D. Affonso II manda fazer uma espaçosa gallilé para collocação dos tumulos reaes, no mesmo logar em que hoje está a *sala dos reis*. Effectivamente para alli vão alguns reis, rainhas e infantes da primeira dynastia, exceptuando D. Pedro I e D. Ignez de Castro que desde o principio foram collocados ao lado direito do cruzeiro, junto da capella-mór.

Com o tempo vem a deterioração da gallilé e por entre os annos de 1519 e 1540 manda o abbade D. Jorge de Mello proceder á trasladação dos restos de D. Affonso II e D. Affonso III para a antiga capella de S. Vicente, hoje de S. Bernardo, no braço direito do cruzeiro, e para o mesmo braço os tumulos restantes, até ser construida a nova *sala dos tumulos* onde todos se encerram hoje, á excepção dos dois primeiros monarchas.

D. Diniz pela mão do seu architecto Domingo Domingues começa a construcção do claustro que tem o seu nome, e lança os alicerces para o refeitorio. Tem isto logar no anno de 1341 ou 1343, e é ainda com extrema rapidez que se operam esses trabalhos. E esse claustro, que pela sua simplicidade constitue um dos mais bellos exemplares de gothico simples, com muito leves reminiscencias romano-bisantinas, é o mais bello e perfeito exemplar que existe em terras portuguezas referido ao seculo XIV. Alterado mais tarde com a construcção do corpo superior em tempos de D. Manoel, provavelmente por seu filho o cardeal D. Affonso, abbade do mosteiro, nada perdeu com o augmento, mas antes fez realçar a parte primitiva na simplicidade e pureza das linhas.

A este tempo, porém, era diminuto o numero de monges e poucos e maus os alojamentos proprios. Todas as edificações se resumiam á egreja com extenso braço estendido para o norte, salpicado em redor de modestas e irregulares construcções. Havia extrema necessidade de construcções regulares. Foi essa necessidade comprehendida pelo infante D. Affonso, que abriu nova serie de largos trabalhos.

Foi por seu mandado e de seu pae que o architecto João de Castilho, 1519, e o pintor Jacques ou Diogo Vaz procederam ao levantamento da famosa sacristia e a um novo claustro para dormitorio, ainda hoje chamado o *claustro do cardeal* de simples linhas mas de extraordinaria grandeza na sua dupla e sobreposta arcaria.

A sacristia onde não faltou arrojo e belleza, foi abobadada em formosa laçaria de pedra, como ainda se póde observar junto da entrada com as suas duas formosissimas portas. Infelizmente a parede exterior, de mal calculada resistencia, attendendo á mobilidade do terreno, não pôde supportar o peso das abobadas, apesar dos repetidos e vigorosos contrafortes. Esse primor de architectura baqueava para ser substituido por um estuque levantado de pessimo gosto e pouco melhor acabamento. Desagradavel impressão nos dá o santuario annexo, que tem o valor da sua muita originalidade, e poucas esculpturas de apreço.

A administração do mosteiro feita por individuos estranhos á communidade, durante muitos annos, trouxe a diminuição de professos e um certo abandono por todas as obras, apenas mantidas pelos cardeaes D. Affonso e D. Henrique.

Só mais tarde, quando D. João IV dá ao mosteiro a fórma de administração primitiva, ardente e profunda aspiração da velha communidade, é que no mosteiro começa a realisação de sonhadas grandezas. Por um acaso absolutamente feliz coincide a independencia administrativa com o periodo aureo do desenvolvimento agricola, em terras do mosteiro.

Enormes e extraordinarios estudos deviam ser feitos como preparação para as grandes obras que se iam realisar. Effectivamente vem a febre das construcções e reedificações, durante o resto d'esse seculo para se prolongar durante todo o seculo XVIII e ainda pelos primeiros annos do seculo XIX.

Arreia-se a fachada primitiva da egreja para se substituir pela actual, lançam-se os seus dois corpos lateraes em toda a pujança das suas linhas, altera-se a fachada norte fazendo a grande frontaria central encimada pela grande estatua de D. Affonso Henriques, projecta-se e levanta-se o grande *claustro do rachadouro*, e a *sala da bibliotheca* eleva-se sobre as antigas, agora transformadas em cartorios.

A *sala dos reis* é um dos curiosos trechos que ha a vêr em Alcobaça; ha n'ella uma falta de critica que offende desde as estatuas dos monarchas em tamanho natural, feitas por *barristas* do mosteiro auxiliados pelo pintor Antonio Amaral, até ao grande grupo da *coroação de D. Affonso Henriques* onde se vê este monarcha de corôa fechada, anachronismo que se repete na grande estatua que encima

carreaux de faïence de formes diverses et de couleurs variées, le chœur et les autels de la nef principale, tout le reste peut être considéré comme intact.

Aux abords de l'église les constructions s'entassent étroitement, pour les besoins et la commodité des habitants.

D. Alphonse fit construire un caveau spacieux pour y placer les tombes de la famille royale dans l'emplacement où se trouve aujourd'hui la salle des rois.

C'est là, en effet, que sont inhumés quelques rois, reines et princes de la première dynastie, hormis D. Pierre I et D. Inès de Castro, qui sont placés à droite du transept près du chœur.

Le temps amena la détérioration de ce caveau et vers les années 1519 à 1540 l'abbé D. George de Mello fit transporter les restes de D. Alphonse II et de D. Alphonse III dans l'ancienne chapelle de St. Vincent, aujourd'hui de St. Bernard, dans l'aile gauche du transept, ainsi que les autres tombeaux, pendant que l'on procédait aux réparations et à l'achèvement du nouveau caveau où ils sont tous maintenant, sauf les deux premiers.

L'architecte du roi D. Diniz, Domingo Domingues, commença la construction du cloître auquel il donna le nom du roi, il posa aussi les fondations du nouveau réfectoire; ces travaux éxécutés l'année 1341 à 1343 furent faits avec la plus grande rapidité. Ce cloître, qui est dans sa simplicité, un des plus parfaits exemplaires du genre gothique simple, avec de vagues aperçus du style romain-bysantin, est un des plus beaux du XIVme siècle qui soient en Portugal.

Plus tard, sous le règne du roi D. Manuel, lorsque son fils le cardinal D. Alphonse était abbé du monastère, il fut modifié par l'adjonction d'une partie supérieure qui n'altéra en rien sa beauté primitive et fit encore valoir la simplicité et la beauté de la construction antérieure.

Dans ce temps-là, cependant, le nombre des moines était déjà très restreint et les logements mauvais et insuffisants. Le monastère se composait seulement de l'église avec son aile immense déployée vers le nord et de quelques constructions modestes irrégulièrement éparses dans les environs. L'abbé comprit le besoin urgent d'agrandissements et ordonna une série de travaux importants.

D'après ses indications et celles du roi son père, l'architecte Jean de Castilho, en 1510 et le peintre Jacques ou Diogo Vaz, commencèrent à bâtir la fameuse sacristie, ainsi qu'un nouveau cloître et dortoir, nommé le cloître du cardinal; avec ses doubles arcades superposées, aux lignes simples et majestueuses cette pièce attire l'attention des visiteurs.

La sacristie, d'une construction hardie et pleine d'harmonieuse beauté est voûtée et richement ornementée comme on peut encore le voir d'après les deux magnifiques portes. Malheureusement le mur extérieur, soit parce que la résistance en fut mal calculée, soit à cause de la mobilité du terrain, ne put supporter le poids de la voûte, malgré tous les puissants contreforts qu'on y ajouta. Ce chef-d'œuvre d'architecture a été remplacé par une maçonnerie quelconque, mal achevée, grossièrement travaillée et du plus mauvais goût. Le sanctuaire annexe a peu de sculptures dignes de remarque et malgré toute son originalité fait une impression désagréable.

L'administration, pendant de longues années, de personnes étrangères à la communauté, provoqua le décroissement du nombre des moines et une certaine négligence dans tous les travaux, à peine entretenus par les cardinaux D. Alphonse et D. Henri.

Plus tard, D. Jean IV restitua au monastère le règlement primitif, la seule et ardente aspiration de l'ancienne communauté et dès lors on revint à la réalisation des grandeurs rêvées. Par un heureux hasard, cette indépendance administrative coincida avec la période brillante du développement agricole près du monastère.

On dut faire de profondes études préparatoires pour les grands travaux projetés. Ce fut une véritable fièvre d'améliorations qui dura tout le reste de ce siècle et se prolongea pendant tout le XVIIIme et encore au commencement du XIXme siècle.

On démolit la façade primitive de l'église qui fut remplacée par celle qui existe actuellement; les deux parties latérales, aux lignes puissantes, furent ajoutées, on altéra la façade du côté nord dont le fronton est surmonté par la grande statue de D. Alphonse Henriques, on bâtit aussi le grand cloître du *rachadouro* (fenderie) et la salle de la bibliothèque, au dessus de l'ancienne, transformée en bureaux.

La *salle des rois* est une des plus curieuses parties du monument d'Alcobaça; c'est un fouillis de

a frontaria norte. As paredes, até certa altura são cobertas de primorosos azulejos do Juncal, de bellos mas mal criticados desenhos.

A capella-mór altera-se completamente, occultando com a nova fórma toda a graça e simplicidade primitivas. Fórma-se agora de bellas columnas jonicas e corynthias com respectivos frisos, de uma grande correcção mas de uma applicação infelicissima.

A *capella de N. S. do Desterro,* feita á custa do abbade frei João Paim, por 1690, é um mimo architectonico. Tem boas talhas douradas e azulejos.

A frontaria da egreja que de boa vontade deixaria de referir, é um curiosissimo documento de caprichosa composição, e como tal o deixarei á apreciação dos entendidos, sem comtudo não deixar de reconhecer que ha n'esse *sonho architectonico* um falsa harmonia que seduz.

A *sala dos tumulos* eleva-se n'uma extraordinaria belleza de linhas e uma certa ausencia de luz impõe-nos um profundo recolhimento. Formosissima sala tumular, onde apenas os tumulos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro conseguem levantar-nos o espirito com o mimo dos seus preciosos lavores. São cantos de um poema lyrico feito n'um embevecimento amoroso que nos prende, que nos subjuga, que nos domina.

Os dois tumulos, em tudo semelhantes, differem bastante no seu acabamento. No de D. Ignez traduz-se bem a impaciencia de D. Pedro na urgencia de realisar a faustosa ceremonia da coroação da sua infeliz amante. Todavia este tumulo, embora de menor pujança de ornamentação que o de D. Pedro, é de um bello acabamento por vezes até de mais largo e vigoroso desenho. Ha um extraordinario e humano sentir n'essa preciosa obra que havia de abrigar para sempre a mais amada das mulheres e a mais infeliz das rainhas.

O tumulo de D. Pedro, que eu considero obra dos mesmos artistas, não me parece ter sido acabado em vida d'este monarcha; é que n'uma das faces está representada, segundo creio, a sua morte, onde os frades de Alcobaça quizeram vêr uma fabulosa e muito repetida resurreição.

Ha em ambos os tumulos uma accentuação architectonica absolutamente gothica com excepção das figuras onde se traduz ainda uma poderosa influencia romanica. É movimentada e rica a maior parte das centenas de figuras que cobrem todos os lados. N'uma enorme rosacea que occupa uma face do tumulo de D. Pedro repetem-se com o maior carinho scenas da vida intima dos dois amantes, por vezes com seus filhinhos em attitudes de encantadora suavidade. O que aqui se acha representado com extraordinario vigor é o assassinato de D. Ignez e a execução dos seus dois assassinos.

Desconhecidos artistas alli deixaram esculpidas as notas mais valiosas do seu extraordinario talento, da sua poderosissima sciencia. Abençoados anonymos que cobriram esses dois tumulos com pedaços da sua delicadissima alma.

As estatuas dos dois amantes, em tamanho mais do que natural têm um grande cunho de simplicidade, e muito especialmente a de D. Ignez deve ser de uma flagrante semelhança para poder satisfazer ao carinho e á saudade de tão cioso e duradouro amante. É bello o baldaquino que lhe protege a cabeça e amorosos os anjos que a incensam e amparam. D. Pedro tem uma certa dureza de fórma, mas isso vae bem ao seu espirito justiceiro.

* * *

Em objectos de pura arte, com um certo arrojo, com um certo valor nunca o mosteiro de Alcobaça teve grandes preciosidades.

A grande ambição dos frades de Alcobaça era offuscar pela grandeza, pelo fausto, e isso conseguiram-n'o verdadeira e absolutamente.

Alcobaça, 14 de junho de 1902.

M. Vieira Natividade.

statues en tous les genres depuis celles des rois, faites en grandeur naturelle par des ouvriers potiers et par le peintre Antoine Amaral, jusqu'au grand groupe du couronnement de D. Alphonse Henriques, où l'on voit le roi avec une couronne fermée, anachronisme qui se répète sur la grande statue du fronton. Les murs sont recouverts jusqu'aux lambris de magnifiques faïences de Juncal, de belle facture mais mal dessinées.

Le chœur fut complètement modifié, au dommage de l'ancienne forme pleine de grâce, de simplicité et d'harmonie.

La chapelle de Notre Dame de Desterro, bâtie aux frais de l'abbé Fr. Paim, l'an 1690, est un bijou d'architecture, avec de belles sculptures en bois doré et de magnifiques faïences.

La façade principale de l'église que je pourrais bien me passer de décrire, la laissant à l'appréciation des connaisseurs, est un curieux document de la plus capricieuse composition, ayant cependant au milieu de sa phantaisie architecturale une fausse harmonie assez séduisante.

La salle des tombeaux nous inspire, dans sa demi obscurité, le plus profond recueillement et l'admiration pour la noble beauté de sa construction. C'est un magnifique caveau, dans lequel à peine les tombeaux de D. Pierre et de D. Inès de Castro sont enrichis de précieux ornements; ils nous attirent et nous charment en même temps comme les strophes d'un poème fait sous l'inspiration d'une pensée d'amour.

Semblables dans la forme ils diffèrent assez comme travail. Celui de D. Inès de Castro montre bien l'impatience dont était possédé D. Pierre pour réaliser la somptueuse cérémonie du couronnement de sa malheureuse maitresse. Cependant, quoique moins bien fini que celui de D. Pierre, il nous présente parfois un dessin plus large et plus empoignant. On sent quelque chose d'humain dans ce précieux travail destiné à renfermer les restes de la plus adorée des femmes et de la plus malheureuse des souveraines.

Le tombeau de D. Pierre, que je crois être l'œuvre des mêmes artistes, a été, à ce qu'il parait, terminé après la mort du roi, car sur une de ses faces il y a un tableau qui représente ses derniers moments, et dans lequel les moines ont crû voir sa résurrection.

Le style en est purement gothique sauf les statues où l'on sent bien l'influence romaine. Les centaines de figures couvrant les côtés sont pour la plupart richement ornementées; sur la face principale du tombeau de D. Pierre on voit des scènes de la vie intime des deux amants, quelques unes avec les enfants dans des attitudes charmantes. L'assassinat de D. Inès et l'éxécution des deux assassins sont rendus avec une vigueur extraordinaire.

Des artistes inconnus ont laissé sur ce marbre les preuves d'un talent exceptionnel et d'un profond savoir. Bénissons ces anonymes qui ont mis dans cette œuvre précieuse toutes les délicatesses de leurs âmes.

Les statues des deux amants en grandeur naturelle ont un cachet de grande simplicité, surtout celle de D. Inès qui devait être d'une ressemblance frappante, pour satisfaire complètement à la tendresse de son royal amant. Le baldaquin qui protège la tête, ainsi que les anges qui la soutiennent et l'encensent amoureusement, sont admirablement ciselés.

D. Pierre a une certaine dureté d'attitude qui va bien à son caractère cruel et justicier.

* * *

Le monastère d'Alcobaça n'a jamais possédé de raretés artistiques; l'ambition des moines était d'éblouir par leur faste et leur richesse et ils y ont complètement reussi.

Alcobaça, le 14 juin 1902.

M. Vieira Natividade.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES

Portaria do Mosteiro de Santa Maria

ALCOBAÇA



EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Claustro do Silencio no Mosteiro de Santa Maria

ALCOBAÇA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO.

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella de N. S. do Desterro

ALCOBAÇA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.^A EDITORES

Tumulo de D. Ignez de Castro

ALCOBAÇA

Porto

Perfil historico



N'UM certame de bellezas d'Arte ou de Natureza, e tem-as d'alta valia a terra de Portugal, cabe a este nosso Porto, em que pulsa uma antiga alma heroica, um logar de muita honra e de levantado primor. Basta vêl-o n'um relance panoramico, a fronte mergulhada na gloria da luz meridiana, o nitido azul do céo peninsular a servir-lhe de docel, a planta beijada umas vezes, e outras, em horas de revolta, raivosamente mordida pelas aguas do Douro, olhando do alto das suas torres ou por entre os intersticios do casario as brancas velas que vão, ao longe da costa, arando as planicies do infinito mar.

Intendido está, comtudo, que o nobre agglomerado não brota miraculosamente, guerreiro medieval armado de ponto em branco para os torneios da civilisação, do seio virginal e rigido do granito. A concepção symbolica é bella, sem duvida, mas serve tão sómente para espairecer, decorativa, no frontão dos paços do concelho. O Porto nasceu das cinzas fumegantes a que o mouro El-Mansor havia reduzido a mesquinha população de beira-rio. E depois, quando pôde, marinhou á eminencia da Pena Ventosa, fez-se cidadella, *Portucale castrum novum,* armou em bispado e feudo, e gastou a juventude a brigar com o senhor bispo, dono pouco amavel do burgo e dos burguezes. Estes, emancipando-se afinal, apesar das censuras ecclesiasticas e dos anathemas, davam por sua vez ao duro amo ruins bocados. Ficou memoravel, por exemplo, aquelle mau quarto de hora que immortalisou Almeida Garrett, dramatisando-o, nas vívidas e veridicas paginas do seu *Arco de Sant'Anna.*

Assim levou o Porto a sua vida, entortinhada e de má medrança, desde os inicios da monarchia até ao ultimo rebento da dynastia affonsina. O caldo negro espartano enrijou-o precocemente para a lucta pelas immunidades do seu lar e pelas suas regalias de cidadão. Se assim não fôsse, como resistiria elle ao abraço monstruoso do polipo episcopal?

Ah! mas na dobadoura do tempo houve de dobar-se muito fio antes que a cidade invicta, esburacando as muralhas que a cingiam, rompesse por esse planalto e conquistasse por justo titulo a dignidade de segunda capital do reino. E foi preciso que chegasse aqui um adepto de Pombal, o corregedor Francisco de Almada, para mostrar, na rua que ainda hoje usa o seu nome, que optima coisa é o theodolito, esse tyrannete, quando se tem força para utilisal-o no alinhamento das cidades. Então, aberto o exemplo, a cidade opulentou-se com bellas ruas e ornou-se com grandes monumentos de vêr e de servir. Foi assim que se ergueu o theatro de S. João, e assim tambem que se começou a construir, mais tarde, a Academia de Marinha e Commercio, hoje Academia Polytechnica, ainda agora á espera de conclusão... O movimento accelera-se quando, triumphante a liberdade, ella vem sorrir á sua obra de resurgimento material e de levantamento intellectual. As charnecas e montados da redondeza recortam-se em população citadina. Novas ruas, novas praças, novos jardins. E se a tarefa não luz mais, é porque o municipio é pobre e o poder central mais o empobrece, sangrando-o em nome das urgencias do Estado. Entretanto, o perimetro da cidade alastra amplamente com ancias de chegar á circumvallação. Cresce, sob a benção do trabalho, a legião dos seus filhos benemeritos n'uma progressão consoladora. Contam-se cerca de 180:000 habitantes, hoje, pelo ultimo censo, contra os 59:370 que se registavam, em 1838, á raiz das guerras liberaes.

Arfa o vapor victoriosamente nas fabricas que se multiplicam n'um ardor febricitante de produzir. As chaminés colossaes a topetar com as nuvens, dil-as-ieis mastros de navios phantasmas a vogar, a vogar, no largo oceano do pensamento, para a conquista d'um novo vello de ouro — a perfeição da Industria.

Aspecto geral. As duas pontes

O excursionista ávido de impressões, nacional ou estrangeiro, que visite pela primeira vez o Porto, ha de achar aqui, na leal cidade, estamos certos, qualquer coisa nova e bella que satisfaça uma esthesia exigente e fina.

Porto

Silhouette historique



PORTO, la ville à l'âme héroïque, tient une place des plus marquées parmi les villes de Portugal, où l'art et la nature se sont donné un rendez-vous. Voyez plutôt, dans un coup d'œil panoramique, le beau ciel bleu se déroulant comme un dôme sur les cimes rayonnantes de soleil, les rives baignées par les eaux, tantôt paisibles, tantôt mugissantes de son fleuve, les hautes tours qui regardent, dans le lointain de la mer infinie, les voiles fuyant le long de la côte!

La ville de Porto sortit des débris fumants des pauvres villages riverains, que le célèbre conquéreur sarrazin El-Mansor avait détruit de fond en comble. Le nouveau bourg, *Portucale castrum novum,* se fortifia sur les pentes escarpées de la *Pena Ventosa,* et monta au rang de fief royal, plus tard épiscopal; dès lors s'ouvrit l'ère des longues et fameuses querelles avec les évêques. Almeida Garrett a puisé dans l'histoire de ce temps les données d'un de ses meilleurs romans — *O Arco de Sant'Anna.*

Ces luttes pénibles, dans lesquelles le caractère des bourgeois de Porto s'est fortement trempé, ayant fini par leur donner gain de cause, la ville prit bientôt un large essor et acquiert le titre, qu'elle détient encore, de seconde capitale du royaume. Sous le corrégidor Francisco d'Almada, ses premières belles rues, parmi lesquelles se trouve encore celle qui a pris le nom de ce fameux partisan du marquis de Pombal, s'alignent à perte de vue; ses premiers monuments élèvent au ciel leurs coupoles.

Elle bâtit son premier grand théâtre, et entreprend ensuite la construction, encore inachevée, de l'Académie de la Marine et du Commerce, devenue École Polytechnique. Son développement s'accuse sans cesse. Quand la liberté, triomphante en Europe, vient frapper à nos portes, le vieux bourg d'autrefois l'accueille le premier, se réjouit dans l'accomplissement de son œuvre de relèvement matériel et intellectuel. Déjà la cité nouvelle déborde sur la campagne; les rues, les places et les jardins surgissent de partout; et l'on serait allé bien plus loin dans cette voie sans les empêchements du pouvoir central, qui écrase la ville sous le poids des impôts et tarit toute iniciative.

Pendant que Porto grandit en extension, sa population s'accroît proportionnellement. Elle était, en effet, en 1838, de 59:370 habitants; aujourd'hui la ville compte en 180:000.

Le fracas des machines, les hautes cheminées formant comme l'immense mâture d'un fantastique mouillage, marquent aujourd'hui, à l'endroit de Porto, le foyer d'une large activité commerciale et industrielle, le nouveau destin de la vieille et noble ville.

Coup d'œil — Les deux ponts

Le touriste le plus exigeant en matière d'art et de pittoresque en aura, nous en sommes sûrs, plein les yeux à Porto.

Supposons-le en wagon, venant du Sud et saisissant le coup d'œil de la ville, par un beau jour de soleil. Aussitôt dépassé Coimbrões, sur la rive gauche, voilà, dans le quartier si calme et bucolique de Villar — d'abord Entre Quintas, puis la toiture du *hall* du Palais de Crystal, ensuite le vaste panorama dominé par les tours des églises de Clerigos et de Lapa, se déroulant sur la crête qui relie la colline de Victoria au plateau. Sur les versants qui la séparent de celle de Batalha descend en amphithéâtre, jusqu'à la rivière, une large masse confuse de maisons d'où se détachent la cathédrale, aux contours sévères de forteresse, et la somptueuse cour épiscopale.

Mais nous voici plongés soudainement dans les ténèbres, puis lancés à travers l'espace. C'est d'abord le tunnel de la Serra, ensuite le pont Maria Pia, sur lequel le train roule, bravant l'abîme, dans un nuage de vapeur blanche.

Au loin, le Douro, la campagne, les montagnes lointaines s'estompant dans l'azur — un paysage charmant qui attire l'œil par la fraîcheur et la gaieté! Nous allons y descendre. . . . .

Dans le courant du fleuve, le pesant bateau de pêche, connu sous le nom de *valboeiro,* descend à

Suppômol-o vindo do sul, em caminho de ferro, á luz clara do sol, ou coada dôcemente por subtil véo crepuscular. Entrado o comboio na curva de Coimbrões, para lá das Devezas, toma logo contacto visual com Entre-Quintas, no bairro de Villar, tão sereno e bucolico, logo com o Palacio do Crystal, e a seguir, no rodar kaleidoscopico do trem, com o trecho panoramico dominado pelas torres dos Clerigos e da Lapa, no espinhaço que leva do morro da Victoria ao planalto. Ostenta-se depois em apparatoso amphitheatro a larga facha de casario, na depressão que separa este morro do da Batalha, e é occasião de apresentar-se, meio templo, meio fortaleza, a severa cathedral e o sumptuoso paço dos bispos.

De repente, quasi sem transição, deu-se um mergulho nas trevas e um vôo audacioso no espaço. O trem passou o tunnel da Serra e marcha agora victoriosamente, affrontando o abysmo, sobre a ponte Maria Pia, á vista da outra, Luiz I, de dois taboleiros, para a viação ordinaria. A locomotiva, na sua respiração de monstro, deixa escapar o excesso de vapor que se condensa ao contacto do ar, espiralando, em leves flocos de prata. Ouve-se um silvo estridente, arrancado com alma áquellas guelas de ferro: é a elegia digna do ossudo avatar, seu predecessor em recovagens, aquelle famoso Rocinante em que caracolou imperterrito o Dom Cavalleiro da Triste-Figura.

Além, o Douro, o campo, a serra... que paizagem alegre, fresca, bem lavada e sã! Mas lá descemos já. O passeio fluvial é d'uma attracção irresistivel.

. . . .

Rio abaixo, o barco valboeiro, ora servido dos remos ora da vela, segundo a feição da maré e do vento, amarrou defronte de Gramido, celebre pela convenção que alli firmaram o duque de Loulé, em nome da junta do Porto, e o general Concha, marquez del Duero, em nome dos alliados. A tanto obrigou a Patuleia, que foi preciso incommodar tanta gente: Portugal, a Hespanha e a Inglaterra!

O sitio é lindo. Cerradas a entrada e a sahida pela sinuosidade do rio, tem-se a deliciosa illusão de que se boia n'um lago azul. Os casaes da encosta, meio velados por vergeis em flôr e pelos carvalhos em que se enroscam vidonhos, alvejam ao sol, emquanto os frondosos choupos da orla tomam a fresca debruçando-se sobre o rio. Os versos de ouro de Camões occorrem involuntariamente:

> Para julgar difficil coisa fôra,
> No céo vendo, e na terra as mesmas côres,
> Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
> Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.

O enleio cresce, desembocando-se, mais abaixo, em frente do Areinho. Os olhos, indecisos, perturbados pela pompa e largueza do quadro, não sabem em que mais devam embeber-se. A paizagem, rica de tons, opulentada da variada verdura dos campos, mosqueia-se encantadoramente de alegres habitações, nas duas margens, e emmoldura-se em graciosas collinas que lhe fizeram reverencia, afastando-se. Porém, a Natureza, a supremamente bella, encontra aqui uma nota emotiva d'Arte, grandiosa, esplendida, que a perlustra e esmalta. É a ponte Maria Pia, exhibindo na majestosa simplicidade das suas linhas um attestado irrecusavel de altissimo engenho humano.

Este robusto specimen de construcções de ferro alteia-se sobre a corrente impetuosa do Douro na garganta do velho Seminario, encurvando-se n'um arco muito elegante, aguçado em cutello, na base. Esta assenta em solidos encontros de granito entalhados na rocha. D'estes encontros sobem dois pilares que medem a maxima altura de 42^m,93. Outros pilares, dois nascidos do arco e os demais firmados no terreno adjacente, procuram o nivel dos primeiros e sobre todos corre a plataforma ligada com os carris e a cortina, na extensão total de 352^m,87. A altura dos carris acima do nivel do mar é de 61^m,28.

A obra, principiada em 1876, foi inaugurada com grandes festas a 4 de novembro de 1877. Tiveram parte n'ella Mrs. Eiffel & C.ª, auctores do projecto e constructores; T. Seyrig e W. Diou, collaboradores; Pedro Ignacio Lopes, engenheiro-chefe da construcção; Manoel Affonso Espregueira, director da Companhia. A feliz execução d'estes trabalhos foi como um assentar de mão para o plano e execução d'outra construcção gigantesca, a Torre Eiffel, que veiu depois e deante da qual ajoelhava o mundo inteiro, admirado, na Exposição Universal de Paris, em 1889.

A nossa ponte Maria Pia, menos batida dos ventos da celebridade, não é menos admiravel, comtudo. Vista no seu aspecto pictural, esbelta e leve, dirieis, não já que a conceberam e a realisaram sabios illustres á força de calculo, de exacta ponderação da materia, senão que a phantasiou um rajah volun-

la voile ou à la rame, selon le vent et la marée, et va mouiller en face de Gramido, endroit célèbre par la convention signée par le duc de Loulé, au nom de la Junte de Porto, et le général Concha, marquis del Duero, au nom des alliés, à la suite de la dernière guerre civile qui a troublé le pays. Il a fallu, pour en finir, déranger l'Espagne et l'Angleterre!

Le site, d'une beauté exquise, nous fait l'effet d'un lac, dont la surface cristalline réfléchit les vergers fleuris du rivage, les hameaux souriant sous l'ombre des chênes où s'enlace la vigne, et la longue file des peupliers touffus se penchant sur l'eau calme. Les vers de Camoëns nous chantent alors dans l'oreille:

> Para julgar difficil coisa fôra,
> No céo vendo, e na terra as mesmas côres,
> Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
> Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.

Plus loin, vers l'Areinho, c'est le ravissement; la vue se trouble par tant de splendeurs. Sur les tons riches de la campagne, harmonieusement fondus, se détachent, à l'une et l'autre rive, de riantes maisons de campagne; et l'on dirait que les côteaux, eux-mêmes, pour encadrer un si joli coin de terre, se sont gracieusement écartés et font la révérence.

Dans le décor de cette nature admirable, le pont Maria Pia atteste par la majestueuse simplicité de ses lignes les ressources puissantes du génie de l'homme.

Cette superbe construction métallique, jetée sur la gorge profonde que couronnent les ruines du vieux Séminaire, appartient à la ligne du Nord. L'arc hardi de la travée centrale s'appuie sur de solides culées assises sur les rochers des deux rives; les plus hauts piliers s'élèvent à 42^m,93. L'extension totale du pont est de 352^m,87; la voie court à 61^m,28 sur le niveau de la mer.

Les travaux, inaugurés en 1876, ont pris fin le 4 novembre de l'année suivante, par des fêtes éclatantes.

À la maison Eiffel & Cie revient l'honneur d'avoir conçu et fait exécuter le pont Maria Pia. MM. T. Seyrig et W. Diou, d'un côté, de l'autre les ingénieurs portugais MM. Pedro Ignacio Lopes, directeur des travaux, et Manuel Affonso Espregueira, directeur de la Compagnie, ont prêté un heureux concours à cette œuvre remarquable, d'initiative toute française qui, précédant celle de la Tour Eiffel, peut être regardée comme l'essai de l'entreprise grandiose que le monde entier devrait admirer plus tard, à Paris.

Quoique moins connu, le pont Maria Pia n'est pas toutefois moins digne d'admiration. C'est surtout la ligne légère et élégante de l'arc qui frappe d'abord l'œil distrait du passant. On dirait à le voir, si léger et gracieux, une construction idéale en osier ou en bambou, comme en aurait pu rêver, pour la décoration de ses jardins, la fantaisie de quelque rajah millionnaire. Chaque jour, cependant, son extrême solidité est mise à l'épreuve par le passage de lourds trains qui transportent des villes entières au souffle haletant des locomotives.

Poursuivons à présent notre promenade fluviale. Aussitôt l'arc franchi, nous voici en face du pont Louis I, qui reproduit dans ses lignes principales l'ouvrage antérieur, sauf la présence d'un deuxième tablier inférieur destiné, de même que le premier, au service de communication ordinaire des deux rives.

L'arc du pont Louis I est formé de deux courbes paraboliques, écartées de 17^m,80 à la base et de 7^m,70 à la clef; la corde est de 172^m,0 et la flèche de 44^m,60.

Les deux grands piliers qui supportent le tablier supérieur s'appuient sur deux massifs de maçonnerie où prennent naissance les deux branches de l'arc; ils sont percés de deux larges portes qui desservent le tablier inférieur.

Le tablier supérieur s'appuie, du côté de Villa Nova de Gaya, sur une culée en pierre de taille et sur un pilier en fer, tandis que, du côté de Porto, le rattachement se fait sur deux piliers et une forte culée. De chaque côté du tablier supérieur descendent quatre hausses qui soutiennent le tablier inférieur; elles sont reliées à l'arc.

Les travaux, adjugés par 369 contos de reis (environ 2.050:000 frcs.) à la *Société de Construction Willebroeck*, ont été menés sous la direction de M. A. Maury. Le premier projet est dû à M. J. J. Mattos et le projet définitif à M. Seyrig, qui avait déjà collaboré, avec M. G. Eiffel, au projet du pont Maria Pia.

tarioso e a mandou construir assim, de bambu ou vime fragil, para decoração garrida dos seus jardins. No emtanto, é olhar como ella, possante, se atreve com o peso e a tracção d'essas pequenas cidades ambulantes que deslisam, noite e dia, sobre os seus carris, a reboque das pulsações offegantes do vapor!

E agora, rio abaixo, de novo, no rythmo cadencioso dos remos. Transposto o vão do arco, lá se nos depara a juzante a ponte Luiz I, de dois taboleiros. Esta é a irmã mais nova e mais robusta da que deixamos atraz, ou, mais propriamente, uma reedição ampliada e accommodada á sua differente serventia, a viação ordinaria. O arco mede de corda 172^{m},0 e de flexa 44^{m},60, e é formado de duas curvas parabolicas, divergentes. A altura entre as duas linhas, no nascimento das curvas é de 17^{m},80 e no fecho de 7^{m},70. Os encontros do arco, de cantaria, servem tambem de base dos pilares que sustentam o taboleiro superior nos extremos do arco.

O taboleiro inferior apoia-se do lado de Villa Nova de Gaya, n'um encontro de cantaria e n'um pilar de rotula de ferro com base de cantaria; do lado do Porto, em dois pilares e um encontro de cantaria. Descem do taboleiro superior quatro alças por lado e são ellas que, ligadas ao arco, suspendem o taboleiro inferior.

A obra monumental, adjudicada por 369:000$000 reis á *Société de Construction Willebroeck*, foi dirigida por Mr. A. Maury. O ante-projecto é do snr. J. J. de Mattos e o projecto definitivo de Mr. Th. Seyrig, collaborador de Mr. G. Eiffel, no projecto da outra ponte.

Inaugurou-se com grande solemnidade a 31 de outubro de 1886. Os corações em festa no presentimento alacre e inconsciente d'um alto phenomeno social. Lá se encurvava segunda vez o arco iris, metalisado, a remirar-se no estuario do Douro. Eil-o, o inicio feliz da nova idade de ferro a serviço das artes de paz!

Palacio da Bolsa. A Escadaria

O sumptuoso palacio da praça do Infante D. Henrique exteriorisa, em certo modo, a importancia consideravel da praça do Porto, e tambem a largueza de funcções sociaes e publicas que tem sobre si a illustre collectividade que a representa.

Entre a Associação Commercial e o vasto edificio em que ella tem assento ha a estreita connexão e correlação de causa e effeito. Não é bem que separemos coisas tão conjunctas nas notas que tão breve espaço nos permitte consagrar-lhes.

A Associação foi fundada em 24 de dezembro de 1834 sob *Compromisso* ou *Regimento* d'essa data, revogado pelo *Estatuto* em vigor, o qual teve approvação por decreto de fevereiro de 1870. Além dos fins que lhe são proprios, como seja promover o fomento do commercio e propugnar pelos seus justos interesses, a Associação tem outras attribuições, muito amplas, a saber: a administração das obras da Bolsa e Tribunal do Commercio, das obras de melhoramento da barra do Douro, e das obras de construcção da estação de saude e posto de desinfecção em Leixões, que lhe foram commettidas successivamente por leis de 19 de junho de 1841, de 29 de outubro de 1891 e de 8 de outubro de 1900. Todas estas obras são custeadas pelo rendimento de impostos diversos sobre o commercio de importação e exportação que a Associação Commercial arrecada e administra.

Exerce ainda, de motu proprio e espontanea deliberação, funcções de assistencia publica, e assim contribue com um forte subsidio annual para o Asylo de Mendicidade e para os Soccorros a Naufragos. Creou tambem um fundo especial para acudir pecuniariamente ás victimas do trabalho no commercio e navegação.

A Escóla elementar de commercio fundou-a de iniciativa sua. O governo adoptou-a, depois, integrando-a no quadro geral do ensino commercial e industrial. Á Associação ficou o encargo de dar casa, luz e pessoal menor, e a faculdade de estabelecer, querendo, á sua custa, cadeiras de inglez e allemão. A de inglez está creada e funcciona já.

O palacio da Bolsa, emfim, é merito seu, rutilantissimo, compartido por toda a praça do Porto. Com o proposito de crear receita para a obra, celebrou-se, a convite da Associação, uma reunião magna da classe e alli se votou uma tabella creando um imposto especial sobre todas as mercadorias que transitassem pela alfandega da cidade. Ora isto succedia dois annos antes de promulgadas as cartas de lei que concediam as ruinas do mosteiro de S. Francisco e auctorisavam a cobrança d'esse imposto.

A traça da obra, estylo neo-classico, procurou fundir n'um todo harmonico o que se fez de novo,

L'inauguration solennelle eut lieu le 31 octobre 1886, à la grande joie de ces braves gens de Porto, qui voyaient resplendir de nouveau l'arc-en-ciel sur les eaux du Douro, annonçant l'heureux avénement d'un nouvel âge de fer destiné à assurer la paix du monde.

La Bourse — Le grand escalier

Le somptueux palais de la place de l'Infant D. Henri définit, en quelque sorte, l'importance considérable du marché de Porto et le rôle prépondérant de son commerce.

Il y a des rapports si intimes entre l'Association Commerciale et le vaste édifice où elle siége, que nous sommes tenus de les envisager du même coup-d'œil, dans la courte notice qu'il nous est permis de leur consacrer.

Fondée le 24 septembre 1834, sous un *Règlement* révoqué plus tard par le *Statut* actuellement en vigueur, à la suite de l'arrêté de février 1870, l'Association Commerciale de Porto joint à son but principal, l'encouragement et la défense du commerce, une foule d'autres attributions telles que l'administration des travaux de la Bourse et du Tribunal de Commerce; celle des travaux de la barre de Porto, ainsi que ceux du bureau de santé et du poste de désinfection à Leixões. Tous ces travaux, dont la direction lui a été successivement confiée par les lois du 19 juin 1841, du 29 octobre 1891 et du 8 octobre 1900, sont défrayés par le revenu d'impôts spéciaux qui frappent le commerce d'importation et d'exportation, et dont l'administration est à la charge de l'Association Commerciale.

Elle concourt encore, pour une large part, à l'assistance publique, en déboursant des sommes annuelles considérables en faveur de l'Asyle de Mendicité et de la Société de Sauvetage; on lui doit encore un fonds spécial destiné aux victimes du travail dans le commerce et la navigation.

C'est encore l'Association Commerciale qui fonda l'École élémentaire de Commerce, et en fait les frais de logement, d'éclairage et du personnel inférieur; le gouvernement l'incorpora dans le cadre de l'enseignement officiel, en lui laissant à charge d'entretenir des cours d'anglais et d'allemand. Enfin, l'honneur d'avoir bâti l'édifice de la Bourse revient tout entier à l'Association Commerciale et aux commerçants de Porto. Dans le but de pourvoir aux dépenses considérables nécessaires à la construction, l'Association offrit de payer un impôt spécial sur toute marchandise transitant par la douane de Porto. Cette décision précéda de deux années celle du gouvernement qui autorisait le recouvrement de l'impôt sus-dit, et faisait don des ruines du monastère de St. François, sur lesquelles est érigé l'édifice de la Bourse.

Quant au style, on pourrait l'appeller néo-classique, puisque l'on a cherché à combiner savamment la partie nouvelle, c'est-à-dire, les façades et les vestibules, avec l'ancien cloître, devenu la *Cour des Nations*.

Le cloître montre encore, sous une couverture métallique d'un goût très moderne, des pilastres lisses, des arcs en plein cintre et des voûtes d'arêtes, témoignant d'une origine eloignée, qui est cependant de beaucoup dépassée par celle du temple à côté, surnommé l'*Église dorée*. C'est un pâle reflet de la magnificence des bâtiments de D. Jean V, le roi qui a su dresser une ville au sein d'une village (Mafra). De là le ton général somptueux et froid, quoique élégant, de la construction.

La direction des travaux ayant été partagée par plusieurs architectes [1], l'esprit éclectique, très dispersif, est venu troubler la décoration. Il faut ne jamais perdre de vue que la Bourse de Porto n'est nullement un édifice à style défini et classique, grec, ou greco-latin, ogival, ou *baroque*. Il réunit cependant une foule de motifs précieux éparpillés dans les beaux monuments du pays, ce qui ne fait pas un de ses moindres attraits.

Nous citerons la salle des Assemblées Générales, d'un effet tout-à-fait agréable. La décoration sévère et sobre rappelle à l'imagination un morceau de l'art grec, rendu par un fort tempérament flamand. Le salon d'honneur, quelle aimable surprise! On dirait que l'âme en peine de quelque sultane

---

[1] Pas moins de cinq jusqu'ici: MM. Costa Lima, professeur à l'Académie de Beaux-Arts, de Porto; Gustave de Sousa et J. de Macedo, ingénieurs; Soller et Joel, architectes.

isto é, as fachadas e os vestibulos, com o que se conservou do antigo, isto é, a crasta, transformada hoje na praça mercantil com o nome de Pateo das Nações. A crasta, quadrangular, com cobertura metallica, modernissima, apresenta, comtudo, nas pilastras lisas, arcos de volta perfeita e abobadas artezoadas a sua certidão de idade que não remonta aos tempos da *Egreja d'Ouro*. É um reflexo apagado da magnificencia com que D. João v mettia uma cidade dentro da villa de Mafra. D'ahi o tom geral, ostentoso e frio, sim, mas elegante que, da crasta, passou a todo o edificio.

Depois, com a mudança de architecto [1] veiu o espirito eclectico ou de dispersão, na parte decorativa. Decerto que não ha de pedir-se ao palacio da Bolsa a forte envergadura, pura e integra, dos archetypos que se nutriram do bom sangue classico, grego ou greco-latino, nem ainda do ogival ou do *baroco*. Já não é mau de todo vêr enthesouradas preciosidades e primores que andam dispersos por tantos monumentos, e aqui se reunem com profusão e riqueza de quem tivesse ainda hoje a visita das famosas naus das Indias.

É agradavel a impressão que se recebe, por exemplo, na sala dos assembleias geraes. Decoração severa e sobria, suggerindo a ideia da arte grega traduzida por um forte temperamento flamengo. Adeante, outra amavel surpreza, a arte arabe. Dil-a-ieis a transmigração de alguma alma penada de sultana fugida dos harens de Granada e que viesse a enfeitiçar-nos nas phosphorescencias polychromicas do salão mourisco.

Á fé, que maior maravilha nos aguarda na escada monumental que leva da crasta ao pavimento nobre. Apesar da estreiteza do espaço, ella levanta-se donairosamente n'um primeiro lanço central que termina, a meia altura, n'um patim d'onde partem dois lanços lateraes. Chegados ao patamar, uma paralysação de assombro invade-nos. Estão revestidas de marmore as paredes, mas as pilastras e cornijas, de granito azulado, porphyroide, engalanam-se n'uma efflorescencia de ornatos tão bellos, tão delicados, d'um tão paciente e tão estranho labor, que mais parecem talhados n'uma substancia plastica, ainda molle, que não lavrados a escopro e cinzel em pedra rebelde e friavel. Um trabalho de tanto primor, a flora e a fauna enlaçadas com a heraldica, nas armas das principaes cidades portuguezas, vem disputar victoriosamente, pela singularidade e pela belleza, a admiração que nacionaes e estrangeiros votam com justo motivo a essa extraordinaria talha em madeira que se ostenta alli, paredes meias, na incomparavel *Egreja d'Ouro*. Que enlevo de olhos e que fascinação de espirito — dizia-nos ha pouco um amigo — se em vez d'um trecho de indizivel encanto, tinhamos assim um vasto edificio!

Seja-nos facil consolação, entretanto, que não se riscam e se executam todos os dias poemas immortaes de pedra. Cabe-nos a boa sorte de ter dois, o da nossa independencia na Batalha e o da grande navegação portugueza nos Jeronymos de Belem. A musa, aguia então, desferindo o vôo das altivas concepções, abate-se em horas de desfallecimento ao papel de frio copista. Ainda bem que, no palacio da Bolsa, não arrasta a alva clamyde. A obra tem grandeza e riqueza. Vale como manifestação de Arte, mais ainda como attestado de aptidão excepcional do nosso operario, e tambem, e sobretudo, como padrão da rasgada iniciativa do commercio portuense que, para realisal-a, a si proprio se fintou.

Nobre exemplo de civismo que se perpetúa n'um monumento grandioso, digno da ideia que o alicerceou no coração dos commerciantes, antes de o fundar a peso de ouro nas ruinas d'um convento.

João d'Oliveira Ramos.

[1] Sommam cinco até ao presente: Costa Lima, professor da Academia Portuense de Bellas-Artes, os engenheiros Gustavo de Sousa e J. de Macedo, e os architectos Soller e Joel.

échappée des harems de Grenade est venue nous ensorceler sous les phosphorescences polychromes de ce salon mauresque.

Mais c'est surtout le grand escalier qui nous saisit d'admiration. Malgré l'étroitesse de la cage, il s'élance gracieusement vers un palier, d'où s'élevent, à leur tour, deux rampes latérales, conduisant au premier étage. Les murs du palier sont revêtus de marbre, et l'on dirait, à voir ses pilastres et corniches, patiemment taillées dans du granit azuré, porphyroïde, qu'elles ont été moulées dans quelque substance plastique, tellement c'est souple, en même temps que plein de richesse et de variété. Autour des écussons des villes du Portugal s'enlacent artistiquement des sujets de la flore et de la faune, en d'admirables ciselures qui excitent l'admiration des visiteurs, nationaux ou étrangers, attirés par les merveilleuses et célèbres sculptures en bois de l'incomparable *Église dorée*. La belle chose — nous disait dernièrement quelqu'un — que le monument qui se dresserait à la place de celui-ci, entièrement exécuté dans le genre de ce charmant morceau!

Hélas! On ne fait pas tous les jours des monuments impérissables! Que le monastère de Batalha, évocateur de notre indépendance, et celui des Hiéronymites, rappellant le souvenir de nos navigateurs, suffisent à nous consoler. Les vastes conceptions du génie d'antan ne se renouvelleront plus. Qu'importe! Vous trouverez encore au palais de la Bourse de quoi l'ennoblir: de la grandeur et de la richesse. Cette construction atteste, en outre, le mérite exceptionnel des artistes portugais et l'initiative féconde et désintéressée des commerçants de Porto.

Noble exemple de vertu civique que ce monument érigé dans le cœur des gens, avant de l'avoir été, à poids d'or, sur les ruines d'un monastère.

João d'Oliveira Ramos.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Vista geral

PORTO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cia EDITORES

Ponte Maria Pia

PORTO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ia - EDITORES

Edificio da Bolsa

Absíde da Egreja de S. Francisco

PORTO

Monumento do Infante D. Henrique



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Entrada do andar nobre no edificio da Bolsa

PORTO

Vianna do Castello



Na provincia do Minho, pelo sopé do monte de Santa Luzia, onde desemboca o rio Lima, tão cantado pelo poeta Diogo Bernardes, estende-se uma risonha povoação, que apesar de não ter grandes atavios architecturaes, é o encanto de quantos a visitam.

Fundada em 1258 pelo conde de Bolonha, os privilegios, a situação geographica e sobretudo o genio aventureiro de seus habitantes tornaram Vianna tres seculos mais tarde uma importante villa: dezenas de navios e numerosos barcos de pesca lhe enchiam o porto, e mercadores de varias nacionalidades lhe affluiam á procura dos generos coloniaes.

As jornadas de Africa e as emprezas maritimas crearam animo nos moradores da foz do Lima para mais largos commettimentos; depois de ajudarem a descoberta do Congo vão disputar aos biscainhos e francezes a posse da Ilha da Terra Nova dos Bacalhaus; Diogo Alvares Correia, o *Caramurú*, Pedro do Campo Tourinho, Bento Maciel Parente demandam as costas do Brazil e povoam aquellas desconhecidas paragens; a gente viannense tomou grande parte na recuperação da Bahia em 1638 contra os hollandezes.

A febre da emigração para a America do Sul continuou até hoje, levando-nos annualmente milhares de braços, e constituindo por vezes um perigo para a nossa agricultura.

Pela barra da foz do Lima entravam todos os annos muitos milhares de kilogrammas de bacalhau do Banco, que tornavam a ser exportados com outras mercadorias para Dunquerque, Ruão, Calais, Amsterdam, Hamburgo, Veneza e outros portos do Mediterraneo.

De Vianna, de Aveiro e do Algarve sahiam á pescaria da Terra Nova a média annual de mais de cem caravellas.

Com as differenças politicas e religiosas, este trato foi faltando, pois o principal era o de Flandres, França e Inglaterra, onde os nossos naturaes faziam, no seculo XVI, duas ou tres viagens ao anno; sómente lhes restou o commercio com a America, mas de dez navios metade não escapavam aos corsarios, que andavam tantos e tão solicitos que vinham apresar sobre a nossa barra as ricas carregações, chegando mesmo os francezes, em 1574, a accommetter a entrada do porto de Vianna, tentando desembarcar.

Crescendo em riqueza e população a villa dilatou-se pelos arrabaldes, e a casaria abafou o pequeno recinto fortificado; levantaram-se espaçosos conventos, ricos templos, palacios brazonados, amplos quarteis, extensos caes alinhados e uma magnifica fortaleza para defender a barra.

Porém desde o seculo XVIII com o assoriamento do rio e restricção do despacho aduaneiro, e finalmente com a separação do Brazil o commercio viannense esmoreceu, e em breve a navegação ficou restricta á cabotagem; hoje apenas uma duzia de embarcações estrangeiras, inglezas ou suecas, nos trazem o bacalhau do Banco e o pescado nas costas da Noruega, e incidentemente o petroleo, carvão de pedra e o trigo americano.

É certo que n'estes ultimos annos se melhorou o porto, encanando o rio, e construindo uma boa doka, que offerece seguro ancoradouro, sendo sob o ponto de vista technico a melhor do reino.

Vianna tem outras construcções que merecem a attenção do viajante: apontaremos a estação do caminho de ferro, a ponte sobre o rio Lima, o theatro Sá de Miranda, o hotel Moraes em Santa Luzia, o novo edificio do hospital da Caridade, a fortaleza da barra, a matriz, a casa da camara, as varandas da Misericordia, o palacio dos viscondes da Carreira, e algumas outras casas particulares que ainda conservam os primores da architectura manuelina, recordando aquelles tempos aureos, que não mais volvem.

*

*   *

Relatemos uma nossa lenda maritima do seculo XVI.

A tradição concedeu os fóros de heroe a Pero Gallego, cujos feitos se têm ido deturpando em favor do viannense.

Vianna do Castello



Dans la province du Minho, au pied du mont de Santa Luzia tout près de l'embouchure du Lima, tant chanté par le poète Diogo Bernardes, s'étend un riant bourg, qui ravit le voyageur malgré le peu d'intérêt de ses ornements architecturaux.

Fondé en 1258, par le comte de Bolonha, les privilèges, la situation géographique et surtout le génie aventurier de ses habitants, firent de Vianna, trois siècles plus tard, une ville importante. Des dizaines de bâteaux et de nombreuses barques de pêche emplissaient ses ports, et des marchands de nationalités diverses y affluaient à la recherche des denrées coloniales.

Les voyages en Afrique et les tentatives maritimes encouragèrent les habitants de l'embouchure du Lima à se lancer dans de plus grandes entreprises. Après avoir aidé à la découverte du Congo, ils vont disputer aux biscaiens et aux français la possession de l'Ile de Terre Neuve. Diogo Alvares Correia, le *Caramurú*, Pedro do Campo Tourinho, Bento Maciel Parente demandent les côtes du Brésil et peuplent ces parages inconnus; les habitants de Vianna prennent une grande part à la récupération de Bahia contre les hollandais en 1638.

La fièvre de l'emigration pour l'Amérique du Sud continue jusqu'à nos jours, nous enlevant annuellement des milliers de bras, et constituant, parfois, un péril pour notre agriculture.

Chaque année, entraient à l'embouchure du Lima, des milliers de kilogrammes de morue provenant du Banc de Terre Neuve, qui étaient réexpédiés, avec d'autres marchandises, à Dunkerque, Rouen, Calais, Amsterdam, Hambourg, Venize et autres ports de la Méditerranée. Une flotille de pêche, composée de plus de cent caravelles, partait, tous les ans, de Vianna, d'Aveiro et de l'Algarve pour Terre Neuve. Par suite de différends politiques et religieux, ce commerce prit fin, car c'était principalement en Flandre, en France et en Angleterre, que nos naturels faisaient, au XVIe siècle, deux ou trois voyages par an; seul, le commerce avec l'Amérique, leur resta. Mais de dix navires, plus de la moitié tombait aux mains des corsaires qui étaient si nombreux et si audacieux, qu'ils venaient saisir jusque dans notre port les riches cargaisons. En 1754, les français allèrent même jusqu'à attaquer l'entrée du port de Vianna et essayèrent de débarquer.

Croissant en richesse et en population, la ville s'étendit jusque dans les faubourgs, et l'agglomération des maisons étouffa la petite enceinte fortifiée. On construisit d'immenses couvents, de riches églises, des palais blasonnés, de vastes casernes, de spacieux quais en ligne droite et une magnifique forteresse pour défendre l'entrée du port.

Cependant, dès le XVIIIe siècle, par suite de l'amoncellement du sable dans le fleuve, de la diminution des rendements douaniers et finalement de la séparation du Brésil, le commerce de Vianna périclita, et bientôt, la navigation se réduisit au cabotage. C'est à peine si, aujourd'hui, une douzaine de bâtiments étrangers, anglais ou suédois, nous apportent la morue du Banc de Terre Neuve, le poisson des côtes de Norvège, et, incidemment, le pétrole, la houille et le blé américain. Il est vrai, que, dans ces dernières années, le port s'est amelioré par la canalisation du fleuve et la construction d'un bon dock, offrant un ancrage sûr, et qui est, sous le rapport technique, le meilleur du royaume.

Vianna a d'autres constructions qui méritent d'attirer l'attention du voyageur. Nous mentionnerons la gare, le pont sur le Lima, le théâtre Sá de Miranda, l'hôtel Moraes, à Santa Luzia, la nouvelle bâtisse de l'hôpital de la Charité, la forteresse à l'entrée du port, la mère-église, l'hôtel-de-ville, la terrasse de la Miséricorde, le palais des vicomtes de Carreira et quelques autres maisons qui conservent encore les beautés de l'architecture *manuelina*, et rappellent cette période dorée, qui ne reviendra plus.

*

*   *

Nous allons maintenant raconter une de nos légendes maritimes du XVIe siècle.

La tradition a accordé le titre de héros à Pero Gallego, dont les exploits se sont peu-à-peu dénaturés en faveur des viannois.

O douto escriptor Ignacio de Vilhena Barbosa reduziu a romance as aventuras colhidas de ouvida, publicando em maio de 1869 uma curiosa monographia em folhetins do *Commercio do Porto*.

Pero Gallego, de origem limpa, moço e destemido, depois de militar na Africa, apertado pelas saudades, recolheu á patria, onde se achava de visita uma formosa dama, de nobilissima estirpe, D. Joanna de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Távora e de D. Filippa de Vilhena.

O fidalgo do Mogadouro tinha embarcado no afamado galeão Botafogo para a tomada de Tunis; pelo que sua esposa visitou mais a miudo o seu lindo palacio de Vianna, na rua da Carreira, e defronte do convento de freiras de Sant'Anna, que havia sido construido pouco antes.

Quando em 1546 Pero travou aqui relações com D. Joanna, ostentava ella todos os encantos da mocidade, a que lhe dava relevo a sua peregrina formosura; assim logo ficaram ambos enamorados um do outro.

Não podia consentir a prosapia dos Távoras n'estes desiguaes amores, e não querendo vêr maculada a honra d'uma descendente dos reis de Leão, oppôz-se a familia a que continuassem.

O viannez desesperado cuida em buscar allivio á sua paixão nos perigos do mar e nos azares dos combates; e com trinta valorosos mancebos occultamente armou em côrso uma caravella, com quatro peças de ferro e alguns arcabuzes e munições, e n'uma escura noite de abril de 1547 se fazem ao largo.

Favoreceu-os logo a sorte, pois toparam com uma galé argelina, de boa tonelagem e bem guarnecida; com a astucia e valor de seus braços conseguem assenhorear-se do pirata; aportaram ao Algarve a refazer-se dos damnos e curar os feridos, não tardando a sahir para as costas de Portugal e Hespanha, agora no veleiro navio com artilheria de bronze.

Durante dois annos Pero e os companheiros são o terror dos piratas, contando os seus triumphos pelo numero dos combates, tornando-se em breve ricos e audazes.

Ambicionava o joven Pero um feito de maior vulto, e entrando no Mediterraneo, espreitou os arredores da cidade branca de Argel, no intuito de atacar o proprio porto, asylo de todos os piratas, empreza que nem as famosas galeras dos cavalleiros de Malta ousavam tentar.

Estava prestes a realisar este arriscado commettimento, com prévia licença regia, quando uma tempestade obrigou o corsario portuguez a arribar á bahia de Cadiz, onde se achava a armada hespanhola de D. Pedro Navarro.

Por ignorancia ou proposito não saudou, conforme as praxes maritimas, o almirante, que pretendeu castigar o atrevido hospede; mas a nau capitanea, quando se aproximava da galé, recebeu em cheio toda a artilheria portugueza, matando-lhe muita gente e ferindo o proprio D. Pedro Navarro. Antes que os hespanhoes volvessem do espanto, toma o mar alto, e receioso das reclamações diplomaticas aprôa ao Lima, vendendo o navio e licenceando os companheiros.

Má nova esperava o valente marinheiro; soube que, por instigações da mãe moribunda, D. Joanna promettera desposar D. Luiz de Athouguia.

Agora nem o oceano lhe offerecia asylo, e assim busca na religião remedio para tamanho mal, professando no mosteiro benedictino de Tibães.

D. João III, sob queixa do gabinete de Madrid, finge reprehender o corsario de Vianna, quando é certo que lhe offereceu honrosas mercês; porém o habito negro já lhe arrefecera os ardores juvenis e impetos guerreiros, encontrando-o insensivel ás coisas mundanas.

Nos annaes viannenses não encontramos documento algum sobre Pero Gallego, apenas se aponta uma casa typica do seculo XVI, sita na viella da Parenta, como sua residencia, e onde os seus contemporaneos mandaram gravar, entre as hombreiras, uma nau para perpetuar as suas glorias maritimas.

A façanha da bahia de Cadiz, não podia succeder com D. Pedro Navarro, pois havia fallecido vinte e sete annos antes de 1547.

Demais a casa da Carreira nunca pertenceu aos Távoras do Mogadouro; os Abreus Távoras de Vianna não descendem dos condes de Alvor, nem aparentados são com os Távoras da Pesqueira.

É certo que foi um homonymo d'aquelle Luiz Alvares de Távora que reedificou o palacete da rua de Sant'Anna, porém no começo do seculo XVIII; entre os dois Távoras medeiam quasi duzentos annos.

Para que o leitor d'*A Arte e a Natureza* possa devidamente apreciar as minudencias architectonicas da joia viannense apresentaremos a vista geral do palacio.

Le docte écrivain, Ignacio de Vilhena Barbosa, transforma en roman les aventures recueillies par la tradition, et publia en mai 1869, une curieuse monographie, sous forme de feuilleton, dans le *Commerce de Porto*.

Pero Gallego, d'origine sans tâche, jeune et intrépide, après avoir combattu en Afrique, pressé par la nostalgie, revint dans sa patrie, où se trouvait en visite une belle dame, de très noble extraction, D. Joanna de Vilhena, fille de Luiz Alvares de Tavora et de D. Filippa de Vilhena.

Le noble gentilhomme de Mogadouro s'était embarqué pour la prise de Tunis, sur le célèbre galion Botafogo, ce dont son épouse profita pour visiter plus souvent son charmant palais de Vianna, dans la rue de Carreira, en face du couvent des Sœurs de Ste Anne, qui avait été récemment construit.

Quand, en 1546, Pero lia connaissance avec D. Joanna, elle possédait tous les charmes de la jeunesse, que son extraordinaire beauté rendait encore plus éclatants. Incontinent, ils s'aimèrent.

L'orgueil des Tavoras ne put consentir à ce penchant d'une si grande inégalité, et ne voulant pas voir maculée l'honneur d'une descendante des rois de Leon, la famille s'y opposa.

Le viannois désespéré songe à chercher un soulagement à sa passion dans les périls de la mer et dans le hasard des combats; et, avec trente jeunes gens, il équipe occultement, pour la course, une caravelle, ayant quatre pièces de fer, quelques arquebuses, ainsi que des munitions et par une sombre nuit d'avril 1547, ils gagnent le large.

Le sort les favorisa de suite. Ils rencontrèrent une galère algérienne d'un bon tonnage et bien garnie; par la ruse et par la valeur de leurs bras, ils parvinrent à se rendre maîtres du pirate. Ils abordèrent à Algarve, pour réparer leurs dégâts et panser les blessés, mais ne tardèrent pas à partir pour les côtes du Portugal et de l'Espagne, cette fois, dans un voilier armé de pièces de bronze.

Pendant deux ans, Pero et ses compagnons sont la terreur des pirates, comptant les triomphes par le nombre des combats, devenant en peu de temps riches et audacieux.

Le jeune Pero ambitionnait un exploit plus éclatant et, entrand dans la Méditerranée, il observa attentivement les environs de la blanche ville d'Algers, en vue d'attaquer le port, asile de tous les pirates, entreprise que même les fameuses galères des chevaliers de Malte n'osaient tenter.

Il s'apprêtait à réaliser cette entreprise périlleuse, ayant au préalable obtenu une licence royale, quand une tempête obligea le corsaire portugais à relâcher dans la baie de Cadix où se trouvait la flotte espagnole de D. Pedro Navarro.

Par ignorance ou intentionnellement il s'abstint de saluer, selon les usages maritimes, l'amiral, qui prétendit châtier l'audacieux étranger. Mais lorsque la nef principale s'approcha de la galère, elle reçut en plein toute l'artillerie portugaise qui lui tua beaucoup de monde et blessa même D. Pedro Navarro. Avant que les espagnols fussent revenus de leur stupeur Pero gagne la haute mer, et, craignant les réclamations diplomatiques, met le cap sur le Lima, vend le navire et licencie ses compagnons.

Une mauvaise nouvelle attendait le vaillant marin: il apprit que sous les instances de sa mère mourante, D. Joanna avait promis d'épouser D. Luiz de Athouguia.

L'océan, maintenant, ne lui offrant plus d'asile, il chercha dans la religion, un remède, à une si grande douleur, et prononça ses vœux dans le monastère bénédictin de Tibães.

Sous les plaintes du cabinet de Madrid, D. João III feignit de réprimander le corsaire de Vianna, quand, au contraire, il est avéré qu'il lui offrit des titres honorables; mais le froc avait déjà calmé ses ardeurs juvéniles et sa fougue guerrière. Il était devenu insensible aux choses de ce monde.

Nous ne trouvons aucun document sur Pero Gallego dans les annales viannoises; c'est à peine si l'on indique, comme ayant été sa résidence, une maison typique du XVIe siècle, située dans la ruelle de Parenta, et où ses contemporains firent graver un navire, afin de perpétuer ses gloires maritimes.

La prouesse de la baie de Cadix n'a pu avoir lieu sous D. Pedro Navarro, puisqu'il mourut vingt-sept ans avant 1547.

De plus, la maison de Carreira n'appartint jamais aux Tavoras do Mogadouro; les Abreus Tavoras de Vianna ne descendent pas des comtes d'Alvor et ne sont pas même apparentés aux Tavoras de Pesqueira.

Il est vrai qu'un homonyme de ce Luiz Alvares de Tavora réédifia le petit palais de la rue de

*
* *

A estação do caminho de ferro occupa logar immediato á do Rocio de Lisboa, tornando-se recommendavel não só pelo gosto do seu delineamento geral, como pela mestria da execução de toda a obra, desde o trabalho no fino granito de Affife até aos rendados estuques e elegantes portadas em rica madeira de acajú. A sua construcção durou quatro annos, abrindo-se ao publico em 24 de março de 1882.

A ponte de ferro sobre o rio Lima contém dois taboleiros, o superior de *mac-adam* para carros e peões, e o de baixo para a linha ferrea do Porto a Valença, com 563 metros de extensão sobre 7 de largo, assentando sobre nove pilares de cantaria, tendo estes a profundidade *maxima* de 22 metros e a *minima* de 7^m,20.

O seu peso eleva-se a 2.062:432 kilogrammas, custando em 1878 á casa Eiffel de Paris 323 contos de reis, não incluindo os viaductos lateraes.

Como a villa fortificada distava um kilometro da foz do Lima, necessario era defender a barra: el-rei D. Manoel mandou alli levantar a torre da *Roquêta,* que D. Sebastião em 1567 cercou de muralhas, e por fim D. Filippe I de Portugal ampliou em grande castello, abaluartado successivamente nas reformas de 1652, 1694 e 1793.

A guarnição hespanhola capitulou com honra em 1640, sustentando-se durante vinte dias; nas luctas civis de 1846 e 1847 soffreu dois cêrcos, mas no ultimo os sitiados, faltos de gente e de viveres, e receosos do resultado, uma noite abandonaram a fortaleza, deixando alguns dos seus partidarios á mercê dos contrarios, e só poderam ser salvos pela dedicação do clero.

A munificencia regia houve por bem elevar a *mui notavel villa* em *cidade,* com o designativo de Vianna — *do Castello* — .

*
* *

No topo oriental da praça da Rainha, a principal de Vianna, vemos um vetusto edificio de cantaria com seus arcos ogivaes e corôa de ameias; aqui se alojam os paços do concelho e a cadeia comarcã; construido nos primeiros annos do seculo XVI tem passado por transformações pouco em harmonia com o estylo primitivo, como facilmente nol-o indica a nossa primeira phototypia.

O emblema heraldico do municipio compõe-se de um escudo com o campo de prata e n'elle uma nau de ouro, navegando em mar azul, tendo na vela grande as quinas portuguezas; uma corôa ducal timbrada com a esphera armilar rematada pela cruz de Christo completa o brazão viannense.

O chafariz fronteiro á camara, feito em 1554 pelo mestre de pedraria João Lopes, o velho, serviu de modelo aos demais que se levantaram pela provincia; fornece ao publico fresca e limpida agua, que jorra dia e noite das suas elevadas taças. As pyramides do varandim do tanque postas em 1859 estão a pedir immediata substituição.

*
* *

Proximo da camara e do chafariz, no recanto septentrional da praça, fazendo face ás ruas Manoel d'Espergueira e Bandeira, rasgam-se umas vistosas varandas da Renascença, gosto flamengo, do anno de 1589, cujos algarismos se distinguem em cada um dos cartões, que se abrem no saial dos quatro atlantes que sustentam o andar superior.

Deve-se ao cinzel de João Lopes, o Moço, filho do canteiro do chafariz, o trabalho d'esta singular fachada do hospital da Misericordia, tão ornamentada de medalhões com bustos ao natural, como o affirma a tradição.

O brazão da Santa Casa que encima o arco central data da reforma do primeiro quartel do seculo XVIII.

A magnifica phototypia que tão nitidamente releva todas as minucias esculpturaes d'esta bella obra, unica que conhecemos no paiz, dispensa-nos mais longa descripção.

Ste Anne, mais plus tard, au commencement du XVIIIe siècle. Entre les deux Tavora, il y a un laps de presque deux cents ans.

Afin que le lecteur d'*A Arte e a Natureza* puisse dûment apprécier les détails du bijou viannois, nous lui présentons la vue générale du palais.

*
* *

La gare prend le premier rang après celle du Rocio de Lisbonne, se recommandant non seulement par son tracé général, mais encore par l'habile exécution de tout l'édifice, depuis le travail dans le granit fin d'Affife, jusqu'aux stucs dentelés et aux élégantes portes en riche bois d'acajou. La construction en dura quatre ans et elle s'ouvrit au public le 24 mars 1882.

Le pont de fer sur le Lima a deux tabliers, le supérieur en macadam, destiné aux véhicules et aux piétons, et celui du bas, sur lequel passe la voie ferrée de Porto à Valence; il a 563 mètres de long, sur 7 de large et repose sur neuf piliers en pierres de taille dont la plus grande profondeur est de 22 mètres et la moindre de 7^m,20.

Son poids s'élève à 2.062:432 kilogrammes et il fut payé, en 1878, à la maison Eiffel de Paris, 323 contos de reis, non compris les viaductes latéraux.

Comme la ville fortifiée se trouvait à un kilomètre de l'embouchure du Lima, il était nécessaire de defendre l'entrée du port. Le roi D. Manuel y fit élever la tour de la *Roquêta* que D. Sebastien entoura de murailles en 1567, et que D. Filippe I de Portugal, transforma finalement en un grand château-fort, successivement fortifié dans les réformes de 1652, 1694 et 1793.

La garnison espagnole capitula avec honneur en 1640 après une résistance de vingt jours. Elle soutint deux sièges pendant les luttes civiles de 1846 et 1847; mais dans celui-ci, les assiégés, faute de monde et de vivres et se défiant du résultat, abandonnèrent, dans la nuit, la forteresse, laissant à la merci des adversaires quelques uns de leurs partisans qui durent leur salut au clergé.

Il plut à la munificence royale d'élever au rang de cité la très-notable ville sous le nom de Vianna-do-Castello.

*
* *

A l'extremité est de la place da *Rainha,* la principale de Vianna, se voit un vieil édifice en pierres de taille avec ses arcs en ogive et sa couronne de créneaux. Là se trouvent l'hôtel-de-ville et la prison locale. Construit dans les premières années du XVIe siècle, il a passé par des transformations peu en harmonie avec le style primitif, ainsi que nous le montre notre première phototypie.

La ville a comme emblême un écusson à champ d'argent dans lequel se voit un bâteau d'or navigant sur une mer d'azur et portant à la grande voile les armes portugaises. Une couronne ducale, surmontée de la sphère armillaire, terminée par la croix du Christ, complète le blason viannois.

La fontaine en face de la municipalité faite par l'habile maître maçon João Lopes, le vieux, servit de modèle à celles que postérieurement l'on éleva dans la province. Elle fournit au public une eau fraîche et limpide qui jaillit nuit et jour de ses bassins élevés. Les pyramides de la grille qui entoure la fontaine, mises en place en 1859, demandent à être remplacées sans retard.

*
* *

Près de la municipalité et de la fontaine, dans la partie nord de la place, faisant face aux rues Manuel d'Espergueira et Bandeira se voient quelques charmants balcons renaissance, du style flamand, de l'année 1589, dont les chiffres s'aperçoivent dans chacun des cartels au bas des quatre atlantes qui soutiennent l'étage supérieur.

Le travail de cette extraordinaire façade de l'hôpital de «Misericordia», ornée de bas-reliefs avec des bustes de grandeur naturelle, se doit, ainsi que l'affirme la tradition, au ciseau de João Lopez, le jeune, fils de l'auteur de la fontaine.

Le blason de la Sainte Maison, au dessus de l'arche principale, date de la réforme du premier quart du XVIIIe siècle.

*
* *

A matriz, egreja mais antiga de Vianna, ostenta ainda quasi intacto o seu frontispicio, em estylo romão, apesar de principiado no reinado de D. João I, mas já em transicção para o ogival.

Na portada principal as archivoltas são sustentadas por seis atlantes, os apostolos; os dois arcos internos guarnecidos de folhagem de acantho e de parra com seus cachos, outr'ora retocados a côres, apoiam um terceiro, o externo, adornado de anjos com os emblemas da paixão de Christo, cuja imagem apparece no fecho; aos cantos cherubins em adoração tocam tubas, chamando ao juizo final.

Os caixilhos do oculo ha muito que desappareceram.

As torres lateraes, do tempo de D. Affonso V, foram custeadas, a do norte pelo Bispo de Ceuta, o italiano D. Justo Baldino, governador da comarca ecclesiastica de Entre-Minho-e-Lima, e a do sul pela camara com ajuda do monarcha.

No interior do templo, depois do incendio de janeiro de 1806, tudo levou volta, restando os arcos das naves, e como testemunho da pristina grandeza as capellas do Sacramento, dos Mellos Pintos Alvins (Camaridos), dos Fagundes (Bretiandos), e dos Brandões.

Na capella dos Mareantes ha um precioso exemplar de galião do seculo XVI.

Mas ao darmos com os olhos nos rebôcos modernos e pinturas muraes invade-nos uma desagradavel impressão, que só se desvanece ao attentarmos n'um quadro da escóla flamenga sobre madeira ou na lapide dos mareantes.

*
* *

A quarta estampa apresenta a vista occidental de Vianna.

No primeiro plano apparece parte do campo d'Agonia e a praça de D. Fernando, onde está o palacete do bravo general da guerra peninsular Luiz do Rego Barreto, em cujo edificio funccionam actualmente as escólas Industrial e Districtal, e a estação telegrapho-postal; proximo está a egreja de S. Domingos com suas torrinhas, fundada em 1576 pelo famoso arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres que n'ella jaz.

Mais adeante alonga-se a povoação, do bairro da Ribeira ao da Bandeira, destacando-se as ruas pelo arvoredo dos quintaes; detraz corre o rio Lima, franqueado pela ponte de ferro, e a jusante a estacada que canalisa a corrente fluvial; no fundo recortam-se os montes de Róques e de Areosa, desde Geraz até Villa Franca, acabando ao poente pelo morro do Faro de Anha, onde alveja a importante freguezia de Darque.

No campo d'Agonia, tambem chamado *do Castello,* por este lhe ficar pelo meio dia, no pé do adro da egreja de Nossa Senhora d'aquella invocação, durante os dias 18, 19 e 20 de agosto, todos os annos se effectua uma feira concorrida por milhares de romeiros, que de toda a provincia e da Galliza affluem, e aproveitam a occasião para tomar alguns banhos do mar.

Vianna tem arredores que arrebatam, e jamais esquecem a quem uma vez os surprehendeu.

Hoje em dia trata-se de embellezar a montanha de Santa Luzia, mesmo sobranceira á cidade, d'onde se goza esplendida vista sobre o valle do Lima e para as extensas veigas de Areosa, que têm por limite a vastidão do oceano a perder-se na longa linha do horisonte.

Uma estrada de tres lacêtes dá facil accesso ao parque que circumda a ermida, e logo mais acima, em logar varrido de todos os ventos, está quasi concluido um grande edificio, destinado a hotel, e devido á generosidade do benemerito viannense Domingos José de Moraes.

Rematando podemos affirmar que a princeza do Lima não conhece rival na amenidade do sitio, na graciosidade de suas damas, na belleza de suas lavradeiras, e na lhaneza de seus habitantes, mas pesa sobre ella a fatalidade do destino.

L. de Figueiredo da Guerra.

La magnifique phototypie qui met si nettement en relief les détails de cette belle œuvre, unique dans le pays, nous dispense d'une plus longue description.

*
* *

La mère-église, le plus ancien temple de Vianna, montre encore, presque intacte, sa façade en style roman, bien qu'elle eût été commencée sous le règne de D. João I, mais où est déjà visible l'influence du style ogival. Les archivoltes de la porte principale sont supportées par six atlantes, représentant les apôtres. Les deux arches intérieures garnies de feuilles d'acanthe et de vigne avec des grappes autrefois colorées, soutiennent une troisième, extérieure, ornée d'anges avec les emblêmes de la passion du Christ, dont l'image apparait au sommet; dans les coins des chérubins, en adoration, jouent de la trompette, sonnant l'appel au jugement dernier.

Les encadrements de la rosace ont disparu depuis longtemps.

L'évêque de Ceuta, l'italien D. Justo Baldino, gouverneur du district ecclésiastique d'Entre-Minho-e-Lima, fit les frais des tours latérales, sous Alphonse V, et la municipalité aidée du monarque, supporta ceux de la tour du sud.

À la suite de l'incendie de janvier 1806, tout fut bouleversé à l'intérieur du temple qui ne conserve que les arches des nefs, et, comme preuve de l'ancienne magnificence, les chapelles du St. Sacrement, des Mellos Pintos Alvins (Camaridos), des Fagundes (Bretiandos) et des Brandões.

Il y a dans la chapelle des Mareantes, un excellent modèle de galion du XVI[e] siècle. Mais, lorsque nos yeux rencontrent les crépissures modernes et les peintures murales, nous éprouvons une sensation pénible qui se dissipe seulement à la vue d'un tableau sur bois, de l'école flamande ou de l'inscription des mareantes.

*
* *

La quatrième estampe représente la vue occidentale de Vianna.

On voit, au premier plan, une partie du champ d'Agonie et la place D. Fernando, où se trouve le petit palais du brave général de la guerre peninsulaire Luiz do Rego Barreto; on y a installé les écoles industrielles du district et le bureau des postes et télégraphes. Tout près est l'église S. Domingos, avec ses petites tours. Elle fut fondée par le fameux archevêque de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres qui y est enterré.

Plus loin s'étendent les quartiers de Ribeira et de Bandeira, dont les rues se dessinent entre les bosquets des jardins. Derrière coule le Lima, sur lequel est jeté le pont de fer, et, suivant le cours du fleuve on aperçoit l'estacade qui canalise le courant fluvial; au fond se découpent les montagnes de Roques et d'Areosa, depuis Géraz jusqu'à Villa Franca, se terminant à l'ouest par le tertre du Faro de Anha, où se détache l'importante paroisse de Darque.

Au champ d'Agonie, appelé aussi *do Castello* parce que celui-ci en occupe le côté sud, près du parvis de l'église de Notre Dame, comme sous cette appellation, il y a tous les ans, les 18, 19 et 20 août, une foire fréquentée par des milliers de pélerins, qui y affluent de toute la province ainsi que de la Gallicie, et qui profitent de l'occasion pour prendre quelques bains de mer.

Il y a à Vianna de charmants environs et ceux qui les ont une fois vus, ne les oublient jamais.

On travaille maintenant à embellir la montagne de Santa Luzia, qui domine la ville, et d'où l'on jouit d'une superbe vue sur la vallée du Lima et sur les vastes plaines d'Areosa qui ont pour limite l'immensité de l'océan. Une route, faisant trois lacets, donne un facile accès au parc qui entoure l'ermitage, et un peu plus haut, dans un endroit bien aéré, se trouve une grande construction presque achevée et destinée à être un hôtel. C'est à la générosité du digne viannois Domingos José de Moraes que l'on doit ces embellissements.

Nous pouvons affirmer en terminant que la princesse du Lima n'a pas de rivale pour le charme du site, la gracieuseté de ses dames, la beauté de ses paysannes et la franchise de ses habitants; mais le destin pèse fatalement sur elle.

L. de Figueiredo da Guerra.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral

VIANNA DO CASTELLO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Paços do Concelho e chafariz

VIANNA DO CASTELLO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.^A - EDITORES

Hospital da Misericordia

VIANNA DO CASTELLO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES

Egreja Matriz

VIANNA DO CASTELLO

Os costumes de Vianna



Todos appellidam o Minho — jardim de Portugal, e na verdade não ha região no nosso paiz que mais impressione o viajante do que esta provincia.

O seu sólo, de natureza granitica, é muito accidentado; os blocos que coroam as cumiadas ou rolaram para os valles, attestam ainda as temerosas convulsões do globo nos primeiros periodos.

N'uma situação excellente, onde os mananciaes de agua jorram de todos os cantos, não havendo logar que não possua uma fonte, e onde a vegetação não cessa nas montanhas, porque os pinheiraes, os soutos e as devezas cobrem as penedias das encostas. A fita branca dos muros das quintas orlam as estradas, e d'entre os tufos de verdura, cingidos pelas latadas, alvejam as casas que animam a paizagem contínua, porque todo o Minho é uma povoação constante; e apesar da diaria emigração que transborda para o Brazil, Hespanha e sul do reino, ainda assim persiste a mais populosa das nossas provincias.

O Minho, propriamente dito, compõe-se dos districtos administrativos de Braga e Vianna do Castello; este ultimo, porque está encravado entre a Galliza e o Atlantico, resente-se da visinhança: as nossas tradições provêm do oceano, ou conservam o cunho callaico; e os misteres usuaes do minhoto repartem-se entre a agricultura e a pesca.

Nos valles dos rios e na orla maritima estendem-se uberrimas veigas, sementadas alternadamente de milho ou centeio e de trigo, mas cujos processos de cultura, devido á propriedade achar-se retalhada em pequenos campos ou sub-dividida em minusculas *leiras*, são ainda os rotineiros.

Berço da nossa nacionalidade o Minho conserva as mais remotas tradições, praticando o primitivo culto pantheista da natureza; e por isso cada trabalho agricola é uma festa, e cada *romaria* uma manifestação das pristinas crenças de outras idades.

Devemos aos romanos, ou pelo menos effectuou-se durante o seu dominio na Hispania, a identificação da fórma pagã da idolatria, que impunemente vae atravessando o christianismo.

O nosso povo n'uma ignorancia ingenua, que lhe é particular, confunde religiões, ritos e superstições, transigindo successiva e apparentemente com o conquistador; do templo (*fanum*) e da mesquita fez uma egreja, da capella (*sacellum*) uma ermida; o altar substituiu a ara; o forno cinerario (*palumbarium*) converteu-se no sepulcro de tijolo, e depois no tumulo monolithico, como outr'ora; e onde se adorava um idolo, venera-se hoje um santo; as estatuas transformaram-se em imagens christãs, sem grande processo de formalidades, embora se pretenda inculcar o contrario.

A devoção d'esses sagrados padrões contínúa na corrente dos seculos!

N'este rincão occidental debateram-se diversas raças e tribus, mas havendo logar para todos, estabeleceram-se conforme a conveniencia do momento, e amalgamando-se sob o poder do mais forte, obedeceram aos gregos, phenicios, carthaginezes, desposando os aborigines a causa d'estes contra os romanos.

Com que pertinacia não luctaram os nossos antepassados contra as pérfidas tropas consulares, que durante tres seculos não cessaram de invadir a peninsula?

Estava ainda incompleta a romanisação da Iberia, quando despontaram nos Pyrineus as hordas dos barbaros. Foi então que nos adveio do fundo das florestas germanicas o espirito de liberdade, que as posteriores excursões dos *normandos* de ambas as margens do Rheno nos fomentaram na época das cruzadas; e a sua permanencia no condado portucalense, nos ajudaram a implantar a independencia nacional.

É ao genio aventureiro d'estes reis do mar que devemos a genese do gosto pela navegação, e n'elle fundamentamos as nossas audazes emprezas ultramarinas.

*
* *

No concelho de Vianna não ha outra industria rural que não seja a engorda do gado para exportação; a *lavoura*, como aqui chamam á agricultura, constitue a principal occupação do nosso povo campestre.

Usages et costumes de Vianna



On donne généralement le nom de jardin du Portugal à la province du Minho et cette désignation est amplement justifiée, car aucune autre région du pays ne saurait lui disputer l'attention du voyageur.

De nature granitique, le sol en est très montagneux et les blocs qui couronnent les sommets ou ont roulé jusqu'aux profondeurs des vallées évoquent les redoutables convulsions du globe pendant les premiers âges.

Admirablement située, les sources d'eau vive jaillissant de partout à chaque pas, le moindre hameau a sa fontaine; les sapinières, les bois touffus et les prairies couvrant les roches des coteaux, lui conservent une eternelle verdure.

La ligne blanche des murs des fermes borde les routes et, entre les bocages touffus qu'entourent les treilles de vigne, on aperçoit un peu partout les blanches maisons égayant le paysage, le Minho étant la province la plus populeuse du royaume en dépit de l'emigration constante pour le Brésil, pour l'Espagne et pour le sud du pays.

Le Minho, proprement dit, comprend les districts de Braga et de Vianna do Castello: celui-ci se ressent de la proximité de la Gallicie et de l'océan entre lesquels il se trouve enclavé. Les traditions procèdent de la mer ou gardent le cachet callaïque; les habitants partagent leur temps entre l'agriculture et la pêche.

Les vallées des fleuves et les bords de la mer sont formés de plaines d'une grande fertilité, semées alternativement de maïs ou de seigle et de blé; cependant la propriété y est tellement divisée et morcelée que les procédés de culture demeurent toujours les primitifs.

Berceau de la nation, le Minho conserve les traditions les plus éloignées et exerce jusqu'à ce jour le culte panthéiste de la nature: point de travail agricole sans fête, point de *romaria* qui ne soit une manifestation des lointaines croyances d'un autre âge.

C'est aux romains que nous devons, ou tout au moins c'est à l'époque de leur domination sur la péninsule qu'eut lieu l'identification de la forme païenne de l'idolâtrie qui se maintient impunément à travers le christianisme.

Le peuple, d'une naïve ignorance, qui lui est particulière, tout en se soumettant successivement et en apparence au vainqueur, confond les religions, les rites et les superstitions: du temple (*fanum*) et de la mosquée il se fait une église, de la chapelle (*sacellum*) un ermitage; l'autel prend la place de la pierre aux sacrifices, tandis que le four cinéraire (*palumbarium*) cède la sienne au tombeau d'argile pour revenir au monument monolitique primitif; là, où l'idole était adoré autrefois, on vénère aujourd'hui le saint; les statues se sont transformées en images chrétiennes sans grands frais de formalités, quoique l'on s'efforce de soutenir le contraire.

La vénération de tous ces monuments sacrés continue sans interruption à travers les siècles.

Plusieurs races et tribus se sont débattues dans ce coin de l'occident, mais comme il y avait de la place pour toutes, elles se sont fixées selon la convenance du moment, et, s'entremêlant sous l'influence du plus fort, obéirent tour à tour aux grecs, aux phéniciens et aux carthaginois dont les natifs épousèrent le parti contre les romains.

Faut-il rappeler la vigueur et l'obstination indomptables dont nos ancêtres firent preuve contre les perfides légions qui ne cessèrent, trois siècles durant, d'envahir la péninsule?

La soumission de l'Espagne au pouvoir de Rome était un fait à accomplir lorsque les hordes barbares firent leur apparition en deçà des Pyrénées. C'est à ce moment que du fond des forêts tudesques nous est venu le germe de liberté que les invasions ultérieures des normands des deux bords du Rhin firent éclore à l'époque des croisades et c'est en partie à la permanence de ces derniers dans le comté portugalois que nous devons l'implantation de notre indépendance nationale.

Notre penchant pour la navigation trouve son explication dans le naturel aventurier de ces rois de l'océan, dont l'exemple fut cause de nos plus hardies prouesses maritimes.

O termo *lavrador* applicámol-o não só ao jornaleiro, antigo cabaneiro, sem eira nem beira, como ao pequeno proprietario que cultiva terras de renda, de que paga *pensão* ao senhorio pelo S. Miguel, 29 de setembro.

Entre nós os haveres de cada um avaliam-se pelos carros de pão que recebe, e pelas pipas de vinho que envasilha na adega.

A plantação dos vinhedos tem tomado incremento nos ultimos annos, e na insania de auferir grandes lucros o lavrador até sacrifica o terreno destinado a cultivo dos cereaes, esquecendo que o milho e o centeio sustentam a sua familia.

A vinha na baixa ribeira Lima está disposta em *latadas*, apoiadas em *esteios* de pedra, substituindo-se presentemente a madeira pelo ferro e fio de arame zincado; o vinho d'esta região, apesar do nome de *verde*, apresenta a côr tinta, com bastante corpo, saboroso ao paladar; merecem especial menção as qualidades de Perre, Outeiro, Santa Martha e Deão.

Guarda o nosso lavrador as lendarias festas campestres: *lavrada* ou vessada, *segada* ou ceifa, linhar ou *espadellada, esfolhada* e *malhada, vindima*, e *sarrabulho* ou matança do porco; n'estes trabalhos e alegrias tomam parte os visinhos, parentes e amigos, que mutuamente se ajudam.

As terras para o centeio lavram-se em novembro, as de milho em março e abril; aquelle, como o trigo das veigas da riba-mar, sega-se pelo solsticio de verão, e d'ahi o adagio—«em junho, foucinha no punho»—.

O linho, ainda hoje, se torna necessario para os usos domesticos; o grosso, *tumentos* e *estôpa*, serve para os merendeiros, toalhas, lençoes, camisas e calças dos homens.

A lã das ovelhas é lavada e cardada, e depois de tecida vae a pisar ao engenho *folão*, e a este panno chamam *bragal* ou *burel*.

Como temos duas qualidades de linho, *mourisco* e *gallego*, colhido em estações oppostas, tambem a época das *espadelladas* varía, mas ordinariamente realisam-se em junho.

Á espadellada concorrem as mais galantes moças do logar, que trabalham e cantam á porfia, acabando por dançar com os rapazes que se lhes juntam.

Mas os maiores descantes effectuam-se nas *esfolhadas*; e o milho cortado durante o quente dia de setembro amontoa-se na eira ou no proximo cobêrto; n'este logar á noite os convidados tomam a tarefa de descamisar as espigas do milho enchendo os cestos.

Não faltam ahi os mascarados, *conversados* das raparigas presentes, que em verso lançam o mote, ao qual as noivas respondem ao pé da letra, por vezes com quadras de rima livre, conceituosas e originaes. Como á meia noite a companhia deve estar desfeita, ás onze abancam á mesa para ceiar, havendo frequentes libações do *verdasco*, que esquenta os animos dos ciumentos, terminando não poucas vezes por se desafiarem, e sahirem a jogar o pau, abrindo reciprocamente as cabeças.

Todavia o minhoto é pacato, soffredor e economico; o que sobretudo o exaspera são as contendas de agua, não tolerando que o visinho impunemente lhe usurpe meia hora de agua de rega, e logo corre apressado para a justiça, em longo e dispendioso pleito.

Os campos de milho desde o S. João, 24 de junho, a 8 de setembro costumam ser regados, e como a agua vae diminuindo com a estiagem, é distribuida, dia e noite, por horas pelos consortes.

O nosso homem trabalha de sol a sol, anda muito, alimenta-se de substancias sãs, pondo de parte os condimentos irritantes.

O pão de milho, a *borôa*, constitue a base do sustento do lavrador, e á *malga* de caldo de couves com feijões ajunta em occasião dos trabalhos duas sardinhas salgadas ou uma posta de bacalhau, e a *infusa* ou canéca de vinho enche successivamente as tigelas vasias, que correm a roda, de bocca em bocca, n'uma franqueza peculiar ao nosso aldeão, pois que offerece sempre a pinga ao seu visitante.

Completam o nosso casal a junta de bois ou vaccas, o cão, fiel guarda da casa, e meia duzia de pequenas gallinhas, que á vontade esgaravatam no quinteiro, capitaneadas por um altivo gallo, cujo canto matinal é o despertador do campo.

O *logar* ou casal compõe-se de terreno lavradío, arvores de fructo, eido ou terreiro com latadas, que tambem circumdam todo o predio, cobrindo todos os caminhos e vallados.

A casa de alvenaría caiada costuma ter pavimento alto, varanda exposta ao sul ou poente, com servidão pela escada de pedra; em baixo ficam as córtes do gado e a adega.

*

* *

L'engraissement du bétail pour l'exportation est la seule industrie rurale connue dans le district de Vianna et les travaux agricoles forment la principale occupation des gens du peuple.

La désignation de *lavrador* comprend non seulement le journalier misérable, sans sou ni maille, mais encore le petit propriétaire qui cultive les champs qu'il loue moyennant une redevance payable à la Saint Michel, 29 septembre: le bien d'un chacun s'évalue par le nombre de mesures de maïs qu'il reçoit et par les pièces de vin qui entrent dans sa cave.

La plantation des vignobles a pris un grand essor dans ces derniers temps et la convoitise de gros profits a amené le laboureur, oublieux de ce que le maïs et le seigle assurent la nourriture de la famille, à sacrifier le terrain affecté d'ordinaire à la culture des céréales.

Dans la région du bas-Lima la vigne est disposée en treilles, appuyées à des étais de pierre; le fil de fer est venu substituer les poutres, tombées en desuétude; le vin de cette région est agréable au goût et malgré sa désignation de *verde*, a beaucoup de couleur et assez de corps: les plus estimés sont ceux de Perre, Outeiro, Santa Martha et Deão.

Les paysans observent scrupuleusement les fêtes champêtres traditionnelles: *lavrada* ou *vessada*, *segada* ou *seifa*, *linhar* ou *espadellada, esfolhada, malhada, vindima* et *sarrabulho* (tuage des cochons): les voisins, les parents et les amis prennent leur part à l'exécution de ces travaux.

Les terres affectées à la culture du seigle sont labourées en novembre, celles qui produisent le maïs en mars et avril; celui-là, ainsi que le blé des plaines bordant la mer, se fauche à l'époque du solstice d'été, d'où l'adage—«en juin, faux au poing».

Le lin est indispensable dans le ménage: les qualités ordinaires, *tumentos* et *estopa* (étoupe) sont employées à la fabrication des nappes, des serviettes, des draps de lit, des chemises et des pantalons.

La laine des brebis est lavée et cardée; après le tissage on la passe au moulin à foulon. L'étoffe ainsi obtenue s'appelle *bragal* ou *burel*.

Comme il y a deux variétés de lin, le *mourisco* et le *gallego*, dont les récoltes se font en des saisons différentes, l'époque des *espadelladas* varie: c'est cependant en juin qu'elles ont lieu le plus souvent, avec le concours des plus jolies filles de l'endroit qui travaillent et chantent à qui mieux mieux, dans l'attente de la danse finale avec les gars qui ne manquent jamais de paraître.

Mais de toutes les fêtes du travail, l'*esfolhada* est sans doute celle qui attire le plus de monde. Le maïs coupé pendant la chaude journée de septembre s'amoncelle sur l'aire ou dans l'appentis à côté. C'est là que, le soir, les invités se mettent gaîment à la besogne qui consiste à enlever les gousses qui enveloppent les épis dont ils emplissent les corbeilles.

Les gars amoureux masqués provoquent de leurs chants leurs fiancées qui répondent promptement et parfois les réponses, en quatrains rimés, ne manquent ni d'esprit ni d'originalité. Comme il faut que tout soit fini à minuit, on se met à table à onze heures pour le souper. Alors commencent les abondantes rasades de *verdasco* et souvent, après la sortie, les jaloux, surexcités et échauffés par le vin, se livrent à de véritables batailles où pleuvent les coups de bâton et où les membres cassés et les têtes fendues ne sont malheureusement que trop frequents.

Cependant le paysan du Minho est patient, dur au travail et ami de l'épargne: ce qui surtout l'exaspère, ce sont les disputes d'eaux. Jamais il ne souffrira que le voisin lui prenne, quand ce ne serait que pendant une demi-heure, l'eau d'arrosage à laquelle il a droit. Plutôt que de fermer les yeux sur un si mince délit, il est capable de porter plainte devant les tribunaux et de courir les risques d'un procès long et couteux.

Comme les champs de maïs doivent être arrosés depuis la St. Jean, 24 juin, jusqu'au 8 septembre et que l'eau, par ce temps de chaleur, devient chaque jour plus rare, les intéressés se la partagent par heures. Le paysan travaille depuis le lever jusqu'au coucher du soleil, il marche beaucoup et se nourrit d'aliments sains.

Le pain de maïs, la *borôa*, forme son aliment principal. A l'écuellée de bouillon de choux et d'haricots qui forme son ordinaire il ajoute, quand le travail le presse, deux sardines saures ou bien

As caixas de castanho e de pinho tornam-se o mobiliario indispensavel ao lavrador; servem de tulha, dispensa, guarda-fato, cofre, mesa, e até de banco, quando de menores dimensões.

A cozinha terrea serve de sala de jantar, e na vasta lareira toda a familia se aquece no inverno durante os longos *serões,* em que as velhas contam as historias que se vão transmittindo atravez as gerações.

Gosta o minhoto de concorrer á *feira* ou mercado semanal ou quinzenal, não trabalhando n'esse dia; e não falta ás *romarias* das aldeias proximas. Mas as grandes festas d'esta provincia são o Natal e a Paschoa.

Na noite de 24 de dezembro prepara-se uma ceia de bacalhau cozido com couves, bolinhos d'este peixe, bacalhau guisado com batatas e cominhos, bolos de gerimú, e como sobremesa *rabanadas* e ovos mexidos. Na lareira onde crepita o *cepo do Natal,* grande tronco de uma velha arvore, ferve o pote com o vinho quente com mel, bebida especial da occasião.

Quando se requer mais lauta ceia demoram-a para depois da meia noite, afim de acabar o jejum.

Em volta da mesa tomam assento todos os membros da familia, alguns vindos de longe para assistirem á *consoada;* n'esta noite não ha distincção de pessoas, comendo todos amos e creados na mesma mesa; aos familiares que não podem assistir recebem para consoada um bacalhau, pão trigo, a que chamam *molete,* assucar, arroz, castanhas, nozes e pinhões.

No dia de Paschoa aceia-se a casa, espalham-se hervas cheirosas no pateo para recepção da visita parochial, em que o abbade, de hysope em punho, asperge os freguezes, dando-lhes as boas-festas, o sacristão offerece a cruz a beijar, e os dois mordomos recebem, um os ovos na cesta, e o outro as moedas de prata na caldeira da agua benta; como batedores vêm dois ou mais rapazes com opas tocando campainhas.

A maior parte das casas apresentam comida e vinho ao prestito, mas o grande jantar está preparado em casa de um dos mais abastados lavradores da freguezia, eleito *mordomo da cruz:* ahi o *tinto* espuma nos cantaros, lembrando as bodas de Canaan.

Em domingo de Resurreição todos comem carne de vacca, arroz de forno, cabrito ou gallo, e o classico arroz dôce. Os padrinhos dão aos afilhados o *folar,* grande rosca de pão trigo, em fórma de ferradura, incrustada de ovos tingidos.

*
* *

O mercado semanal realisa-se em Vianna na sexta-feira; n'esse dia ha extraordinario movimento na cidade; mas a feira começa cedo, e ao meio dia está tudo em debandada.

A praça no largo de S. Bento não comporta o mulherio que afflue, por isso cá fóra no aterro á beira do Lima, entre o jardim publico e a ponte do caminho de ferro, estende-se a restante feira de productos e artefactos ruraes.

Aqui entre as filas de aldeãs, que em pé e com os cestos no chão mercadejam, podemos á vontade examinar as *moças* que mais se salientam por sua elegancia e côres fulgurantes do vestuario. Pômos de parte o fato escuro das mulheres de Darque, das gandarezas do Neiva, das sargaceiras de Anha, e as antiquadas roupas das serranas de Pêrre, Outeiro e Montaria.

Acolá destacam-se duas bellas raparigas! Mas que differença no typo e no traje! Esta é alta, delgada, esbelta; rosto oval e tez d'um branco pallido; nariz aquilino, olhos azues e cabello castanho claro. Moldura-lhe a cabeça um grande lenço azul franjado, cujas pontas depois de formarem o nó no alto, pendem artisticamente sobre as fontes, ornadas de bellezas. Veste saia de *riscas,* branca com fios verdes, orlada inferiormente com fôrro azul ferrete, deixando vêr o tornozelo, e calçando meia branca de entreabertos sobre uma pequena chinella. O casaco de panno preto, com que vem á cidade, data de poucos annos, porém desvanece-nos este mau effeito o garbo com que ella se apresenta e exprime; a sua esculptural figura denuncia-nos procedencia da raça hellenica. E não se pense que esta mulher de Affife seja unicamente uma peça decorativa; ella, e as suas circumvisinhas de Ancora e Carreço, tam-

une darne de morue. La *infusa,* sorte de cruche à vin, se vide et les pichets pleins font, de bouche en bouche, le tour de la table où règne une familiarité toute particulière à nos villageois.

L'attelage de charrue formé d'une paire de bœufs ou de vaches, le chien, gardien fidèle de la maison, une demi-douzaine de poules et le coq dont le chant matinal donne le signal du réveil aux champs, complètent le bien du paysan du Minho qui comprend en outre la terre labourable, les arbres fruitiers, et les treilles de vigne qui entourent la propriété et couvrent les chemins et les fossés.

La maison en maçonnerie, blanchie à la chaux, avec balcon tourné au sud ou au couchant, est haute de plancher. Un escalier en pierre y donne accès: les étables et les caves se trouvent en bas au rez de chaussée.

Les caisses en bois de marronnier ou de sapin forment le mobilier indispensable au paysan: elles sont à la fois son grenier, sa garde-robe, son garde-manger et les plus petites lui servent même de siège.

La cuisine, au rez de chaussée, sert de salle à manger; c'est là que la famille assemblée autour de l'âtre passe les longues soirées d'hiver et que les vieux racontent les vieilles histoires qui se transmettent ainsi à travers les générations.

L'habitant du Minho ne manque jamais la *feira* ou marché hebdomadaire ou bi-mensuel. Le jour de marché est pour lui un jour de repos: on est encore sûr de le trouver aux pélérinages des villages voisins, mais c'est à la Noël et à Pâques qu'ont lieu les grandes fêtes de la famille.

Pour la soirée du 24 décembre on apprête un souper monstre où la morue sèche est préparée et assaisonnée de plusieurs façons — aux choux, en boulettes, aux pommes de terre, au cumin, etc. Les *rabanadas* et les œufs brouillés au sucre forment le dessert. Le pot de vin au miel, boisson spéciale du jour, roufle sur l'âtre où pétille le *cepo do Natal* — gros tronc d'un vieil arbre. S'il s'agit d'un repas plus copieux on attend jusqu'après minuit pour ne pas rompre le jeun. Alors tous les membres de la famille, dont quelques-uns arrivés de loin, prennent place autour de la table: on ne fait point de distinction de personnes, maîtres et domestiques s'assoient côte-à-côte et ceux de ces derniers qui n'ont pu venir reçoivent chacun une morue, du pain de blé qu'ils appellent *molete,* du sucre, du ris, des chataignes, des noix et des pignons.

Le dimanche de Pâques on embellit la maison et l'on jonche la cour d'herbes aromatiques pour la visite du curé qui, le goupillon au poing, asperge ses paroissiens, leur souhaitant une bonne fête, tandis que le sacristain donne la croix à baiser et que les deux majordomes reçoivent, l'un les œufs dans la corbeille, et l'autre les pièces d'argent dans le bénitier: deux enfants de chœur prennent les devants et annoncent l'arrivée en faisant entendre des coups de sonnette. Dans la plupart des maisons on leur offre à boire et à manger, mais c'est chez l'un des plus cossus du village, élu majordome de la croix, qu'a lieu le grand dîner où la profusion des cruches de vin rappelle les noces de Cana. Ce jour-là tout le monde mange de la viande, du riz, du chevreau ou du coq et le traditionnel ris au lait. Les parrains donnent aux filleuls le *folar* (cadeau de Pâques), gros pain de blé en forme de fer à cheval, incrusté d'œufs teints.

*
* *

À Vianna, il y a marché tous les vendredis; la ville offre, ces jours-là, une grande animation; cependant comme il commence de bonne heure, à midi la débandade est complête.

La place de S. Bento est insuffisante pour contenir les femmes qui y affluent de partout avec leurs marchandises et leurs produits ruraux; le trop plein s'arrange comme il peut entre le quai et le pont du chemin de fer.

On peut alors admirer à l'aise, entre les files de villageoises qui trafiquent debout devant leurs corbeilles, celles dont l'élégance et les costumes aux voyantes couleurs frappent le plus l'attention. On les distingue facilement au milieu des robes sombres des femmes de Darque, des habitantes des landes du Neiva, des marchandes de varech d'Anha, et entre les costumes surannés des montagnardes de Pêrre, d'Outeiro et de Montaria.

Voici deux filles vraiment belles! Mais quelle différence de type et de costume! La première est grande, mince, elancée, le visage oval est d'un blanc pâle; le nez aquilin, les yeux bleus et les cheveux

bem do typo grego, cultivam na ausencia dos homens, estucadores e caiadores, toda a veiga da ribamar, onde outr'ora aportaram os fugitivos de Troia.

Aquell'outra rapariga surprehende-nos pelo conjuncto das tintas iriadas dos vestidos que lhe realçam as graças naturaes; de mediana estatura, rosto redondo e córado, olhos castanhos e cabellos pretos; de carnes rijas onde gira o sangue rubro, que revela saude e força, tem a viveza e a petulancia de quem conhece o que vale. Envolve-lhe a fronte amplo lenço de panninho vermelho com *penas de pavão*, gosto persa, atado á maneira de Affife. Sob a alva camisa de linho com bordados na gola, hombreiras e punhos, estes quasi sempre arregaçados, patenteando roliços braços, — desenha-se um busto cheio, comprimido a custo n'um coletinho de casimira carmezim, guarnecido a velludo preto, pespontado a capricho com sutache e lentejoulas, e fechado na frente por um cordão de espiguilha. Traça no peito, occultando por decôro o relevo dos seios, um meio lenço amarello, sobre que assentam os fios de contas de ouro com cruz, os rocões e o cordão em varias voltas pendendo do pescoço com *borboleta* e *habito* esmaltado. A saia de *riscas*, de lã urdida com algodão branco, e tapada com lãsinha vermelha com fios azues e verdes, e fimbrada com fôrro de 0^{m},20 de panno escarlate — assaz curta — descobre uma perna pyramidal e bem torneada.

A Santa-marthense calça como a Fifana. Entre o collete e a saia de trincha pregueada apparece na cinta a camisa refegada.

Prende-nos sobretudo a attenção o avental, tambem de *sirguilha*, com barras enxaquetadas de tintas vivas, magnificamente combinados os tons, e de uma execução perfeita; na tira superior sobre o funeu ha a profissão de fé da galante dona: dois corações trespassados por uma setta, e dos lados a cruz da Ordem de Christo e o signo samão judaico, e em grandes iniciaes a palavra AMOR, bordadas a linha vermelha. Completa este garrido e vistoso traje a algibeira, de pedaços de panno, polychromos, e ornada de lentejoulas e missanga. No ultimo relance advertimos que pendem das orelhas dois pares de brincos: as arrecadas mouriscas de filigrana de ouro, e os pingentes fusiformes com seus respectivos botões.

Terminando, diremos que vestem estas alegres roupas chamadas da *Areosa* não só as mulheres d'esta freguezia, mas ainda as da Meadella, Santa Martha, Serraleis e Cardiellos, áquem Lima, e as de Deão e Geraz, além rio.

Mas as saias de sirguilha mostram-se-nos n'uma infinita variedade de riscas em todas as côres e em todas as qualidades de panno, com forros mais ou menos largos, e por vezes excessivamente compridas.

Entre nós ha raparigas de porte tão senhoril e de feições tão delicadas, que diriamos que, nas margens do Lima, e nos arredores de Vianna, existem as mais lindas creaturas da terra, princezas disfarçadas em lavradeiras.

*
* *

As nossas phototypias representam:

— Uma *espadellada* formada de quatro lavradeiras da freguezia de Santa Martha; sobre o cortiço apoiam o linho que seguram na mão esquerda, e na direita empunham a espadella de madeira; dentro de um crivo vê-se já o linho em estrigas.

— Duas moças das mais guapas de Portuzello, uma com o cesto usual, e outra com a foucinha de cortar a herva, formam um delicioso par.

— Uma insinuante rapariga, sobraçando a cesta domingueira, expõe-se gentilmente diante da objectiva da machina.

— O palacio dos viscondes da Carreira; *A Arte e a Natureza* já se lhe referiu no numero anterior, por isso nos dispensa mais explicações.

L. de Figueiredo da Guerra.

chatain clair. La tête est couverte d'un grand foulard bleu garni de franges, noué en haut, dont les pointes lui tombent gracieusement sur les tempes. Elle porte une jupe blanche à raies vertes, ornée au bas d'une doublure bleu foncé, et laissant voir des bas blancs, couvrant les chevilles; les pieds sont chaussés de mules. Certes, la veste en drap noir qu'elle porte est vieille et passée, mais sa franchise et sa gentillesse la font vite oublier; sa figure sculpturale dénonce une origine grecque. Que l'on n'aille pas croire que cette femme d'Affife se trouve là pour la décoration: elle et ses compagnes d'Ancora et de Carreço, qui conservent elles aussi le type grec, cultivent dans l'absence de leurs hommes, stucateurs ou badigeonneurs, toute la plaine au bord de la mer, où débarquèrent autrefois les vaincus fugitifs de Troie.

La seconde, de taille moyenne, attire l'attention par la variété irisée des couleurs de son costume qui fait bien valoir ses charmes naturels: le visage est rond et coloré, les yeux bruns et les cheveux noirs. Les chairs sont fermes, un sang plein de force et de santé lui coule dans les veines: toute sa personne respire la joie de vivre et l'applomb que lui donne la conscience de sa valeur. Elle a le front entouré d'un large foulard rouge, semé de plumes de paon dans le goût persan, et noué à la mode d'Affife. Sous la blanche chemise brodée au col, aux épaules et aux manches retroussées et laissant voir des bras potelés, se dessine un buste plein, fortement serré dans un corset cramoisi, garni de velours noir, capricieusement soutaché et pailleté, et fermé sur le devant par un lacet festonné. Un fichu triangulaire de couleur jaune, sur lequel s'étale une longue chaine en or, faisant plusieurs fois le tour de la gorge, et d'où pendent un gros cœur et une croix de Malte émaillée, le tout en filigrane du même métal, dissimule chastement le relief des seins. Doublée au bas d'une bandelette de drap écarlate, la jupe à raies bleues et vertes, tissée de laine et de coton blanc et couverte d'un léger lainage rouge, n'est pas assez longue pour cacher des jambes fortes et bien tournées.

La villageoise de Santa Martha comme celle d'Affife a de petites mules aux pieds: à la ceinture, entre le corset et la jupe à plis on voit la chemise rempliée.

Ce qui cependant attire surtout l'attention, c'est le tablier, en grosse laine, échiqueté de larges raies aux vives couleurs dont les nuances sont combinées avec goût: sur la bande du haut on se rend compte de la profession de foi de la jeune femme: deux cœurs traversés par une flèche, au milieu, aux côtés la croix de l'Ordre du Christ et le signe de Salomon, le tout souligné par le mot AMOR, en gros caractères rouges brodés. Une pochette qu'elle porte au côté, faite de morceaux de drap de différentes couleurs et enjolivée de paillettes et de verroterie, complète ce pittoresque accoutrement. Il ne faut cependant pas oublier les deux paires de pendants qu'elle porte aux oreilles: les boucles mauresques en filigrane d'or et les pendants fusiformes.

Nous observerons que les voyants costumes d'Areosa sont portés non seulement par les femmes de ce village, mais encore par celles de Meadella, de Santa Martha, de Serraleis et de Cardiellos, en deçà, et par celles de Deão et de Geraz, au delà du Lima.

Ajoutons pour finir que les jupes offrent une variété infinie de nuances et sont faites de toutes sortes de draps, brodées de doublures plus ou moins larges, et parfois très longues.

Les traits de certaines riveraines du Lima et des environs de Vianna sont tellement délicats, leur maintien tellement noble et distingué que l'on croit se trouver devant les plus belles créatures de la terre, véritables princesses déguisées en paysannes, qui ont élu séjour dans ces parages.

*
* *

Nos phototypies représentent:

— Une *espadellada* formée de quatre paysannes du village de Santa Martha; tandis que de la main gauche, elles retiennent le lin sur un barillet de liège, de la droite elles empoignent l'espade: dans un crible à côté on voit les quenouillées toutes prêtes.

— Deux belles paysannes de Portuzello dont l'une porte la faux et l'autre la corbeille usuelle.

— Une jeune fille, la corbeille des dimanches au bras, pose gracieusement devant l'objectif.

— Palais des vicomtes de Carreira dont il a été question dans l'article précédent.

L. de Figueiredo da Guerra.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Palacio dos Viscondes da Carreira

VIANNA DO CASTELLO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Uma espadelada

VIANNA DO CASTELLO



EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Rapariga de Santa Martha

VIANNA DO CASTELLO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL (REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Raparigas de Portuzello

VIANNA DO CASTELLO

Egreja de Leça do Balio



Quem, por alturas de Gondivai, no concelho de Bouças, deixa a estrada do Porto á Povoa e toma para o nascente, por outra que, descendo, vae logo abaixo da Ponte da Pedra dar á de Braga, descobre subitamente ao fundo do valle do Leça, semi-occulta por um grupo de altos pinheiros, a linda e pequena egreja de Santa Maria de Leça do Balio, n'uma *grisaille* de velhos granitos como que oxydados pelo tempo, e em toda a sua mystica graça ogival, com que constrasta a mole poderosa e massiça da torre quadrangular, que do lado sul a domina, parecendo protegel-a e guardal-a.

Nada mais bello do que a apparição repentina d'essa pura joia gothica, em região onde quasi todas as egrejas matrizes são, de ordinario, de pouco valor esthetico e as melhores não passam de banaes reedições d'essa renascença degenerada, a que se chamou *estylo jesuitico*. No primeiro momento, ao vêl-a de longe, solitaria no fundo do seu valle, com a sua fachada voltada ao occidente, segundo o velho canon da architectura religiosa, com o seu portal em ogiva, a sua rosacea, os seus contrafortes, as suas esguias janellas, as suas ameias, a sua forte e orgulhosa torre de balcões e atalayas salientes — o espirito, n'uma especie de brusca regressão chronologica, suppõe-se miraculosamente transportado seis seculos atraz, e o que o espanta e lhe causa estranheza, como anachronismos destoantes, são a estrada de *mac-adam* em que se vae rolando, a carruagem ou a bicycleta que nos conduz — e, por fim, a mesquinha obra administrativa d'um cemiterio de bonecas, que lhe pespegaram mesmo em face da sua frontaria veneranda, com um trivial gradeamento de ferro, umas minusculas ruasinhas de murta aparada e umas pretenciosas capellas mortuarias — que, salvo o respeito devido aos mortos, está a pedir remoção ou transformação, em nome do decoro esthetico e archeologico.

Dos mais velhos documentos colligidos nas *Portugaliae monumenta historica*, conclue-se que, pelos seculos IX ou X da nossa éra, alli se fundou um mosteiro da regra de S. Bento — communidade duplice de frades e freiras. Em 1013, esse mosteiro com todas as suas pretenças é doado por Unisco Mendes ao mosteiro de Vaccariça, de que fica dependente. Em 1094, o mosteiro de Vaccariça e, portanto, com elle, o de Leça, passam por doacção do conde D. Raymundo para a Sé de Coimbra. Mas, logo no principio do seculo XII, D. Tareja, a mãe de Affonso Henriques, quando a Ordem do Hospital se estabeleceu no recente Condado Portucalense, doou-lhe o mosteiro de Leça. E na posse dos Cavalleiros de Malta ficou, quando n'esta ordem se converteu a dos Cavalleiros do Hospital de S. João de Jerusalem.

Entre 1334 e 1336 soffreu o velho edificio profunda renovação, sendo então construido o templo actual pelo balio D. Frei Estevão Vasques Pimentel.

Do antigo mosteiro benedictino e do paço dos balios não restam mais que esparsos vestigios, que aqui e alli se descobrem nos eidos, celleiros, pateos e outras dependencias rusticas da vasta quinta particular, em que, depois da secularisação e venda dos bens de mão morta, se transformaram os dominios do baliado.

O que se mantém de pé, e proximamente intacto, é a egreja de Frei Estevão Pimentel e a torre adjacente. A fachada principal é, na sua simplicidade, muito bella: — um portal que se profunda na espessura do muro em oito arcos ogivaes continuos e de tamanho decrescente, que outras tantas columnas sustentam; de cada lado um contraforte; entre os remates superiores dos contrafortes, sobre o portal, uma passagem em balcão com parapeito ameado, que se apoia n'uma linha de cachorros; por cima a rosacea, e no vertice da cimalha triangular a cruz de Malta. Nos pannos das muralhas da nave central e, mais abaixo, nos das naves lateraes, vêem-se duas filas de janellas, altas e estreitas, que, talvez para economisar a substituição dos vitraes arruinados, foram entaipadas a pedra e cal! Sobre as cornijas, ao longo dos telhados, corre em toda a volta uma linha de ameias.

Interiormente, a egreja divide-se em tres naves, das quaes a central é bastante mais elevada. Separam as naves cinco arcos ogivaes por banda, que robustos pilares, formados por feixes de columnas de fuste delgado e de capiteis ornamentados com motivos de fauna e flora, sustentam elegantemente. Ao fundo de cada nave, rasga-se uma capella de abobada artezoada. A capella-mór abriga os

Eglise de Leça do Balio



Le voyageur qui, aux approches de Gondivai, dans le sous-district de Bouças, quitte la route de Porto à Povoa pour suivre, dans la direction du levant, le chemin qui, tout près de Ponte da Pedra, aboutit à celle de Braga, aperçoit tout à coup, au fond de la vallée du Leça, à demi cachée derrière quelques hauts sapins dans une grisaille de vieux granits, pour ainsi dire oxidés par le temps, et dans tout son mystique charme ogival, la belle petite église de Santa Maria de Leça do Balio, avec laquelle contraste la tour quadrangulaire qui, la dominant au midi de sa masse lourde et puissante, semble être là pour la défendre et la protéger.

Rien de plus beau que l'apparition imprévue de ce pur joyau gothique dans une région où presque toutes les églises n'ont, le plus souvent, qu'une mince valeur esthétique et dont les meilleures ne sont que de banales répétitions de cette renaissance abâtardie que l'on est convenu d'appeler *style jésuitique*. Lorsqu'on l'aperçoit soudain, solitaire au fond de la vallée, avec sa façade tournée au couchant, selon l'ancienne règle de l'architecture chrétienne, avec son portail en ogive, sa rosace, ses contreforts, ses étroites fenêtres, sa forte et hautaine tour aux balcons et aux échanguettes saillantes, — l'esprit, dans un brusque recul chronologique, se trouve transporté six siècles en arrière et ce qui nous surprend surtout, ce sont, dans leur discordant anachronisme, la route en *mac-adam* que parcourt notre voiture ou notre bicyclette, et le mesquin cimetière de poupées, œuvre de l'administration, juste devant sa façade vénérable, avec sa banale grille de fer, ses minuscules ruelles bordées de buis tondu et quelques prétentieuses chapelles mortuaires. Tout cela, sauf le respect dû aux morts, demande à être urgemment écarté ou transformé au nom du décorum esthétique et archéologique.

Les plus anciens documents recueillis dans les *Portugaliæ monumenta historica*, nous apprennent qu'au courant des IXe ou Xe siècles de notre ère, fut fondé à cet endroit un couvent de la règle de Saint Benoît — communauté double de moines et de religieuses. En 1013, Unisco Mendes en fit don avec toutes ses appartenances au couvent de Vaccariça. En 1094, celui-ci et partant celui de Leça, par un acte de donation de D. Raymundo, devint la propriété de la cathédrale de Coïmbre. Cependant, dès le début du XIIe siècle, D. Tareja, mère d'Affonso Henriques, fit don du couvent de Leça aux chevaliers de l'Hôpital quand ils vinrent se fixer dans le Comté Portugalois, après quoi il passa définitivement aux chevaliers de Malte lors de leur fusion avec ceux de Saint-Jean de Jérusalem.

Entre 1334 et 1336 le vieux monument fut complètement rebâti par le bailli D. Frei Estevão Vasques Pimentel, auquel nous devons le temple actuel.

Il ne reste de l'ancien couvent bénédictin et du palais des baillis que des vestiges épars çà et là dans les cours, celliers et autres dépendances rustiques de la vaste propriété privée, qui par suite de la sécularisation et de la vente des biens du clergé, occupe aujourd'hui l'emplacement des domaines du bailliage.

L'église de Frei Estevão Pimentel et la tour adjacente restent seules debout et à peu près intactes. Flanquée de deux contreforts, entre lesquels un portail de huit ogives décroissantes, creusé dans l'épaisseur de la muraille, sur un nombre égal de colonnes — la façade est fort belle en sa simplicité. Au dessus du portail un large balcon crénelé s'appuie sur une ligne de corbeaux devant la rosace au dessus de laquelle et surmontant l'angle de la cimaise se trouve la croix de Malte. Sur les murs de la nef du milieu et sur ceux des bas-côtés collatéraux, on remarque deux suites de hautes et étroites fenêtres, que l'on a aveuglées probablement pour eviter la dépense qu'entraînerait la substitution des anciens vitraux. Au dessus des corniches, une ligne de créneaux fait le tour des toits.

Le vaisseau comprend trois nefs dont la principale est sensiblement la plus haute. Elles sont séparées de chaque côté par cinq arcs en ogive que supportent d'élégants et robustes piliers en faisceaux de colonnettes surmontées de chapiteaux ornés de motifs empruntés aux règnes vegetal et animal. Chacune des trois nefs aboutit à une chapelle à voûte d'arête. Celle du chevet renferme les tombeaux de quelques baillis et prieurs de l'ordre, Frei Lopo de Lima, Frei Christovão de Cernache, etc. Dans le mur de gauche de la chapelle du côté de l'Évangile, que l'on appelle *Capella de*

tumulos de alguns balios e priores da ordem, Frei Lopo de Lima, Frei Christovão de Cernache, etc. A do lado do Evangelho, chamada *Capella de Ferro,* contém, da esquerda, mettido na parede, o mausoleu do prior D. Frei João Coelho, e no chão, em campa rasa, a sepultura de D. Frei Estevão Pimentel, cujas virtudes e meritos se perpetuam n'uma magnifica placa de bronze de caracteres gothicos e finamente emmoldurada por uma cercadura de imagens de santos e escudos com cruzes — que do lado direito se encrusta na parede.

O tecto da egreja, de madeira, com travejamento descoberto, foi primitivamente todo de castanho. Ha pouquissimos annos ainda — pôdre, esburacado, ameaçando desabar — deixava passar a agua do céo como os crivos d'um regador. Ouvia-se missa, lá dentro, de guarda-chuvas abertos! Algumas abençoadas influencias lograram arrancar ao Estado um subsidio, com que se repararam os telhados. Mas o Estado não foi magnifico no seu dom; e o velho tecto de castanho remendaram-n'o a pinho, e d'uma fórma bem tôsca e abrutada.

Á entrada, improvisou-se, sustentado pelos dois primeiros pilares das naves, um grosseiro côro feito de traves velhas e madeira mal apparelhada. É uma profanação que a commissão dos monumentos nacionaes, sob cuja egide o edificio está, não deve tolerar de fórma alguma.

A grande torre, ultima sobrevivente das acastelladas fortificações que deviam defender este mosteiro de monges guerreiros, não tem mais que as paredes exteriores. Todas as divisões internas desappareceram. Ascender até ás atalayas, que cortam os seus quatro angulos, ou ao parapeito ameado do seu destruido terraço, assume proporções de empreza difficil e arriscada, tal é o estado das decrepitas e oscillantes escadas de madeira, que até lá conduzem.

Uma das mais bellas curiosidades do templo é a pia baptismal que, quasi escondida n'um angulo das paredes, á esquerda de quem entra, mal se póde vêr e examinar. Octogonal, de calcareo de Ançã, sustentada por um grupo circular de cabeças de brutescos, de colmilhos arreganhados, saíndo d'um revestimento de folhas de acantho, profusamente lavrada com estylisações floraes e com escudos brazonados que figuras de anjos amparam — esse baptisterio, obra do seculo XVI, foi, segundo o attesta a inscripção n'elle aberta, um dom do Prior do Crato, D. Frei João Coelho, cuja sepultura já vimos na *Capella de Ferro.*

Do mesmo tempo e do mesmo doador é o cruzeiro collocado um pouco ao sul da egreja, n'uma bifurcação de caminhos, que fórma um *trivium* bastante desnivelado. Tambem de pedra de Ançã, compõe-se d'uma columna cylindrica, cortada a meio fuste por um annel saliente que ornamentam duas guarnições, superior e inferior, de pequenas bolas, e encimada por uma cruz floreatada, d'onde pende uma interessante figura de Christo, muito caracteristica como documento iconographico e como esculptura. Ao sopé da cruz, sobre o capitel, ostenta-se um escudete com o brazão dos Coelhos. Em torno do annel, em caracteres gothicos, está gravada a epigraphe da doação, com o nome do doador e a data: 1514.

Entre as recordações historicas que a este templo se prendem — visitas de principes que, em viagem, n'elle buscaram aposentadoria, como D. Affonso Henriques, a rainha D. Mafalda, etc. — ha a extremar o casamento de D. Fernando e Leonor Telles, que alli se uniram quasi *á capucha,* por se não atreverem a fazel-o em Lisboa ou mesmo no Porto, onde o odio popular contra a loira adultera já começava a referver. Essas paredes, essas arcadas foram testemunhas do maior desvario do *formoso e inconstante:* — abençoado desvario, porém, que levando á revolução de 1384, ao advento da dynastia de Aviz e á consolidação da nossa independencia, mais uma vez provou que é por linhas tortas que Deus escreve direito no livro dos destinos humanos!

O monumento de Leça do Balio, sem a imponencia dos templos de grande fabrica, sem a riqueza de detalhes ornamentaes que opulentam a Batalha ou os Jeronymos, é, pelas suas admiraveis proporções, pela harmonia simples das suas linhas, pela austera pureza do seu estylo, pelo seu estado de conservação e, por assim dizer, pela sua quasi virgindade architectonica, um dos mais interessantes e mais bellos de todo o paiz. Restaural-o, expungil-o de algumas leves nodoas que o maculam, reintegral-o em toda a sua belleza archaica, era uma obra não só facil, mas relativamente barata. E, fazendo-o, ter-se-ía dotado a archeologia nacional com um modelo perfeito, um exemplar, tão puro como raro, da architectura portugueza do seculo XIV.

Luiz de Magalhães.

Ferro, se trouve le mausolée du prieur D. Frei João Coelho et, par terre, la pierre tombale couvrant les restes de D. Frei Estevão Pimentel, dont les vertus et les mérites sont rappelés en caractères gothiques, sur une magnifique plaque de bronze enchassée dans le mur de droite et encadrée dans une bordure du même métal finement décorée d'images de saints et de blasons avec la croix.

Le plafond, à charpente découverte, était autrefois en bois de châtaignier. Il n'y a pas longtemps que — pourri, plein de trous et menaçant de s'écrouler — il laissait passer l'eau comme la pomme d'un arrosoir. On y assistait à la messe, les parapluies ouverts, et ce n'est qu'à la suite de la mise en œuvre de certaines influences, touchées de tant de délabrement, que l'on est parvenu à arracher à l'administration un secours d'argent que l'on appliqua à la réparation des toits. Mais le gouvernement ne fut rien moins que magnifique et le vieux plafond fut grossièrement retapé en sapin.

On bâcla, près de l'entrée, sur les deux premiers piliers des nefs, un chœur en vieilles solives et en planches mal rabotées — profanation que la commission des monuments nationaux doit faire disparaître au plus tôt.

De la grosse tour, dernière survivante des fortifications qui defendaient ce couvent de moines guerriers, il ne reste que les murailles. Toutes les divisions intérieures ont disparu. La montée de l'escalier de bois que l'on voudrait tenter pour visiter les échanguettes qui garnissent les angles, ou le parapet crénelé de la terrasse disparue, est vite abandonnée à la vue du délabrement des marches oscillantes comme une entreprise trop difficile et offrant trop de risques.

Les fonts baptismaux, à peu près cachés dans l'angle à gauche de l'entrée, et très mal placés pour être convenablement examinés, sont une des plus belles choses que renferme le temple. De forme octogonale, en pierre calcaire d'Ançã, supporté par un groupe circulaire de têtes de grotesques grimaçant sous un revêtement de feuilles d'acanthe, richement décoré de motifs floraux et de blasons soutenus par des anges — ce baptistère, œuvre du XVIe siècle, est, comme nous l'apprend l'inscription qui s'y trouve gravée, dû à la munificence du Prieur du Crato, D. Frei João Coelho, dont nous venons de voir le tombeau dans la *Capella de Ferro.*

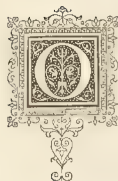
À quelques pas au sud de l'église, dans un croisement de routes formant un carrefour très mal nivelé, se trouve le calvaire, en pierre d'Ançã comme les fonts baptismaux, et construit par le même donateur. Ce calvaire est formé d'une colonne cylindrique coupée à mi-fût par un anneau saillant enjolivé de deux cercles de perles, et surmontée d'une croix fleuronnée, à laquelle est attachée une intéressante image du Christ fort remarquable comme document iconographique et comme sculpture. Un écusson aux armoiries des Coelho est placé sur le chapiteau au dessous de la croix. L'épigraphe de la donation avec le nom du donateur et la date — 1514 — est gravée en caractères gothiques autour de l'anneau.

Entre les souvenirs historiques qui se rattachent au monument — visites de princes qui comme D. Affonso Henriques et la reine D. Mafalda y séjournèrent pendant leurs voyages — nous rappellerons particulièrement le mariage de D. Fernando et de Leonor Telles qui y fut célébré en cachette par crainte de la haine que le peuple de Lisbonne et de Porto commençait à témoigner contre la blonde adultère. Ces murs et ces arcades furent témoins de la plus grande extravagance du roi *formoso e inconstante:* — extravagance que nous devons cependant bénir puisque, ayant abouti à la révolution de 1384, à l'avènement de la dynastie d'Aviz et à la consolidation de notre indépendance, elle nous donne une nouvelle preuve de ce que Dieu ne choisit pas toujours la ligne droite pour tracer sa volonté dans le livre des destinées humaines.

Sans la majesté des temples de grandes dimensions et dépourvu de la profusion de détails qui enrichissent Batalha ou les Jeronymos, le monument de Leça do Balio, par ses admirables proportions, par la simplicité harmonieuse de ses lignes, par l'austère pureté de son style, par son état de conservation et — passons le mot — par sa virginité architectonique, ne reste pas moins un des plus intéressants et des plus beaux du pays. Il serait non seulement facile, mais relativement peu coûteux de lui rendre toute sa primitive beauté en faisant disparaître quelques légères taches qui le déshonorent: l'archéologie nationale posséderait alors un modèle parfait, un exemplaire, aussi pur que rare, de l'architecture portugaise au XIVe siècle.

Luiz de Magalhães.

A Maia



O actual concelho da Maia, com as suas dezeseis freguezias, não é mais do que um exiguo retalho do que outr'ora se chamou *Terras da Maia*. Estas, que constituiram o senhorio famoso dos Mendes, dos quaes Gonçalo Mendes, o *Lidador*, foi o mais celebre, iam do Ave ao Douro pela linha maritima, e internavam-se profundamente para leste, comprehendendo, além do que hoje é concelho da Maia e do de Bouças, a maior parte das freguezias áquem-Ave do de Villa do Conde, e algumas outras dos concelhos limitrophes do lado oriental. Ainda antes da reorganisação administrativa, decretada no inicio do regimen liberal, este vastissimo concelho contava cincoenta e duas freguezias.

Mas as mutilações dos reformadores, as suas divisões arbitrarias e artificiaes não lograram alterar a obra lenta, secular e, portanto, estavel, da natureza e da historia. A despeito d'ellas, a região manteve a sua unidade physionomica, determinada pela constituição do sólo, pela sua flora, pelos elementos da paizagem, pelo typo da raça, pelos costumes, pelas tradições. As *Terras da Maia*, riscadas da nossa chorographia official e politica (como o foram as velhas divisões provinciaes, tão expressivas e justas sob os pontos de vista topographico, climaterico, agronomico e demographico) subsistem, porém, pelos caracteres regionaes que as individualisam.

De pequena elevação acima do nivel do oceano, para onde se inclina em lento declive; toda em ondulações largas e suaves; sem erupções bruscas e descarnadas do seu esqueleto granitico; sem valles profundos; pouco sarjada de cursos de agua, de que o mais importante é o rio Leça; coberta de vastissimas e densissimas florestas de pinheiros d'uma pujante vegetação — a Maia de hoje é uma região puramente rural, sem um grande centro, sem uma unica villa que tal nome mereça (a despeito de quaesquer classificações burocraticas) especie de federação administrativa de aldeias, dispersas aqui, contiguas acolá, que mosqueiam de branco o verde intenso, mas monotono, da sua suave e amena paizagem, esbatida dôcemente nas vaporisações prateadas d'um clima em extremo humido. Os campos, murados a pedra, ou vallados a torrão, incrustam-se na massa verdenegra das bouças, que o tojo florido matiza de oiro vivo. As casas de granito, muito caiadas, com cantarias fortes, e telhados vermelhos, agglomeram-se em logares ou espalham-se entre os campos, formando as habitações, abegoarias, eiras e mais dependencias das grandes quintas ou das pequenas casas de lavoura. Junto á habitação dos proprietarios ou caseiros, terreas ou sobradadas, estende-se o pateo ou eido, para onde abrem as córtes do gado, e que uma fôfa cama de matto alcatifa. Cobre-o sempre a ramada, onde se entretecem as altas cepas de vinhão, de azal, de borraçal ou padeiro, cuja densa folhagem, como um velario verde, o abriga no verão dos raios do sol. Logo além do pateo, na *cortinha*, encontra-se a horta onde a gigantesca couve gallega abunda e onde algumas fructeiras se espalham, mal dispostas e bracejando, sem póda, á lei da natureza. Seguem-se os campos, bordados de vinhas de enforcado, que se debruçam dos carvalhos, dos choupos ou das cerdeiras bravas. E, d'onde a onde, ergue-se ainda um castanheiro — dos que escaparam á assoladora epiphytia que, ha annos, os devastou.

Toda essa terra, magra e pouco profunda, é fertilisada á custa de grandes adubações de matto, curtido nos enchidos e nos curraes, e, modernamente, do caranguejo importado da beira-mar, que opéra como um correctivo, dando a esse adubo, rico de azote e potassa, a cal e o acido phosphorico de que é pobre.

A lavoura faz-se ainda como talvez a ensinaram os colonisadores romanos, a quem acaso se deve a introducção da vinha em arvores, trazida da Italia. O tôsco e pesado carro rustico é exactamente o *plaustrum* latino. Ás fundas lavouras da primavera chamam-se *vessarias* — de *vessar*, que vêm, evidentemente, de *versare*, voltar, virar: *versare terram*. O gado, barrozão puro ou braguez, de enorme armação em fórma de lyra, cabeça curta, grande e magestosa barbella, perna baixa, fundo de ventre, pellagem fina e loira — ou gallego, mais miudo, mais ruivo, menos armado, de olhos orlados de vermelho — junge-se pela elevada canga, entalhada e vasada em caprichosos arrendados, que se fixa á cabeçalha do carro por uma alta chavelha, torneada como um bilro.

Maia



Malgré ses seize paroisses, le sous-district de Maia n'est aujourd'hui qu'une partie fort restreinte de ce qu'on appelait jadis les *Terras da Maia* qui formaient la célèbre seigneurie des Mendes, dont le plus fameux fut Gonçalo Mendes, le *Lidador*. Ces domaines suivaient toute la ligne maritime qui sépare l'Ave du Douro et s'étendaient au loin vers l'intérieur, comprenant non seulement les territoires de Maia et de Bouças, mais la plupart des paroisses en deçà de l'Ave, celles de Villa do Conde et plusieurs autres appartenant aux sous-districts limitrophes du côté de l'est. Sans remonter plus loin, lors du décret qui au début du nouveau régime réorganisa la division administrative, ce vaste territoire ne renfermait pas moins de cinquante-deux paroisses.

Cependant les mutilations des réformateurs, pas plus que leurs divisions arbitraires et artificielles ne parvinrent à détruire l'œuvre lente, séculaire et partant durable de la nature et de l'histoire. En dépit de tout, la région conserve toujours son unité typique, déterminée par la constitution du sol, par la flore, par les éléments du paysage, par le type de la race, par les mœurs et par les traditions. Les *Terras da Maia*, rayées de notre chorographie politique et officielle (comme l'ancienne division en provinces, si expressive et si juste au point de vue topographique, climatérique, agronomique et démographique) subsistent néanmoins par les caractères régionaux qui les distinguent.

Un peu au-dessus du niveau de l'océan, vers lequel elle se penche suavement, en ondulations douces et larges, sans éruptions brusques et décharnées de son squelette granitique, sans vallées profondes, pauvrement sillonnée de cours d'eau, dont le Leça est le plus considérable, couverte de denses et de vastes forêts de sapins d'une superbe végétation, la Maia actuelle est une région purement rurale, sans un centre important, sans un seul gros bourg qui en mérite le nom en dépit de toutes les classifications burocratiques — sorte de fédération administrative de villages épars par ci, attenants par là, mouchetant de blanc le vert intense, mais monotone, de son suave paysage, doucement estompée dans les vaporisations argentées d'un climat d'une extrême humidité. Les champs entourés de murs en pierres ou de fossés à la levée de terre, s'incrustent dans la masse vert-sombre des friches que les fleurs des genêts égayent de leur note d'or. Blanchies à la chaux, avec leurs toits rouges, les maisons construites en grosses pierres de taille, s'agglomèrent en hameaux ou s'éparpillent par les champs, formant les habitations, les cours, les aires et autres dépendances des grandes ou des petites fermes. Tenant à la maison basse ou étagée du propriétaire ou du fermier, se trouve la cour entourée d'étables et de bergeries, et jonchée d'un moelleux tapis de bruyères. Elle est invariablement couverte d'une ramée, où s'entrelacent les hauts pieds de vigne dont le feuillage épais la protège pendant l'été contre les rayons du soleil. Viennent ensuite le potager aux innombrables et gigantesques pieds de gros choux que dominent par ci, par là, quelques arbres fruitiers vierges d'élagage, et enfin, les champs bordés de vignes que l'on laisse pousser librement sur les chênes, sur les peupliers et sur les cerisiers sauvages. On aperçoit, de loin en loin, de rares châtaigniers ayant échappé à l'épiphytie qui, il y a quelques années, en dévasta la plupart.

Toutes ces terres, maigres et peu profondes, sont nourries à l'aide de grandes quantités de fumier de bruyères, provenant des entassements ou des parcs à bestiaux. On emploie depuis quelque temps la crabe, qui agissant en correctif, ajoute au fumier, riche en azote et en potasse, l'oxide de calcium et l'acide phosphorique qui lui manquent.

Les procédés de culture n'ont pas changé depuis leur introduction, probablement par les colonisateurs romains, dont on a sans doute encore suivi l'exemple en laissant pousser la vigne sur les arbres. Le lourd et grossier chariot rustique est identiquement le même que le *plaustrum* latin. Les labourages profonds du printemps s'appellent *vessarias* — de *vessar*, qui dérive évidemment de *versare:* tourner, remuer: *versare terram*. Le gros bétail, *barrozão* pur ou *braguez*, reconnaissable à la longueur démesurée des cornes en forme de lyre, à la courte tête, au grand fanon majestueux, aux jambes basses, au pelage fin et blond — ou bien *gallego*, moins corpulent, tirant sur le roux, les cornes plus petites, les yeux bordés de rouge — s'attelle par un grand joug, capricieusement chantourné,

A população densa, prolifica, robusta, incomparavelmente laboriosa, tem as caracteristicas ethnicas do minhoto da zona maritima. Os laivos nordicos são vulgares. A tez branca, os cabellos loiros, os olhos azues fazem uma mescla, não muito rara, com o typo moreno, os cabellos e os olhos negros. A estatura é meã, as feições, nos dois sexos, são regulares, e as proporções do corpo notavelmente harmonicas. As mulheres da Maia têm fama entre as mais bellas do Norte. E essa fama não é destituida de fundamento. O seu principal encanto reside na elegancia do torso forte e *cambré,* da cinta estreita, dos quadris largos e bombeados, e na graça agil, ondulante e rythmica dos movimentos. Nada mais gentil do que vêr uma d'essas mulheres marchando, carregada: a cabeça direita, sustentando sem esforço apparente a canastra, ou o feixe de moliço, ou a trouxa da roupa, ou a lata do leite; o braço arqueado em aza de amphora; o busto bem erecto, fazendo avançar os seios; os rins flexiveis; o passo miudo, ligeiro e elastico, que dá á violenta propulsão muscular da marcha uma apparencia de facil e aereo deslisar — recordam, por vezes, mas mais correctas de fórmas, a linha esculptural d'uma cariatide que andasse, ou d'uma esbelta canéphora dos frisos gregos.

Não têm a boçalidade animal de algumas das nossas camponezas semi-selvagens. São mulheres, não são apenas femeas. E o seu lindo trajo, hoje muito corrompido pela invasão da pacotilha reles exportada das cidades, valorisa essa gentileza natural: sobre a camisa branca, de mangas justas nos pulsos, ataca-se o pequeno collete de merino, de ramagens de côr sobre fundo camurça; um grande lenço de lã, franjado, de côres vivas, cruza-se no peito; outro lenço mais pequeno, mas berrantemente pintalgado, emmoldura a cabeça e ata-se por duas pontas sobre a nuca; a saia de cima, de baeta ou de chita, cobre uma larga roda de saiotes e saias de baixo; resguarda-a um avental de riscado, e arregaça-a, apertando-a na cinta, quando em marcha ou no trabalho, uma faxa de lã. Os pés mal entram na pequena chinella ponteaguda. E, em dias de festa, as orelhas, o pescoço, o peito, resplandecem-lhes d'uma ostentosa profusão de oiro: grossas e longas arrecadas, grilhões de duas e tres voltas, contas, cruzes, imagens da Virgem, medalhas, enormes corações de filigrana.

A rude labuta da terra só se interrompe pelo descanço dominical ou pelas frequentes festas, arraiaes, romarias ou feiras. Ahi esquecem-se os trabalhos da semana, ri-se, dança-se ao som da viola, canta-se ao desafio, derriça-se em *flirts* brutalmente naturalistas, come-se vorazmente, emborcam-se com insaciavel sêde grandes canecadas de verdasco, ou negoceia-se com ganancia e astucia, discutindo as meias moedas e os quartos de moeda d'uma junta de bois, ou os vintens d'uma vara de linho e d'um alqueire de centeio barroso.

As condições economicas da região explicam esta larga parte dada ao prazer e á mercancia. A *aurea mediocritas* é o seu regimen chrematistico. A propriedade, muito dividida, mas não pulverisada, chega para quasi todos. Não ha grandes proprietarios absentistas. Ha, porém, um enxame de medianos e pequenos proprietarios, que amanham, elles proprios, as suas terras. Tambem não falta pobreza — como em toda a parte. Mas póde dizer-se que a verdadeira miseria é uma rara excepção. Quem tem braços e saude, tem o pão largamente garantido; e quem tiver amor ao trabalho póde amealhar sobras e enriquecer relativamente. A proximidade d'um grande centro, como o Porto, concorre para isso, com a procura de braços para as construcções civis e para as industrias, e com o mercado que offerece aos productos agricolas da região. Da cidade vivem os pedreiros, os carpinteiros, os trolhas, os tecelões, os carreiros, as leiteiras, as hortaliceiras, as lavadeiras, etc. E ao longo das estradas que d'ella irradiam, para a Povoa, para Braga, para Santo Thyrso, as filas quasi contínuas das pequenas habitações operarias, bem construidas, com as suas cantarias claras, as suas janellas amplas, o pequeno quinteiro adjacente toldado pela ramada, e um conforto já relativo de mobiliario, que se entrevê lá dentro, são um indicio manifesto e irrecusavel do bem estar das massas populares.

Por isso não admira que estas formigas laboriosas e encelleiradoras se transformem a miudo em cigarras — e nas suas ruidosas e animadas *kermesses* expandam, á luz do sol, em cantos, danças e folias bacchicas, a forte seiva do seu robusto e fecundo naturalismo.

Luiz de Magalhães.

que l'on fixe au timon du chariot au moyen d'une grosse cheville, tournée comme un fuseau à dentelle.

La population dense, prolifique, robuste et très dure au travail, présente tous les caractères ethniques de l'habitant de la zone maritime du Minho. Les traces de souche nordique sont vulgaires. On observe fréquemment le teint blanc, les cheveux blonds et les yeux bleus à côté des peaux brunes, des cheveux et des yeux noirs. De taille moyenne, les proportions du corps sont remarquablement harmonieuses dans les deux sexes; les traits sont réguliers. Les femmes de Maia sont justement renommées pour leur beauté entre les plus belles du nord. Ce qui nous charme surtout en elles, c'est l'élégance de leur torse fort et cambré, de leur étroite ceinture, de leurs hanches larges et bombées, ainsi que la souplesse ondoyante et rythmique de leurs mouvements. Rien de plus gracieux qu'une de ces femmes en marche chargée d'un fardeau: la tête d'aplomb, supportant sans effort apparent la corbeille, le faix de chaume, le paquet de linge ou le pot au lait; le bras arrondi en anse d'amphore; la poitrine tendue faisant avancer les seins; les reins flexibles; le pas menu, léger et élastique qui donne à la violente propulsion musculaire de la marche, une apparence aisée et toute aérienne — elles rappellent parfois, quoique plus correctes de formes, la ligne sculpturale d'une cariatide, ou d'une svelte canéphore des frises grecques.

Elles n'ont rien de la rudesse toute animale de certaines de nos campagnardes. Ce sont des femmes et non de simples femelles. Le joli costume qu'elles portent fait bien valoir leur grâce naturelle en dépit de l'invasion de la grossière camelote des villes: un petit corset en mérinos à ramages sur fond chamois lacé sur la chemise blanche dont les manches se serrent aux poignets; un grand foulard bariolé à franges en laine croisé sur la poitrine; un autre, plus petit, aux couleurs très criardes, entoure la tête, et se noue par deux pointes sur la nuque; une jupe de flanelle ou d'indienne, que protège un tablier à raies, retroussée pendant le travail ou la marche par une écharpe en laine, couvre toute une volumineuse série de jupons. Les pieds sont chaussés de petites mules pointues où ils entrent à peine. Mais c'est les jours de fête qu'il faut les voir toutes resplandissantes d'or — grosses boucles, chaines faisant plusieurs fois le tour du cou, chapelets, croix, images de la Vierge, médailles, cœurs énormes en filigrane.

Le rude labeur de la terre n'est interrompu que par le repos du dimanche, ou par les nombreuses fêtes, pélérinages ou foires. On oublie alors les travaux de la semaine, on chante, on rit, on danse au son de la guitare, on se fait la cour en *flirts* brutalement naturalistes, on mange avec voracité et on vide en conséquence d'innombrables pichets de *verdasco;* ou bien on entame des affaires où la convoitise donne lieu à de longues discussions dans lesquelles les pièces d'or d'une paire de bœufs ou les gros sous d'un boisseau de seigle sont âprement disputés.

Une part aussi large accordée au plaisir et au trafic s'explique par les conditions économiques d'une région, dont l'*aurea mediocritas* est le régime chrematistique. Point de gros propriétaires absentistes, mais en revanche, tout un essaim de moyens et de petits propriétaires qui cultivent eux-mêmes leurs terres. Il y a des pauvres comme partout, cependant la vraie misère noire y est fort rare. La subsistence est largement garantie à tous ceux qui ont de la santé et de bons bras; et ceux qui allient l'amour du travail à celui de l'épargne peuvent même aspirer à une richesse relative. Le débouché que le voisinage d'un grand centre comme Porto offre aux produits agricoles de la région, ainsi que la demande continuelle de bras pour les constructions civiles et pour les industries, aident puissamment à ces résultats. La ville fait vivre les maçons, les menuisiers, les badigeonneurs, les tisserands, les rouliers, les laitières, les maraichères, les blanchisseuses, etc.; et, le long des routes de Povoa, de Braga, de Santo Thyrso, les files presque ininterrompues des petites habitations ouvrières, solidement construites en pierres de taille, avec leurs larges fenêtres, l'enclos adjacent avec sa ramée, et le mobilier d'un certain confort que l'on entrevoit du dehors, sont un signe clair et irrécusable de bien-être chez le peuple.

C'est pourquoi il n'y a rien d'étonnant à ce que ces laborieuses et prévoyantes fourmis se transforment souvent en cigales et laissent couler librement au soleil, dans leurs chants, dans leurs danses et dans leurs folies bachiques, la sève qui déborde de leur robuste et fécond naturalisme.

Luiz de Magalhães.



EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Egreja de Santa Maria

LEÇA DO BALIO





A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Pia Baptismal

Cruzeiro

LEÇA DO BALIO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Uma vessaria

MAIA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Typos, de lavradeiras

MAIA

ERRATA

No artigo sobre a *Maia,* do nosso collaborador Luiz de Magalhães, publicado no n.º 24 d'*A Arte e a Natureza em Portugal,* um ligeiro descuido de revisão, deixando passar um *m* por um *n* no texto portuguez, alterou profundamente o sentido d'um periodo, determinando alteração identica na traducção franceza.

Eis o periodo tal como saíu:

«Nada mais gentil do que vêr uma d'essas mulheres marchando, carregada: a cabeça direita, sustentando sem esforço apparente a canastra, ou o feixe de moliço, ou a trouxa da roupa, ou a lata do leite; o braço arqueado em aza de amphora; o busto bem erecto, fazendo avançar os seios; os rins flexiveis; o passo miudo, ligeiro e elastico, que dá á violenta propulsão muscular da marcha uma apparencia de facil e aereo deslisar — recordam, por vezes, **m**as mais correctas de fórmas, a linha esculptural d'uma cariatide que andasse, ou d'uma esbelta canéphora dos frisos gregos.»

Seria realmente excessivo attribuir a sêres vivos e humanos, ainda os mais perfeitos, uma correcção de fórmas superior á das proprias idealisações anatomicas da estatuaria grega.

O que estava no manuscripto era o seguinte:

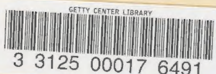
«... — recordam, por vezes, **n**as mais correctas de fórmas, a linha esculptural d'uma cariatide que andasse, ou d'uma esbelta canéphora dos frisos gregos.»

Em conformidade com esta rectificação, o texto francez fica assim modificado:

«... — elles rappellent parfois, **chez les** plus correctes de formes, la ligne sculpturale d'une cariatide, ou d'une svelte canéphore des frises grecques.»

INDICE

Collocação das phototypias



GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00017 6491

